



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Jéssica Bruna Borges Pereira

A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas

Uberlândia

2019



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Jéssica Bruna Borges Pereira

A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech
Wachelke

Uberlândia

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P436i
2019 Pereira, Jéssica Bruna Borges, 1994
 A influência do gênero no lazer [recurso eletrônico] : ideologia e
 práticas / Jéssica Bruna Borges Pereira. - 2019.

 Orientador: João Fernando Rech Wachelke.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

 Modo de acesso: Internet.

 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1231>

 Inclui bibliografia.

 Inclui ilustrações.

 1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Ideologia. 4. . I. Wachelke,
 João Fernando Rech, 1982, (Orient.) II. Universidade Federal de
 Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Angela Aparecida Vicentini Tzi Tziboy – CRB-6/947



Jéssica Bruna Borges Pereira

A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Maristela de Sousa Pereira (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Rafael Moura Coelho Pecly Wolter (Examinador)

Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, ES

Prof. Dra. Renata Fabiana Pegoraro (Examinador Suplente)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2019



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Dedico este trabalho à minha mãe, Sheila,
por todo amor e suporte que tive.



AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a todas as mulheres que de alguma forma lutaram no passado para que hoje eu pudesse estar no lugar onde estou. Em especial àquelas que são meus exemplos pessoais e meus refúgios, minha mãe, Sheila, e minha avó, Eleuza, por me ensinarem desde nova a lutar por aquilo que acredito e pelos meus objetivos. Por me ensinarem a força e o poder que vem de nós ao nos olharmos como quem pode estar aonde quiser e a sermos independentes. Obrigada por me apoiarem neste processo, assim como minha irmã, meu pai e meu avô, que mesmo pesando a distância e a ausência nunca deixaram de me dar base para seguir em frente.

À todos os professores que fizeram parte da minha história e que contribuíram para que eu pudesse alcançar o mestrado. Em especial, ao meu orientador João Wachelke, que possui de mim total admiração e respeito pelo profissional, educador e pessoa que é. Agradeço por todos os ensinamentos, reflexões, apoios e parceria.

Às minhas amigas e amigos, que me ajudaram direta ou indiretamente na construção deste trabalho, seja repassando leituras, pensamentos, discussões, seja pelo fortalecimento que me proporcionaram através do carinho, apoio, risadas, distrações e momentos incríveis.

Ao meu namorado que me deu suporte nos momentos de angústia e dúvida e sempre esteve ao meu lado, me incentivando a progredir e a acreditar em mim mesma, além de ajudar a tornar este momento mais leve e alegre.

Agradeço a todas e todos que de algum modo se fizeram presentes durante esta etapa, e, também aos protetores espirituais que tive no decorrer deste tempo por me guiarem e me darem luz.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio recebido.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que mulheres que vierem depois de mim
possam ver além

- legado

(Rupi Kaur)



RESUMO

O lazer não é uma atividade desinteressada, mas possui elementos sociais que o condicionam, o que leva a entendê-lo como uma prática social na medida que suas várias formas de manifestação são socialmente estruturadas e reconhecidas. Aqui são enfocados os condicionantes referentes ao gênero, ou seja, construções sociais sobre o que é ser mulher e ser homem, e como estas refletem um sistema ideológico que legitima uma relação de poder entre ambos. O estudo almeja caracterizar atribuições de adultos de Uberlândia-MG sobre a divisão de atividades de lazer segundo gênero e sua relação com aspectos ideológicos ligados às relações assimétricas entre mulheres e homens, além de entender como a posição social pode influenciar em tal atribuição. Para tanto, foram aplicados 913 questionários em adultos, que deveriam caracterizar 16 atividades de lazer como sendo destinadas mais para as mulheres, mais para os homens ou para ambos. Através da análise de frequências das respostas, análise de correspondência múltipla e análise de gráficos estilo *double-deckers* pôde-se verificar que atividades mais associadas a cada gênero reproduzem e mantêm uma lógica ideológica de papéis de gênero, determinando expectativas de como homens e mulheres estão situados no meio social, sendo à mulher destinadas atividades ligadas à maternidade e subalternidade e, ao homem, atividades ligadas à virilidade e dominação. Em termos de variações sociais, pessoas mais jovens e com escolaridade maior podem ter uma disposição maior a serem mais igualitários quanto à divisão de atividades entre os gêneros.

Palavras chave: gênero, lazer, ideologia, psicologia social



ABSTRACT

Leisure is not a disinterested activity, but has social elements that condition it, which leads to understand it as a social practice, as its various forms of manifestation are socially structured and recognized. Here we focus on the determinants of gender, which are social constructions about what it is to be a woman and to be a man, and how they reflect an ideological system that legitimates a power relationship between the two. The study aims to characterize adult attribution of Uberlândia-MG on the division of leisure activities according to gender, their relationship with ideological aspects related to the asymmetrical relations between women and men and to understand how social position can influence such attribution. To that end, 913 adults completed a questionnaire, which should characterize 16 leisure activities as being aimed more at women, more at men or at both. Through the analysis of frequencies, multiple correspondence analysis and double-decker plots, it was possible to verify that more gender-related activities reproduce and maintain an ideological logic of gender roles, determining expectations of how men and women are located in the social environment, with women being assigned activities related to motherhood and subordination, whereas men are associated with activities linked to virility and domination. In addition, younger and more educated people are more favorable to an egalitarian division of activities between genders.

Keywords: gender, leisure, ideology, social psychology



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
LAZER	02
LAZER COMO PRÁTICA SOCIAL	06
GÊNERO	11
IDEOLOGIA	21
OBJETIVOS	35
Objetivo Geral	35
Objetivos Específicos	35
METÓDO	36
Participantes	37
Instrumento	38
Procedimentos	39
Análise de dados	39
RESULTADOS	41
DISCUSSÃO	75
Lazer, gênero e ideologia	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICE 1	111

INTRODUÇÃO

As atividades de lazer e esporte estão presentes na vida das pessoas como momentos de relaxamento, diversão, entretenimento e de socialização. São inúmeras as possibilidades e formas que o lazer pode ter, desde ler um livro, assistir a um filme, viajar, jogar uma partida de futebol ou apenas sentar para conversar com um amigo ou familiar. Outro ponto é que o lazer parece assumir uma característica de ser desinteressado e de livre escolha das pessoas. Porém, ao se observar a fundo essas atividades, percebe-se que o lazer se dá dentro de um meio social e é influenciado por este. São elementos sociais que perpassam o lazer e o condicionam, e este pode ser entendido como uma prática social, na medida que suas várias formas de manifestação são socialmente estruturadas e reconhecidas.

Como prática social, o olhar para o lazer é através de seus vários condicionantes sociais, como por exemplo o aspecto financeiro, a idade e o gênero. O enfoque aqui é dado nas questões relacionadas ao gênero, ou seja, construções sociais sobre o que é ser mulher e ser homem. Dessa forma, pretende-se entender como o gênero pode influenciar nas atividades de lazer, e como essas práticas reproduzirão uma lógica de divisão de papéis entre mulheres e homens. O estudo almeja analisar a maneira com que tais expectativas e papéis servem para a perpetuação de uma ideologia de dominação de gênero, mesmo em atividades de lazer, e como estas últimas contribuem para a manutenção e transmissão desse sistema de ideias, tomando-se em conta também a posição social que o sujeito ocupa, ou seja, qual o lugar em que o sujeito está inserido no meio social com base na sua detenção de poder, seja material ou simbólico. Isso implica dizer que este estudo pretende também observar qual a posição social dos seus

participantes, como estes percebem o lazer segundo a categorização de gênero e a relação destes dois fatores.

Assim, primeiramente serão abordados elementos e características do lazer e a sua atribuição como prática social. Isso leva a uma discussão de como as construções sociais relacionadas ao gênero estão presentes na sociedade e a estruturam, inclusive as práticas de lazer, tentando se explicitar suas causas e consequências, e, assim, como tudo isso é regido por uma ideologia presente e legitimadora de relações de poder.

LAZER

O lazer passou a ser considerado como um campo de estudo e de pesquisas principalmente a partir da década de 1970 no Brasil, tendo como grande influenciador o sociólogo francês Joffre Dumazedier (Gomes e Melo, 2003). Dumazedier aborda o lazer de forma a defini-lo como as práticas do indivíduo em um tempo em que não está exercendo suas obrigações sociais. Para este autor, o lazer possui a característica de proporcionar descanso, pois é um momento alternativo às exigências do trabalho, diversão e desenvolvimento, promovendo maior participação social (Dumazedier, 1976). Seguindo este pensamento, o sociólogo brasileiro Renato Requixá (1977) afirma que no tempo destinado ao lazer, o indivíduo pode desfrutar de práticas às quais ele se entrega de livre vontade. Isto é, o tempo de lazer é o tempo livre do trabalho, no qual pode-se ter descanso, diversão, entretenimento, desenvolvimento ou qualquer outro tipo de atividade desejada. Dessa forma, Requixá (1977) conceitua o “lazer como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vivencia e cujos valores propiciam condições de recuperação e de desenvolvimento pessoal e social” (p.11).

Complementando, conforme Marcellino (1995), o lazer possui um caráter desinteressado, no sentido de que se busca basicamente a satisfação advinda da situação. Além disso, o autor acrescenta que o lazer deve ser entendido dentro do contexto histórico específico e como cultura vivenciada, sendo a cultura tomada não de forma restrita, se referindo apenas às artes, mas como uma atividade humana que dá significado. “Implica, assim, no reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência” (Marcellino, p.37, 1998). E, portanto, tendo o lazer este caráter histórico e cultural, ele é susceptível às influências da estrutura social vigente e é também um meio para questionamentos de tal estrutura. O lazer possui, assim, uma relação dialética com a sociedade, isto é, “a mesma sociedade que o gerou, e exerce influências sobre o seu desenvolvimento, também pode ser por ele questionada, na vivência de seus valores” (Marcellino, 2007, p. 3). Com isso, certos fatores sociais podem atuar no lazer e limitar a sua prática, como a condição financeira, gênero e idade. Outro elemento importante para a compreensão do lazer é sua ligação com a educação; para o autor, o lazer também serve para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (Marcellino 2007).

Mascarenhas (2005) enfatiza também o caráter histórico do lazer, afirmando que este não pode ser entendido como um fato social dado, mas em constante transformação e “procurando desvelar suas mediações com o universo da *práxis* social” (p.17). Sendo assim, o lazer não pode ser pensado fora da sociedade e dissociado de questões sociais. Ele não é apenas um momento que propicia descanso e satisfação para os indivíduos em seu período de não trabalho, mas também traz no seu desenrolar influências advindas da ordem social. Aquino e Martins (2007) consideram que o lazer se refere a um tempo destinado ao descanso e pode ser associado a práticas de recreação, entretenimento e diversão. Contudo, esse tempo, apesar de muitas vezes ser caracterizado por “tempo-

livre”, traz em si vários condicionantes sociais que interferem no modo como tais práticas se dão ou darão. Esses condicionantes podem ser de origem financeira, de gênero ou idade por exemplo, como já citado por Marcellino (2007). Dessa forma, a depender de sua situação financeira, o indivíduo possui ao seu alcance determinadas práticas de lazer que irão se diferenciar de outra pessoa que possua mais capital financeiro. Ou, ao se observar o gênero, também existem diferenciações que irão, de certa forma, predizer quais são os tipos de atividades de lazer para o feminino ou masculino. E isso também com a idade. Para uma pessoa de baixa renda, por exemplo, será mais difícil, ou até mesmo impossível, ter acesso a grandes espetáculos de música ou cinema, visitar museus ou ir ao teatro, seja em decorrência dos altos preços para a entrada e/ou a dificuldade de meios de transportes para se chegar a tais locais. Isso pode se aplicar também à realidade de muitos idosos que recebem um valor baixo em sua aposentadoria. Em relação às diferenciações a depender do gênero, ainda quando crianças, em grande maioria, as meninas são colocadas em atividades como o *ballet* e os meninos em escolinhas de futebol, refletindo uma estruturação muito comum em decorrência de expectativas criadas para cada gênero.

Aquino e Martins (2007) ainda complementam que o lazer pode ser associado a conceitos como entretenimento, recreação, turismo e divertimento. Camargo (1992) exemplifica o lazer com atividades como um bate-bola na rua ou na praia, uma caminhada, cuidar de plantas, assistir a uma novela ou a uma palestra, viajar, ir ao cinema e outras. O lazer, portanto, se expande pela execução de diversas atividades, impossíveis de listar totalmente. Entretanto, essas atividades possuem como um denominador comum a finalidade de descanso, divertimento e/ou desenvolvimento pessoal e social, como já dito sendo parte do conceito de lazer. São atividades que propiciam ao indivíduo alguma sensação de prazer.

Camargo (1992) também menciona que classificar as atividades de lazer é algo controverso e que a depender do critério utilizado é possível se ter inúmeras fórmulas. Contudo, tal autor conclui que a classificação que o sociólogo Joffre Dumazedier propõe se mostra a mais satisfatória, na medida em que este se baseia no critério do interesse cultural geral de cada atividade para fazer a sua classificação. Dumazedier (1999), assim, apresenta uma divisão das atividades de lazer segundo a sua propriedade dominante, ou seja, “aquela cuja presença é logicamente necessária à existência desta atividade” (p. 102), sendo elas: propriedades físicas, manuais, estéticas, intelectuais e sociais. Acrescentando, Camargo (1992) indica o turismo como outra área de interesse cultural no lazer.

Nas atividades de lazer que possuem como propriedade dominante a física se enquadram os esportes, caminhadas e semelhantes, que podem ser executadas em espaços destinados especificamente para essas atividades (academias, ginásios, quadras, etc.) ou não (ruas, residências, etc.). Sendo assim, o movimento físico é elemento base para atividades que aqui se classificam. Já nas atividades manuais, existe o prazer da manipulação, exploração e transformação de elementos, como o tricô, cultivo de hortaliças, fabricação de móveis próprios, cozinhar, etc. As atividades artísticas de lazer vão desde a prática do teatro, literatura e cinema até a decoração de casa, a maquiagem e as festas. A busca de conhecimento ou de uma informação em um livro ou nos meios eletrônicos são atividades que possuem como propriedade dominante a busca intelectual. Além disso, as atividades associativas de lazer dizem respeito à sociabilidade, ou seja, é o encontro com os amigos, colegas de trabalho, familiares e etc. O turismo envolve as viagens para lugares diferentes daqueles que são cotidianos, seja para a praia, lugares históricos ou para o campo, e, ainda, o turismo local, como a visita a *shopping centers*, museus, *shows*, etc. (Camargo, 1992).

Todavia, é difícil ter um discernimento claro e preciso sobre a classificação de algumas atividades de lazer. Essas categorias se entrelaçam na prática e não são rigidamente divididas. Elas ajudam a ter a noção do quão vastas são as possibilidades de lazer e que cada pessoa pode possuir aquela atividade que mais lhe serve como um momento de descanso ou divertimento, ou, ainda, todas podem lhe fazer sentido ou nenhuma. A proposta é entender que as atividades de lazer englobam inúmeras práticas que, à primeira vista, servem ao descanso e ao prazer da pessoa que as escolhem dentro das opções que lhe são possíveis. Segundo Brhuns (1997), tal acesso é favorecido nas camadas mais privilegiadas da sociedade e influenciado pela condição de vida da pessoa, sendo esta última não apenas financeira, mas também a idade e o gênero.

Com isso, o lazer é aqui trabalhado como o conjunto de práticas executadas fora do tempo de trabalho, consideradas como formas de descanso, divertimento e recreação pelos indivíduos, mas que são social e culturalmente influenciadas. Lazer, então, pode ser entendido como uma prática social, que possui como finalidade para quem o faz o divertimento e descanso, mas que carrega junto de si condicionantes sociais dos quais não pode ser dissociado.

LAZER COMO PRÁTICA SOCIAL

Tendo em vista as questões ligadas ao lazer: definição, classificação e ligação com o contexto social, chega-se ao ponto de que ele pode ser entendido como uma prática social. Ou seja, tomar o lazer como uma prática social implica dizer que ele, assim como todas as práticas sociais, é um comportamento reconhecido socialmente (Flament, 2001). São atividades observáveis que a pessoa desempenha e que são reconhecidas pelos demais no meio social.

Com isso, sobre prática social, Jodelet e Moscovici (1990) a abordam como “comportamentos socialmente estruturados e instituídos em relação a papéis” (p.287). Tais comportamentos são estruturados socialmente na medida em que fatores como valores, normas e ideias provenientes do meio social incidem sobre eles e os organizam de modo que são reconhecidos e aceitos. As práticas dos indivíduos, assim, são influenciadas por um sistema de ideias que é socialmente aceito e difundido, mas isso, em grande parte das vezes, de forma que esta pessoa não tenha consciência. Isto é, são práticas percebidas como sendo naturais e universais, uma vez que tal sistema de ideias e normas é dado desde antes ao nascimento, e sua reprodução se dá de inúmeras maneiras, seja pela prática ou discursos e é apresentado como o certo. Almeida, Santos e Trindade (2000) consideram que “tais conhecimentos organizam-se em conjuntos de ideias articuladas, fornecendo ‘modelos explicativos’ acerca de uma determinada realidade” (p. 258).

Esse conhecimento que ajuda no entendimento e na estruturação da realidade é compartilhado e reproduzido socialmente, sendo as práticas um meio para isso também. Jodelet (1989) aponta que esse sistema de conhecimento possui em sua formação representações sociais, que são ideias com uma visão prática e voltadas para a ação, construídas socialmente e que funcionam como orientadoras para a estruturação da realidade. Então, essas representações agem como base para a vida social, relações com os demais e consigo mesmo. É importante ressaltar como esse conhecimento compartilhado socialmente fornece subsídios para compreender e atuar na realidade. Ele possibilita que membros da sociedade tenham uma visão de mundo, além de contribuir para a identidade social destes (Abric, 1998; Jodelet, 1989). Dessa forma, é possível que as pessoas detenham um *script* de como se comportar e pensar diante de determinado objeto ou situação, pois esse conhecimento propicia esta capacidade, além de fornecer

elementos para a construção da própria identidade e de seu lugar dentro de um grupo social. Um conhecimento que detém em si inúmeras representações sociais, assim, que permitem a construção de significados para elementos e eventos. Contudo, como coloca Moscovici (1961), uma representação de certo objeto não é uma cópia fidedigna deste, mas uma construção coletiva baseada nas representações já existentes. Assim, a partir de um conhecimento compartilhado e construído socialmente, as pessoas possuem certas propensões a como pensar ou agir diante de determinado objeto ou situação, como se houvesse um roteiro ou um *script*, certo ou errado, a depender do contexto. Ou seja, é certo agir de tal maneira haja vista o lugar em que se está, ou as pessoas que estão presentes, ou, ainda, por eu ser quem sou.

Bourdieu (1977) traz um conceito importante que agrega à presente discussão. O autor estabelece que as estruturas que formam determinado meio produzem *habitus*, que se referem a princípios que permitem a geração e estruturação de práticas e representações, os quais possibilitam a regulação desse meio, sem que sejam percebidos como imposições. Ou seja, como já dito antes, as pessoas podem não ter consciência de que suas práticas são consequências de certos conhecimentos e representações e que, ao mesmo tempo, servem como reprodutoras e constituintes destas últimas. Assim, as práticas que são entendidas como previsíveis e dadas como certas são provenientes da homogeneidade desse sistema de princípios que é o *habitus*, e, por isso, são harmonizadas sem cálculo intencional e ajustadas na ausência de qualquer interação direta de sua origem. O sistema de *habitus* exerce um papel de regular o meio social por meio da sua homogeneidade, isto é, a sua uniformidade e grande adesão por parte dos membros do grupo social, sem a elucidação da sua origem. Aqui pode-se pensar sobre as diferenças existentes do que é considerado papel da mulher e do homem dentro da família. Por exemplo, enquanto as tarefas domésticas e cuidados com os filhos são, em grande

maioria, destinados à mulher, o papel de provedor é ligado ao homem. São ideias que se colocam em prática na vida de um casal e que aparentam ter vindo de uma ordem natural, ou seja, são colocadas como sendo naturais e compartilhadas pelos membros da sociedade. Mas não há, muitas vezes, um questionamento da origem desse sistema de papéis no contexto familiar e doméstico, o qual se estudado irá revelar uma construção social que vem de longa data e que é sustentado por diferenças sexuais. Portanto, é uma construção social que é transmitida e reproduzida pelos membros da sociedade, mas que pode ser modificada e questionada, e assim, não é natural ou imutável. Dessa forma, o *habitus* se delinea nesse sistema: o conjunto de conhecimento socialmente transmitido gera práticas nas atividades familiares, e a contínua execução destas últimas colabora para a reprodução e manutenção de tal conhecimento.

Outro ponto importante é que as práticas desse *habitus* são passíveis de sanções quando fora do ambiente em que foram objetivamente adaptadas; por exemplo, cada geração é constituída em um determinado contexto que vai gerar *habitus* que são percebidos como naturais e, ao se colocarem em “choque” com os *habitus* de outras gerações, podem aparecer certos conflitos. Isto implica que determinadas práticas são aceitas e reconhecidas socialmente a depender do contexto em que se está e por quem estão sendo feitas. O sistema de *habitus* permite, assim, ter um modelo de como agir, o que falar, diante de certa situação existente (Bourdieu, 1977). Exemplificando, pode-se pensar em embates entre pessoas mais jovens e idosas em relação a questões como o casamento e atividades domésticas, sendo que as gerações mais antigas podem tender a assumir uma posição em que os costumes tradicionais de divisão de papéis no meio familiar fazem mais sentido e são tidas como naturais, enquanto que os jovens podem adotar uma postura de questionamento a essas expectativas. Assim, no contexto de socialização das pessoas mais idosas, tais ideias e práticas são difundidas como certas e

aceitáveis, mas os jovens podem questioná-las. A forma como essas pessoas irão se comportar diante de atividades domésticas, por exemplo, pode diferir, pois o sistema de *habitus* no qual elas estão inseridas neste caso se distanciam.

Tal conceito, ainda, complementa a ideia de que as práticas, inclusive as de lazer, não podem ser dissociadas de sistemas de conhecimentos que são socialmente reproduzidos e difundidos, mesmo que essa ligação não venha à consciência. As práticas são influenciadas por esse sistema de conhecimento social (representações, ideias, crenças, etc) e este é reproduzido e mantido através das próprias práticas. Rouquette (2000) conclui que

a influência recíproca das representações e das práticas deve ser compreendida tanto como condição, quanto como determinação: condição uma vez que se trata do papel das representações no desenvolvimento da conduta; [...] determinação uma vez que se trata da ação das práticas sobre as modalidades do conhecimento [...]. (p. 45)

Assim, a forma como se dão as condutas dos indivíduos e as suas visões de mundo são muito mais do que elementos dados, ou seja, como se fossem elementos universais e naturais. Através dessa relação do sistema de conhecimento social e das práticas sociais a sociedade pode se organizar, determinar e reconhecer o que é certo ou não, o que é legítimo ou não, qual o papel de cada um e etc. Sendo assim, a realidade como conhecemos nos parece como algo natural, como se sempre fosse assim, devendo ser mantida, mas para entender melhor essa realidade que nos é apresentada é preciso ir até a sua origem e conhecer todo o processo histórico que a levou a ser como é. Pode-se perceber que o real como nos é apresentado é advindo das relações sociais existentes em certo espaço temporal (Chauí, 2001).

Voltando ao lazer, a partir de tudo isso é possível pensar em como tais atividades estão estruturadas da forma como estão e o papel que elas possuem na manutenção de um conhecimento socialmente compartilhado. No presente trabalho será enfocada a forma como as práticas de lazer repercutem questões ligadas a papéis de gênero que estão presentes na sociedade, ou seja, como o lazer em si pode suscitar os conhecimentos sociais que se tem do que é do espaço do gênero feminino ou masculino e assim, contribuir para a manutenção dessas expectativas que recaem sobre cada um deles e das relações de poder existentes. E, também, a forma como a execução e reprodução de tais práticas irão nutrir este conjunto de conhecimentos e a manutenção de um sistema de poder entre os gêneros, o qual permite que um se sobressaia em relação ao outro, caracterizando uma relação assimétrica.

GÊNERO

Como já apresentado, no meio social existem sistemas de conhecimentos que propiciam às pessoas dar significado e estruturar a sua realidade e fornecem diretrizes de como atuar nela a depender dos elementos presentes e do contexto, e, portanto, determinam o que é tido como aceito ou não socialmente. Isso implica algumas coisas importantes. Uma delas é que o sujeito já nasce imerso em uma rede de expectativas sociais que lhes são colocadas e que fazem parte desses conhecimentos socialmente compartilhados e referenciados. Ainda, ao longo do crescimento da criança lhe são permitidos certos comportamentos ou não; é ensinada uma visão de mundo, regras, valores, crenças, práticas e etc. Ao mesmo tempo, a depender de quem é este sujeito, as pessoas que conviverão com ele, as instâncias do mundo social e suas instituições, o

tratarão de certa forma e esperarão que esse sujeito seja e se comporte de determinado jeito. Uma característica importante que irá influenciar nisso tudo é o sexo biológico.

Bourdieu (2010) afirma que a divisão entre os sexos é algo que está naturalizado e parece ser normal, sendo inevitável e presente tanto em estado objetivado nas coisas quanto no meio social, incorporado a um *habitus* e “funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (p. 17). Com isso, são construídos socialmente papéis e expectativas para os corpos dependendo de seu sexo; do corpo biologicamente masculino são esperadas certas atitudes, como a virilidade e agressividade, e do corpo feminino, a passividade e a maternidade, sendo estes apenas alguns de vários outros exemplos. De acordo com Vivien Burr (1998), falar de papel implica dizer sobre um conjunto de comportamentos, deveres e expectativas que estão relacionados a uma determinada posição social que o indivíduo possui em seu meio, incluindo o sexo biológico. Assim, essa diferenciação não é apenas biológica, mas uma construção social que coloca no sexo representações, normas e expectativas que vão incidir na maneira como o indivíduo percebe os outros ao seu redor e a si mesmo, além de como irá se comportar e atuar em seu contexto. “Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza” (Beauvoir, 1970, p. 56). E aqui, a palavra gênero se faz muito importante para a discussão.

O conceito de gênero propicia entender que as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens vão além desse caráter biológico, e abarcam as construções sociais sobre o que se entende ser do âmbito feminino ou masculino. Portanto, ao se referir a gênero pretende-se colocar em discussão o caráter social da categorização de mulheres e homens, e, como Louro (1997) defende, são as representações e as construções sociais

em uma dada sociedade e em um momento histórico específico que irão constituir tal rotulagem.

Joan Scott, importante historiadora que trabalha a questão do gênero, traz a seguinte proposição para se pensar a sua definição:

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (1995, p. 86)

Em um primeiro momento, o gênero como socialmente construído permite ir além da divisão biológica dos sexos, não colocando como natural ser feminina, por exemplo, pois se tem o órgão sexual que a biologia determina como sendo da mulher, e sim possibilitando entender que ser feminina engloba inúmeras representações e é um processo social de construção, da mesma maneira que ser masculino. Dessa forma, as atribuições e expectativas que são decretadas a cada um dos gêneros também são construções sociais e imperam na forma como as pessoas vivem no mundo e são por ele tratadas. E, em um segundo momento está a relação entre os gêneros, a qual se mostra no decorrer da história como assimétrica, ou seja, uma parte dessa relação se sobressai sobre a outra. Assim, em *O Segundo Sexo*, obra que discorre sobre a mulher, Simone de Beauvoir afirma que “os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*” (1970, p. 15). Sendo assim, nesta relação entre os gêneros, o feminino esteve e está subjugado ao masculino. Essa relação é de tal forma que o próprio conceito de gênero é bastante utilizado no contexto de questionamentos acerca do papel da mulher e do homem na sociedade e a relação de desigualdade entre mulheres e homens. Já que

ambos estão sob a sombra das construções sociais do que é certo para cada um e lhes são esperados que mantenham tal lógica.

Ao se tratar de gênero, a discussão passa de um aspecto puramente biológico e sexual para se pensar nas construções sociais envolvendo o que é ser feminina ou ser masculino. É importante entender que tanto para as mulheres quanto para os homens são postos traços e expectativas que cerceiam e direcionam como devem se comportar e atuar no meio social. Mas que tais construções sociais permitem que um detenha mais poder e liberdade do que o outro, exigindo, assim, que cada um se porte adequadamente à posição que lhe é posta. O conceito de gênero ajuda na compreensão dessas construções e a entender os papéis que são colocados como da mulher e os do homem, e teve importância na reflexão que ambos poderiam ocupar um lugar de igualdade, principalmente que as mulheres poderiam ter mais direitos. Assim, aquelas diferenças que se embasam em um determinismo biológico e que colocam as mulheres destinadas a um lugar de inferioridade e subalternidade são colocadas em questionamento. Esse termo foi importante, dessa forma, para movimentos sociais chamados de feministas, que lutavam em prol da igualdade entre os gêneros, e serviu como uma ferramenta analítica e, até mesmo, política (Louro, 1997). O Feminismo vem com a proposta de superar as desigualdades entre os gêneros, tendo uma implicação cultural e política, e analisa as relações entre eles na sociedade, o que o situa também como uma corrente teórica (Mendez, 2005) e, dessa forma, vale entender melhor a história e aspectos importantes desse movimento que propiciou uma maior discussão e estudos acerca do gênero e como isso se deu no Brasil.

Várias atividades, protestos, reivindicações e produções estão presentes na história do Feminismo carregando sua importância para a causa, como é o caso do movimento das sufragistas, o qual ficou conhecido principalmente pela sua luta para que as mulheres tivessem o direito ao voto. Contextualizado no século XIX, esse movimento

está inscrito em um momento em que o capitalismo e a crescente industrialização modificam a ordem social, econômica e política de toda a sociedade, e conseqüentemente, a vida das mulheres, porém elas continuam afastadas dos direitos civis e políticos. O movimento sufragista surge então para lutar por tais direitos e defende que o sufrágio se estendendo às mulheres ocasionaria o acesso destas a órgãos estatais que poderiam abrir um caminho para a mudança de leis e instituições (Gurgel, 2010). No Brasil, a bióloga Bertha Lutz foi importante expoente na luta pelo direito ao voto das mulheres e uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a qual fez grande campanha pela causa e levou ao Senado um abaixo-assinado em favor da aprovação do projeto de lei que garantia às mulheres votar, sendo efetivada em 1932, com o Novo Código Eleitoral Brasileiro. Nessa mesma época, outro movimento significativo e de ideologia anarquista, foi a “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, formado por operárias brasileiras que vinham questionar suas condições (precárias) de trabalho (Pinto, 2010).

Será no final da década de 1960 que o feminismo, além de preocupações políticas e sociais, também se voltará para construções teóricas, onde seria posto em discussão o conceito de gênero (Louro, 1997). Porém, segundo Mendez (2005), mesmo com a garantia de acesso ao voto e a conquista de direitos civis, as mulheres ainda não se percebiam em igualdade com os homens. Foi nesse contexto que Beauvoir escreve “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1967, p. 9), trazendo em sua obra a discussão da construção social do que é ser mulher e a forma como isso a coloca em um lugar de inferioridade em relação ao homem, desnaturalizando o papel social. Assim, os movimentos de contestação social e de transformação, que expressam a sua inconformidade com a ordem social e política tradicionais vigentes na então década de 1960, proporcionaram uma efervescência através de grupos de conscientização, protestos, marchas e produções de livros, jornais e revistas, em países da Europa e nos Estados

Unidos (Louro, 1997). Porém, a dinâmica brasileira era diferente nessa mesma época, como salienta Pinto (2010). Em 1964 houve o golpe militar no Brasil, que viria a constituir uma ditadura. O regime militar tomava as possíveis manifestações feministas como política e moralmente perigosas, e limitava suas expressões, restando a elas a clandestinidade.

Mas em 1980, o Brasil pode vivenciar o movimento feminista e sua luta pelos direitos das mulheres, tendo um aspecto importante de interação com as camadas populares da sociedade. Segundo Pinto (2010), “[...] há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais [sic]” (p. 17). Ainda, em 1985 houve a posse do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que foi um marco para o movimento feminista, o qual se caracterizou pelo reconhecimento do governo federal da importância das reivindicações pelos direitos das mulheres (Sarti, 1988). E, além disso, as discussões sobre a violência contra a mulher e a saúde se tornaram ávidas, e, no ano de 1985 aconteceu a criação de delegacias especializadas para atender à população feminina vítima de violência. No que se refere à saúde da mulher, além de temas como maternidade e câncer, surgiu a discussão sobre a sexualidade, planejamento familiar e o aborto (Pinto, 2003). A Constituição de 1988 foi elaborada levando em consideração questões apresentadas que envolviam os direitos das mulheres e foi em 2006 que a lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006, intitulada Lei Maria da Penha, foi instituída para coibir e punir a violência contra a mulher (Pinto, 2010). Ainda em 2015 foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff a lei 13.104 que faz uma modificação no art. 121 do Código Penal Brasileiro, a qual coloca o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e o inclui no rol de crimes hediondos, alterando o art. 1º da Lei no 8.072 de 1990 (Brasil, 2015) ou

seja, atos de violência baseados no gênero se enquadram em tal qualificador. Mota (2017) traz também que o movimento feminista contemporâneo tem ganhado força na população mais jovem e é influenciado pela nova forma de comunicação em rede possibilitada pelas redes sociais, o que pode garantir maior acesso a suas pautas por um número maior de pessoas. Além disso, é importante notar que durante toda a história do movimento feminista, existem especificidades dentro dele próprio, como mesmo coloca Ribeiro (2016) ao falar sobre o feminismo negro, o qual traz em discussão a luta de mulheres negras pela igualdade de gênero e também pelo combate ao racismo.

Sendo assim, o que se observa neste processo é que a discussão pela igualdade das mulheres na sociedade ocasionou várias mudanças ao longo dos anos, tendo o Brasil uma história particular neste processo. Com os questionamentos da década de 1960 sobre o papel das mulheres e a colocação do gênero como um conceito relevante para desnaturalizar os determinismos biológicos que incidiam sobre elas, foi possível analisar como a relação (desigual) entre os gêneros era uma construção social e, por assim ser, poderia ser modificada. Foram vários anos de luta, protestos e produções que se engajaram para garantir o direito à igualdade, social e política, mas que não se finalizou; ou seja, as relações de gênero possuem ainda um viés da naturalização dos papéis sexuais e uma assimetria, que garante a existência de relações de poder. Como sustenta Amâncio (1992), ao masculino ficam associados traços de instrumentalidade, independência e dominação, enquanto que ao feminino resta a expressividade, dependência e submissão. Também Bourdieu (2010) afirma que a virilidade, agressividade, a dominação e o poder estão vinculados ao masculino, e a passividade e a maternidade, ao feminino. A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino acarretam a somatização da relação de dominação, e esse adestramento dos corpos impera disposições específicas para cada um. Ou seja, aos corpos são impostos papéis sociais e uma relação

de dominação, e, a depender disso tal corpo irá ocupar um papel de dominador ou de dominado. A mulher, mesmo com as suas grandes conquistas, ainda se vê destinada ao seu papel maternal e de submissão ao homem. E os homens devem exercer seu papel de provedor e viril, para que sua masculinidade possa ser atestada socialmente.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (Beauvoir, 1967, p. 21).

Com isso, essa relação de poder existente entre os gêneros, a qual coloca o masculino como aquele que é o possuidor e o feminino em um lugar de submissão e passividade, é construída continuamente desde quando crianças. E isso perpassa todos os âmbitos da vida do indivíduo, seja na escola, no trabalho, na vida familiar ou no lazer. Assim, desde crianças na escola até mesmo em um contexto de trabalho, os papéis criados para mulheres e homens são postos em prática, o que contribui para a perpetuação e reprodução deles mesmos, colocados sob um discurso de determinismos universais e naturais. A vocação possibilita que se mantenha uma relação harmoniosa entre as disposições esperadas e as posições de cada um. Já na escola cabe às meninas disciplinas e atividades que vão de acordo com aquilo que se vê como algo do âmbito feminino (Bourdieu, 2010). Sendo assim, às meninas são postas como pertencentes ao seu espaço atividades que as colocam em uma posição de frágeis e dóceis, enquanto que aos meninos são destinadas atividades que possibilitam um desenvolvimento motor mais ativo. Vale ressaltar e relembrar o Decreto-lei nº 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos Desportos em todo o país, que imperava, em seu artigo 54º, o seguinte: “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos

baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país...” (Brasil,1941). A ideia de fragilidade, docilidade e passividade das mulheres que tal decreto determina ainda existe em práticas atuais cotidianas, mesmo que de forma não tão explícita (Pereira e Mourão, 2005). Em relação ao esporte, como pontua Bourdieu (2010), as mulheres que se engajam nessa atividade podem ser tidas como “menos femininas” ou até mesmo lésbicas, pois passam de um corpo caracterizado pela passividade para ativo, entrando em um universo que pode ser tido como masculino.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), desenvolveu, no ano de 2017, o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano – Movimento é Vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas, o qual traz informações acerca de como se dá a prática esportiva no Brasil e propostas sobre o tema. No relatório existem dados oriundos de diversas pesquisas de como o brasileiro se relaciona com as atividades físicas e esportivas e, dentre eles, o gênero também é abordado. Com base na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação, o Relatório traz que, com enfoque na população de jovens escolares de 13 a 16 anos, que praticam atividades físicas ou esportivas pelo menos uma vez por semana, o grupo masculino é que se sobressai sobre o feminino, sendo este último 30% menor que o primeiro nas práticas. Além disso, tomando como parâmetro a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): práticas de esporte e atividade física, também realizada pelo IBGE no ano de 2015 e publicada em 2017, com pessoas adultas (15 anos ou mais), o Relatório pontua que os homens se sobressaem às mulheres na presença em atividades físicas ou esportivas em 28,4%. O relatório propõe a tese de que a prática de atividades físicas e esportivas tende para a população masculina por esta ser ainda um contexto que

reproduz uma cultura sexista, e, apesar de a mulher ter tido várias conquistas nesse território, ele ainda é tido como de domínio masculino. Aquelas mulheres que são atletas ainda vivem um conflito de ter que conciliar o seu suposto papel social de ser feminina – ser frágil, à prática esportiva que exige movimentação, competitividade e agressividade. Outro dado importante, com base na PNAD (2017), são os tipos de atividades físicas e esportivas a que cada grupo mais se vincula. As mulheres possuem um vínculo muito pequeno com a prática do futebol e maior com a caminhada, enquanto que os homens aparecem de forma predominante no futebol e diminuída na prática de caminhada e dança. Assim, as atividades que as mulheres estão mais associadas são aquelas que exigem menos agressividade e competitividade, realçando as características de docilidade e passividade de um papel feminino estabelecido pela sociedade. Já aos homens aparecem associadas a atividades de atestam a sua masculinidade e virilidade por meio de maior desempenho físico, agressividade e competitividade.

A partir disso, pode-se entender que as relações de gênero ainda se colocam em prática de forma desigual, mesmo com os vários avanços da luta pela igualdade entre mulheres e homens nos vários espaços sociais. Através de um sistema de representações que legitima o papel do homem como o ser dominador e a mulher como submissa e dócil, as práticas cotidianas, inclusive as de lazer, são organizadas por ele e o reproduzem. E, como em um círculo vicioso, as práticas sustentam este discurso e o ajudam na sua perpetuação. Assim, para se entender os mecanismos que possibilitam que tal discurso e práticas se reproduzam e se sustentam no meio social, influenciando a vida das pessoas em todos os seus âmbitos (doméstico, escolar, trabalho, lazer, etc), é preciso investigar as suas origens, a forma como se dão e as suas consequências. Para isso, é importante entender o conceito de ideologia, que permite se ter uma compreensão de como um

sistema de ideias é homogeneizado e reproduzido pelas pessoas, sem que haja a elucidação de sua construção, e como ele pode fomentar uma relação de dominação.

IDEOLOGIA

Para se compreender, assim, esta realidade como é apresentada e tida como natural, é preciso ir até a sua origem e conhecer todo o processo histórico que a levou a ser como é, e como as relações sociais a construíram (Chauí, 2001). Assim como traz Bourdieu (1986), ao dizer que “o mundo social é história acumulada [...]” (p. 46), a forma como o meio social está estruturado deve ser entendido como um processo de construção histórica. A sociedade, as ideias e práticas que a estruturam aparecem como existindo por si mesmas, porém são as pessoas quem as produzem, em suas relações com o outro e com o meio, em um determinado contexto histórico e cultural, dando significados à sua realidade. Todavia, mesmo que a realidade social tenha como base as construções advindas de relações sociais, os indivíduos que as formam não possuem, em grande parte, consciência desse processo. Ou seja, a estruturação da sociedade e de seus elementos, mesmo que provenientes de construções sociais, não se apresentam assim, mas como sendo naturais e ocultando a sua origem. (Chauí, 2001). Isto é, as relações de gênero, enfatizadas aqui, que muitas vezes são percebidas e vividas como algo que é natural (sempre foi assim) e que são reconhecidas e reproduzidas no meio social, devem ser analisadas sob uma perspectiva que englobe todo o seu processo histórico e social de construção. Portanto, como argumenta Chauí (2001),

[...] os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a

esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. (p.8).

É importante se atentar a alguns aspectos. O modo como as relações sociais e a sociedade como um todo estão estruturados é resultado de um processo histórico de construção em que as próprias relações sociais desempenham papel principal. Assim, o sistema de conhecimento social e as práticas socialmente reconhecidas, que muitas vezes são entendidos como naturais e inalterados, provém de interações entre os indivíduos e suas construções e significações. Justamente pelo fato que se apresentarem como naturais, a origem do conhecimento social e das práticas que organizam a sociedade é ocultada. Outro aspecto que merece atenção é como esse ocultamento das origens sociais dos conhecimentos e práticas que embasam um meio irão servir para uma relação de dominação, ou seja, esse ocultamento serve a alguém ou a algum grupo social e desfavorece outros. O poder dominante, como traz Eagleton (1997), vai se legitimar na medida em que promove ideias e as coloca como naturais, excluindo tudo aquilo que é contraditório a ele e ocultando esse processo. Com isso pode-se observar o movimento de entender certas crenças, valores e ideias como não construídos histórica e culturalmente. Assim, tais conhecimentos e práticas sociais que vão dar fundamentação à realidade social estão inseridos em um contexto ideológico, ou seja, um conjunto de ideias que vão dar sustentação e legitimação a crenças e práticas e são sustentadas por estas, além de possibilitar que sejam encobertas as suas origens. Dessa forma, entender os mecanismos que uma ideologia utiliza para se colocar como natural, legítima e, por isso, devendo ser reproduzida, e a quem ela serve, se faz necessário para se chegar à compreensão de como conhecimentos e práticas do cotidiano dizem respeito a estruturas

sociais que carregam em si uma história e vários condicionantes provenientes de uma ideologia predominante.

Van Dijk (2006) concebe a ideologia, primariamente, como um conjunto de crenças compartilhado socialmente em um grupo, contribuindo para a formação da identidade deste. A ideologia fornece, assim, controle e organização de tais crenças, promovendo a sua coerência e especificando quais são os valores culturais relevantes para o grupo. A ideologia serve como estruturadora de uma sociedade, proporcionando um sistema de crenças que serão compartilhadas pelas pessoas e assim, tidas como naturais e legítimas para elas, além de regulamentar o que é certo ou válido e o que não é. Porém, de acordo com Eagleton (1997), o termo ideologia parece fazer referência não unicamente a um sistema de crenças, engloba necessariamente questões de poder. Tais conjuntos de ideias que a ideologia traz para o meio social, de forma a estruturar suas crenças e práticas, irão servir a um grupo social, em sua maioria, a aqueles dominantes e detentores de algum tipo de poder. As relações de poder entre os grupos dentro de uma sociedade serão mantidas e naturalizadas em vista da ideologia predominante que regula o conhecimento social e as práticas, o que pode ocorrer inclusive de modo sutil e irrefletido no cotidiano das pessoas, como nas atividades de lazer.

Assim, o dado que o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano – Movimento é Vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas (ONU) apresenta sobre o futebol ser o esporte praticado por uma maioria de homens, e poucas mulheres, não é uma informação desprovida de significado. As práticas sociais são influenciadas pelo conhecimento social e reconhecidas socialmente, o que implica dizer que o futebol, enquanto prática social de lazer, também está nessa rede de condicionantes. Esse realce do masculino nessa prática de lazer mostra como esportes que exigem mais movimentação, agressividade, competitividade e boa desenvoltura física, são colocados

como uma vocação ou preferência masculina. Contudo, ao se observar a história do esporte do Brasil, a qual mostra que até certo momento¹ as mulheres eram proibidas de fazer algumas atividades esportivas por serem frágeis, pode-se entender que essa concepção ainda direciona certas práticas atuais. As supostas condições da natureza da mulher são usadas como justificativas para a formulação da lei e da crença social de um ser frágil que, assim, não poderia fazer parte do espaço esportivo usufruindo da mesma liberdade de escolha que um homem. Todavia, ao se parar e analisar a história das relações de gênero, o que se tem é que o papel da mulher é destinado aos cuidados domésticos e maternais, subserviente ao pai ou ao marido, com características de ser passiva, submissa e dependente, (Amâncio, 1992; Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2010) não lhe cabendo as atividades esportivas como o futebol.

Assim, o futebol é marcado por uma ideologia que reproduz a relação de poder entre os gêneros, com dominância do masculino. É o conjunto de crenças que a ideologia traz acerca do que cabe à mulher colocadas em práticas, ou, neste caso, na não-prática. A presença pouco significativa de mulheres na atividade de futebol não significa que a prática é inadequada para elas. Mas o futebol ainda é caracterizado por uma divisão sexual embasada em construções sociais do que é do âmbito feminino e masculino. E, como em um ciclo, a execução de tal atividade ser feita em maior parte por homens contribui para a manutenção e reprodução da ideologia que a sustenta. Apesar de Bourdieu não utilizar a palavra ideologia, o conceito de *habitus* se mostra importante para a discussão presente, haja vista que o primeiro diz respeito a como a realização de práticas sustentam e alimentam conhecimentos sociais, que por sua vez vão influenciar as ações das pessoas. Dessa forma, é um sistema em que existe a interiorização (construção de disposições de

¹ Como o decreto-lei nº 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos Desportos em todo o país, traz: “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país...” (BRASIL, 1941)

ideias e crenças) da exterioridade (práticas sociais), e a exterioridade da interiorização, ou seja, “o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade”. (Bourdieu, 1983, p. 46-47). A ausência significativa das mulheres (exterioridade) em atividades como o futebol é uma prática que segue um sistema de conhecimento socialmente produzido, isto é, ideias e crenças quanto ao gênero e a quem esta atividade é destinada (interioridade), e este sistema de conhecimentos serve para manter esta estruturação referente às atividades de futebol como sendo algo comum e aceito. A forma como o sistema de *habitus* se articula pode ser visto nesta dinâmica e contribui para a manutenção de uma forma de estrutura em uma prática social de lazer.

Com esse exemplo, pode-se entender um pouco melhor como algumas práticas cotidianas podem estar sendo influenciadas por questões ideológicas e que contribuem para as relações de poder, além de que o processo histórico é importante para tal compreensão. Conforme Thompson, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (2000, p. 76), ou seja, como que as formas simbólicas criadas socialmente e que estão presentes em nosso meio vão servir às relações de dominação. Ao falar sobre o poder simbólico, Bourdieu (1989) coloca justamente que os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante da construção da realidade, ou seja, a partir deles é possível um consenso sobre o sentido do mundo social e assim a reprodução de certa ordem social vigente. Pode-se pensar, então, que os sistemas simbólicos contribuem para a relação de dominação de certos grupos sociais sobre outros, impondo e legitimando esta dominação de forma a assegurá-la. Portanto, as diferentes classes e grupos sociais estão em uma luta simbólica para colocarem uma definição de mundo que convenha a seus interesses particulares. Assim, mesmo que o autor não utilize o termo ideologia, a ideia de poder simbólico agrega pois oferece esta visão de como o poder também se inscreve no âmbito do sentido, o que

corroborar com a ideia de que um sistema ideológico utiliza dos sentidos criados socialmente para legitimar e manter relações de poder, sem usar de repressão física para se inscrever. Repressão esta, porém, que pode ser consequência do sistema ideológico, mas não a base dele.

Além do mais, é possível identificar que a ideologia possui certas estratégias e formas de atuação para se manter e se reproduzir na sociedade. Uma delas é a legitimação, que se refere ao processo de aceitação por parte dos grupos sociais das relações de poder que a ideologia pode sustentar, estabelecendo certos interesses como aceitáveis. E, para isso, a estratégia da racionalização se faz importante, isto é, a ideologia utiliza de um raciocínio lógico que justifica certas formas de relações e coloca isso como digno de apoio, permitindo que certas ideias e valores apareçam sob um termo ético e racional, que podem ajudar no encobrimento do lado negativo e injusto da ideologia. Outra forma de atuação é a universalização, estratégia que permite a ideologia se colocar como eterna ao longo da história e como de interesse e pertencente a todos na sociedade, colocando o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. Aqui é fundamental também falar da estratégia da naturalização, a qual funciona de maneira a possibilitar que a ideologia apareça como “não-histórica”, ou seja, que certas crenças, ideias e práticas não foram construídas socialmente em um determinado contexto histórico e sim como sendo um acontecimento natural e inevitável, e por isso permanente e imutável. A unificação, outra forma de agir da ideologia, contribui para que haja a ideia de uma unidade e uma identidade coletiva e permite a criação de um referencial padrão que é colocado como um fundamento partilhado e aceitável. E, como um conhecimento socialmente aceito e reconhecido, deve ser colocado em prática. Assim, aqui se apresenta outra estratégia que a ideologia se utiliza – ela é voltada para a ação. Quer dizer que para ser bem sucedida

ela deve ser colocada em prática e estabelecer uma relação entre o nível das ideias e o prático (Eagleton, 1997; Thompson, 2000).

Logo, é possível se pensar em como algumas práticas de lazer se configuram em relação aos gêneros. Por exemplo, na maioria das vezes, ainda quando crianças, às meninas são ofertadas e propostas brincadeiras que envolvem bonecas, e para os meninos isso não é uma prática comum, reservando para estes brincadeiras com carros e bolas. São práticas bastante comuns e provenientes de crenças e ideias que as colocam como aceitáveis socialmente. Assim como apontam alguns estudos, como o de Cravo (2006) ao se referir às divisões de brincadeiras infantis: “enquanto a menina é vista brincando de ‘casinha’, de ‘boneca’, de ‘comidinha’, todas voltadas para o lar, os meninos são vistos brincando em espaços abertos como a rua, jogando bola, brincando de carrinhos ou de guerra” (p. 53). Também se está em conformidade com Bicalho (2013), o qual pontua que “na nossa sociedade, a boneca representa um símbolo do gênero feminino” (p. 48) e possibilita observar essa divisão quanto ao gênero em brincadeiras. Mas é preciso se atentar a esta estruturação e entender a forma como ela se dá. Como já discutido, traços como submissão, obediência, dependência, maternidade e passividade são ligados ao ser da mulher, a qual se espera que desempenhe todos eles, ou seja, existe um conjunto de crenças e ideias que estabelecem essa formação como normal e aceitável (Amâncio, 1992; Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2010). Quer dizer, é um conhecimento a respeito do que é ser mulher que é aceito por toda uma sociedade – é legítimo. Para a justificação de tal arranjo, existem vários sistemas de conhecimento que servem para dar lógica a ele, ou seja, para racionalizá-lo. Um exemplo é que as mulheres são delicadas e a maternidade é a sua grande realização e destino, pois elas são biologicamente capazes de gerar filhos e de seguir com seus cuidados, o famoso “instinto materno”, e são mais delicadas e fracas fisicamente que os homens, sendo que estes possuem mais força muscular. Assim, um

discurso biológico vem para dar elementos racionais e lógicos para se justificar a passividade das mulheres e o seu destino como sendo a maternidade. Dessa forma, como fazendo parte da “natureza da mulher”, são ideias e crenças que se aplicam a todas as mulheres e, portanto, são naturais e imutáveis. É formado, então, um padrão socialmente aceito sobre o que é ser mulher e as práticas irão seguir esta organização. Por conseguinte, a prática usual de ligar as brincadeiras com bonecas às meninas, quase que de forma exclusiva, tem uma relação com um sistema ideológico construído em torno de justificações de base biológicas e que permite que a maternidade seja a grande característica da mulher. Junto com isso, os traços de fragilidade e passividade podem ser associados, pois ao passo que as meninas brincam de boneca, como que “treinando para o futuro”, os meninos executam atividades que permitem maior movimentação e agressividade, como jogos com bola e carros, contribuindo também para a crença de que as meninas são mais delicadas que os meninos, e por isso suas atividades de lazer são mais tranquilas na medida que não exigem tanta movimentação corporal. “De um lado, a agressividade e o esforço muscular dos garotos, de outro, a calma, as habilidades sofisticadas das meninas, com verdadeiros rituais de fragilidade” (Cravo, 2006, p. 56).

As práticas de brincadeiras infantis refletem questões ideológicas ligadas ao gênero, e a execução delas mesmas contribui para a legitimação e manutenção de tais ideias e crenças, sustentando uma relação assimétrica entre meninas e meninos. Ou seja, uma relação de dominação, na qual os meninos se sobressaem em brincadeiras e jogos com maior movimentação corporal e liberdade, com cunho competitivo e que, na sua maioria, não estão ligadas a atividades domésticas como acontece com as meninas. Assim, aos meninos também é exigido que ocupem um espaço que não o de cunho doméstico, mas que exerça o que é tipo como masculino socialmente. Pereira e Mourão (2005) afirmam que [...] “desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um

tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao seu sexo (p. 206)”. A partir disso, fica melhor explicitado como a ideologia pode usar de estratégias para se manter e se reproduzir em um meio social, influenciando as práticas sociais e sendo nutrida e disseminada por estas.

Em vista disso, pode-se pensar como o lazer, enquanto prática social, está imbricado em aspectos ideológicos que servem a relações assimétricas e de poder entre os gêneros. São atividades desenvolvidas em um momento específico que possuem como finalidade para o indivíduo, descanso, divertimento e recreação. Atividades que se apresentam, muitas vezes, como de livre escolha deste mas que possuem em sua execução vários condicionantes sociais. Assim sendo, o lazer pode ser entendido e trabalhado como uma prática social, na medida que são ações reconhecidas e estruturadas socialmente, e com isso, susceptíveis à forma como o meio social está organizado. Ou seja, o lazer é influenciado pelo conhecimento social que faz parte do meio em que ele é realizado e contribui para a sua manutenção também. Conhecimento este que engloba a forma como os indivíduos são vistos e os seus papéis na sociedade, sendo o gênero um dos grandes fatores que incidem nesta estruturação. Este, por sua vez, é um conceito que reflete a forma como são criados papéis e expectativas sobre os sexos feminino e masculino e as relações de poder existentes entre eles. Assim, contribui para a compreensão de como foram se estruturando relações de poder entre os gêneros e em como isto reflete no conhecimento social acerca deles e nas práticas sociais, inclusive as de lazer. Essa organização é possibilitada por uma ideologia que sustenta essa relação de poder e exerce um papel importante para a sua manutenção e prática. Por conseguinte, o lazer, como prática social, pode servir a essa ideologia e às relações de poder entre os gêneros.

Como já mencionado, o lazer pode assumir várias feições. Para o presente trabalho serão abordadas atividades como brincadeiras infantis, entretenimento por meio de

programas televisivos, filmes e videogames, momentos de socialização em bares e festas e atividades esportivas.

Como já discutido anteriormente, as brincadeiras infantis podem revelar questões que estão relacionadas a esta divisão de papéis de gênero e alguns trabalhos apontam a forma que esta atividade é condicionada pelo gênero e como contribui para manter relações assimétricas entre eles. Pereira e Mourão (2005) observaram que em momento de recreação de crianças em uma escola existe uma divisão entre meninas e meninos quanto à escolha de brincadeiras e que grande parte das professoras contribui para tal feito. As meninas se relacionavam mais em ficar conversando ou, no máximo, jogavam queimada ou pulavam corda, enquanto os meninos desfrutavam de todo o espaço da quadra e pátio para jogar futebol, brincar de lutas e outras atividades. Além disso, as autoras colocam que o futebol parece ser amplamente dominado pela presença dos meninos, com a exclusão das meninas por esta ser considerada uma atividade masculina tanto por elas, quanto por eles. Aquelas poucas que poderiam participar eram julgadas por estarem em um ambiente supostamente único dos meninos. As professoras não questionavam tais divisões e contribuía para esta organização entre as crianças. Cravo (2006) também traz esta divisão nas brincadeiras infantis de modo que às meninas atividades que envolvam bonecas e brincar de casinha são mais associadas e, aos meninos, é mais estimulado jogar futebol e subir em árvores. Assim sendo, ao se observar quais são as atividades que foram mais relacionadas a cada um, elas fazem menção a um sistema de conhecimento social sobre o que diz respeito ao gênero feminino e ao masculino. Tal sistema incide na forma de como as práticas vão acontecer e elas contribuem para a perpetuação de um esquema que coloca as mulheres, mesmo quando crianças, destinadas a atividades ligadas ao ambiente doméstico e à maternidade, enquanto os meninos são livres em brincadeiras que trabalham o movimento corporal, a competitividade e

agressividade. A ideologia se coloca em ação por meio desse esquema e garante a continuidade de uma relação assimétrica entre os gêneros, possibilitando que essas associações sejam tidas, muitas vezes, como sendo naturais e legítimas, e não como construções sociais embasadas em uma estrutura que permite a dominação masculina.

Além disso, no esporte não é muito diferente. Com o mesmo discurso de fragilidade feminina, pautado muitas vezes em questões biológicas, o esporte se apresenta como supostamente sendo pertencente mais ao universo masculino. Por exigir, em maioria, daqueles que o executa força e boa desenvoltura muscular, além de ser um local em que aspectos como competitividade e de ser algo público, ou seja, realizado em grande parte em locais que são fora do ambiente doméstico (quadras, parques, clubes, rua, etc.), os homens se sobressaem, principalmente naqueles esportes que possuem a característica de serem mais agressivos (futebol, lutas, etc.). É o que se observa em dados obtidos em pesquisas realizadas no Brasil sobre o assunto pelo IBGE e descritas na PNAD (2017), os quais mostram que existe a presença maior dos homens na prática de esportes do que das mulheres, sendo que eles representavam 53,9% e elas, 46,1% da amostra. Em esportes como futebol, ciclismo, atletismo, lutas e artes marciais a presença masculina é superior à feminina, enquanto esta se vincula mais à dança e *ballet*, caminhada, ginástica rítmica e artística e *fitness*². Com isso, os esportes em que a presença da mulher é maior possuem um caráter de serem mais brandos em relação àqueles que são mais associados ao homem, além de que estão ligados à estética corporal. Dessa forma, ainda se mantêm nessas atividades crenças advindas de um discurso que coloca a mulher como mais frágil que o homem e, mesmo participando de esportes ela é associada a aqueles que, de certa forma, possuem características de manter movimentos refinados e não agressivos e que seguem

² O IBGE na elaboração da PNAD (2017) adotou dentro da modalidade *fitness* as seguintes atividades: hidroginástica, *spinning*, bicicleta ergométrica, esteira ergométrica, yoga, aeróbica, cardio fitness, pilates, *step*, alongamento, exercícios físicos, ginástica localizada, treinamento funcional e ginástica de academia.

a lógica da estética corporal, que faz parte de um padrão de beleza colocado para as mulheres. Essa estruturação de preferências esportivas e a associação de um gênero a determinadas atividades mostram como traços de passividade e fragilidade ainda estão associados à mulher ao se observar que os homens prevalecem em esportes de caráter mais agressivo. O esporte, assim, como uma área do lazer, também é perpassado por questões ideológicas que mantêm a lógica da relação de poder entre os gêneros e contribui para a sua reprodução e legitimação.

Bourdieu (2010) afirma que espaços sociais públicos são destinados aos homens e, os privados, às mulheres. Isto é, o ambiente doméstico é percebido como mais associado às mulheres do que aos homens, o que implica dizer que locais como bares, clubes e festas que não dizem respeito ao ambiente doméstico são postos ao do universo masculino. Assim, pode-se pensar que atividades de lazer que são executadas ou possuem relação com o contexto doméstico tendem a ser percebidas, em princípio, como destinadas mais às mulheres do que aos homens. Dessa forma, a relação de poder entre os gêneros é mantida também por práticas sociais que seguem esta lógica, inclusive as de lazer. São relações assimétricas, onde o homem fica em uma posição de poder e a mulher fica submetida a determinações que a coloca como pertencente ao espaço doméstico. São construções sociais que partem de uma ideologia que tem a característica de manter a organização dessas relações e de permitir que elas sejam colocadas em práticas e tidas como legítimas. A prática social do lazer contribui para a manutenção dessa ideologia e da relação de poder existente entre os gêneros. Mesmo com os avanços que a luta pela igualdade entre mulheres e homens alcançou, ainda se pode observar que essa estrutura ideológica utiliza de mecanismos para se manter em ação, até mesmo em brincadeiras infantis que, em primeiro momento, parecem desinteressadas, mas que refletem construções sociais pautadas na dominação masculina.

Assim, compreender a forma como o lazer está estruturado no meio social, tomando o gênero como categoria analítica, permite visualizar uma ideologia que serve à dominação masculina e à submissão feminina. O lazer, por possuir uma aparência de ser de livre escolha do indivíduo e desinteressado, pode refletir como tais relações de poder de gênero se fazem de maneira sutil nas práticas sociais e como estas contribuem para a perpetuação dessa organização ideológica. A percepção que as pessoas possuem do que é do âmbito feminino ou masculino nas atividades de lazer ajuda neste entendimento de como se dá a divisão por gênero de tais atividades e como as práticas irão se organizar e nutrir esta estruturação social. Portanto, o presente trabalho pretende observar como se caracteriza a atribuição de adultos, da cidade de Uberlândia – Minas Gerais, acerca da divisão de atividades de lazer tomando o gênero como categoria analítica. E, a partir disso, entender como os tipos de lazer mais associados a cada gênero refletem questões ligadas aos supostos papéis destinados a cada um e as relações de poder entre eles, além de observar a quem tal poder beneficia e as consequências de tal organização.

Além disso, essas atribuições serão observadas enquanto atreladas às posições sociais daqueles que participaram. Ou seja, conforme Bourdieu (1986), cada pessoa possui uma posição dentro do espaço social que vai depender de como ela se insere nas dimensões de poder. Isso quer dizer que o nível de poder que uma pessoa possui em um meio social vai ocasionar a sua localização em determinada posição social. Para o autor (1986), esse poder vai depender da quantidade e do tipo de capital que a pessoa possui. A noção de capital é abordada como uma forma de detenção de vários tipos de poder que englobam e vão além do capital econômico (riquezas econômicas). Por exemplo, além desse, o autor trabalha com a noção de capital cultural que se refere a elementos culturais e de conhecimento; o capital social que são as redes de contatos de pessoas; e o capital simbólico que diz respeito ao prestígio social (sendo que os demais citados podem se

tornar este). E é possível ter uma quantidade maior ou menor em relação a tais tipos de poder, em forma material ou simbólica.

Assim, uma pessoa irá agir sobre o seu meio social conforme o seu poder nessas dimensões, ou seja, o sistema de *habitus* que Bourdieu (1977) estabelece como um conjunto de princípios que permitem a geração e estruturação de práticas e representações são influenciados pela quantidade e o tipo de capital que uma pessoa ou um grupo possui. Dito de outra forma, o sistema de conhecimentos sociais que vai incidir na maneira em que as práticas se darão, e a contínua reprodução destas que sustenta tais ideias e crenças, vai depender do nível e do tipo de poder que uma pessoa possui no meio social. Desse modo, uma pessoa que possui uma quantidade elevada de capital econômico terá mais chances de desfrutar de atividades de lazer que possam ter um custo maior, como teatro, cinema, fazer compras por diversão, viagens, por exemplo. O sistema de *habitus* no qual esta pessoa está inserida e a sua posição social geram práticas que irão se diferenciar daqueles com baixo nível de capital econômico. E tais práticas sustentarão um conjunto de conhecimentos sociais que influenciam na maneira que tal pessoa estrutura e representa a sua realidade.

A partir disso, é possível observar a importância de se ter em consideração a posição social que a pessoa ocupa quando analisadas as suas atribuições em relação ao lazer e a estruturação desse segundo o gênero, já que, a depender de como é esta posição, suas práticas e seu conhecimento social se darão de uma forma.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Caracterizar a atribuição de adultos residentes na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, sobre a divisão de atividades de lazer segundo o gênero e sua relação com aspectos ideológicos ligados a relações entre os gêneros.

Objetivos específicos

Descrever as atribuições de adultos uberlandenses acerca da divisão por gênero de atividades de lazer.

Analisar as consequências de tais atribuições e como o lazer pode reproduzir questões ideológicas sobre a relação de gênero.

Verificar a relação entre as atribuições sobre a divisão de atividades de lazer segundo o gênero e a posição social dos participantes em relação a renda, escolaridade e faixa etária.

MÉTODO

Este estudo faz parte da Pesquisa de Percepções Sociais e Opiniões (PEPSO) executada em 2017, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, com realização do grupo de pesquisa pertencente ao Laboratório de Investigação em Psicologia Social Semiótica (ECLIPSE) da Universidade Federal de Uberlândia. Tal pesquisa é caracterizada por ser exploratória de opinião pública, pois, como traz Gil (2008), tais pesquisas possuem “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (p.27), além de possibilitar uma visão geral de certo fato, que no presente caso teve como tema as relações de gênero e ideologia. E também por ser descritiva, já que “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28).

Os dados foram coletados através de questionários aplicados em uma amostra não-probabilística. Os participantes eram abordados em locais públicos e em suas residências pelo grupo de pesquisadoras, e, após explicação do que se tratava a pesquisa e o consentimento, era aplicado o questionário. Assim, com o levantamento de dados por meio do uso do questionário foi possível a coleta direta das informações necessárias para este estudo, além de acesso a um número significativo de participantes, pontos estes que são vantagens para a pesquisa, como coloca Gil (2008). Porém, deve-se lembrar que mesmo que os dados sejam coletados diretamente dos participantes, ainda pode haver o viés da subjetividade destes. A amostragem não-probabilística também pode proporcionar certa desvantagem quanto ao rigor estatístico, já que se caracteriza por ser uma amostra selecionada por conveniência dos pesquisadores (Gil, 2008). De todo modo, no presente

estudo foram observadas pelas pesquisadoras as proporções dos participantes quanto ao sexo, idade e local de moradia em tabulações feitas para garantir uma maior representatividade de toda população.

Participantes

O total de participantes da pesquisa foi de 913 pessoas, com idades entre 20 a 49 anos e residentes da cidade de Uberlândia. Da amostra total de respondentes (n=913), 52,7% eram mulheres e 47,2% eram homens. Acerca da escolaridade 13,8% frequentaram até o ensino fundamental, 60,7% o ensino médio e 25,4% o ensino superior (Tabela 1). Em relação à renda mensal dos respondentes, a maioria da se encontra no intervalo de R\$ 1.875 a R\$ 4.685 (Tabela 2). As categorias de renda referem-se às faixas de até 2 salários mínimos, 2 a 3 salários mínimos, 3 a 5 salários mínimos e mais de 5 salários mínimos, em valores vigentes no período de coleta de dados.

Tabela 1: Escolaridade dos participantes

Categoria de resposta	Frequência	%
Ens. Fundamental	126	13,80
Ens. Médio	555	60,78
Ens. Superior	232	25,41

Tabela 2: Renda mensal dos participantes

Categoria de resposta	Frequência	%
Renda 1 (Zero a R\$ 2.811)	426	46,65
Renda 2 (R\$ 2.811 a 4.685)	262	28,69
Renda 3 (R\$ 4.685 a 9.370)	180	19,71
Renda 4 (> R \$9.370)	45	4,92

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário estruturado na Pesquisa de Percepções Sociais e Opiniões (PEPSO) (Apêndice 1) e que possui quatro partes: a primeira se refere a conceitos de feminino e masculino, seguida de uma parte sobre atividades de lazer de mulheres e homens, outra abordando questões sobre papéis de gênero no ambiente familiar e, por último, a parte em que eram coletados os dados sociodemográficos. Portanto, neste presente estudo serão analisados os dados referentes às atividades de lazer segundo o gênero e os sociodemográficos.

Na parte que concerne a esta pesquisa, foram apresentadas algumas atividades de lazer e os participantes deveriam caracterizá-las segundo a sua crença como sendo destinadas mais para as mulheres, mais para os homens ou para ambos. Foram no total 16 atividades de lazer, elaboradas com base nas leituras acerca do tema e que incluíssem uma diversidade desta prática, envolvendo o campo dos esportes (fazer caminhada, praticar luta, praticar dança, jogar futebol), brincadeiras infantis (brincar de casinha, brincar de boneca, brincar de carrinho), entretenimento (jogar videogame, assistir novelas, assistir filmes de romance, assistir programas de esporte) e atividades variadas (ir para bar, cozinhar, consumir bebida alcoólica, iniciar conversa com estranho em festa, fazer

compras). Assim, o participante deveria caracterizar, segundo a sua crença, determinada atividade como sendo *Quase sempre do homem*, *Mais do homem*, *Ambos igualmente*, *Mais da mulher*, *Quase sempre da mulher*. Havia também a opção (?) para quando o participante não soubesse o que responder.

Procedimento

A pesquisa foi realizada por três estudantes de pós-graduação (mestrado) vinculadas ao grupo de pesquisa ECLIPSE. As pesquisadoras abordaram pessoas que estavam em locais públicos de Uberlândia (praças, ruas, etc) e/ou foram até residências em bairros diversificados da cidade. Assim, para garantir uma maior heterogeneidade da amostra os dados foram coletados em dias e horários distintos e em locais variados. As aplicadoras apresentaram um cartão com as informações sobre a pesquisa e a explicaram verbalmente acerca da sua temática e a garantia do anonimato e, se a pessoa interpelada consentisse em participar, prosseguia-se com a aplicação do questionário. Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa de opinião pública com participantes anônimos, não houve a necessidade da avaliação dessa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa, segundo a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise de dados

Para se analisar os dados coletados foi utilizado o Programa R (R Core Team, 2017), que forneceu as frequências das respostas dos participantes para cada atividade de lazer. Além disso, para avaliar associações entre as atribuições de gênero das diversas atividades de lazer, foi efetuada uma análise de correspondências múltiplas (ACM). A

ACM é uma análise multivariada realizada em uma matriz com indivíduos em linhas e as variáveis categóricas, aqui as variáveis referentes ao lazer, em coluna. Permite avaliar atrações (coocorrências) e repulsões entre modalidades de variáveis, sendo que modalidades de variáveis associadas indicam que houve tendência dos participantes a escolherem as mesmas opções de resposta para as questões estudadas. A ACM descreve as principais dimensões de contraste presentes nos dados, indicando as principais diferenças em relação às respostas globais (Greenacre, 2007; LeRoux, & Rouanet, 2010). Desse modo, com poucas dimensões é possível sintetizar as principais associações existentes, caso haja algum padrão subjacente à atribuição de lazer aos gêneros. Para mais clareza em identificar as associações entre as modalidades de variáveis e qual a magnitude, foi construída uma tabela de proporções condicionais, a qual permite uma melhor observação sobre qual a proporcionalidade de uma modalidade de variável ocorrer dada a ocorrência de outra modalidade de outra variável.

Ainda, foram realizados também cruzamentos das variáveis referentes à atribuição das atividades de lazer aos gêneros com as outras variáveis referentes às características sociais, de modo a identificar associações com a posição social dos participantes. Para tanto foram utilizados gráficos chamados de *double-deckers*, os quais permitem uma melhor visualização dos dados já que mostram como as atribuições para cada atividade de lazer se dão dentro das variáveis faixa etária, escolaridade e sexo. Tais gráficos se caracterizam por serem uma estrutura especial, como coloca Hofmann (2001), já que sua organização é baseada em dois gráficos mosaicos um em cima do outro. Ou seja, são duas estruturas retangulares que vão se dividindo e tomando forma à medida em que os dados são inseridos. O primeiro retângulo, a partir da entrada dos dados, vai se dividindo em colunas e estas sendo organizadas com base nos dados das variáveis que são colocadas

na segunda parte do gráfico. Para maior clareza e melhor entendimento de tais gráficos, será apresentado na próxima sessão um exemplo de explicação de seu funcionamento.

RESULTADOS

Através da Figura 1, é possível verificar como se deu a classificação geral das atividades de lazer segundo o gênero. A partir da análise da frequência das respostas dos participantes, é possível observar que as atividades mais relacionadas à mulher foram brincar de boneca (82,2%), brincar de casinha (75,5%), praticar dança (67,6%), assistir novelas (55,5%), assistir filmes de romance (62,8%) e cozinhar (58,7%). Enquanto que jogar futebol (82,4%), brincar de carrinho (75,1%), assistir programas de esportes (66,8%), jogar videogame (69%) e praticar luta (63,7%), são atividades percebidas pelos participantes como sendo mais para os homens.

As atividades percebidas como de ambos foram fazer caminhada (61,2%), fazer compras (60,6%), consumir bebida alcoólica (64,5%), ir para bar (50,3%) e iniciar conversa com um estranho em uma festa (tomar a iniciativa) (45%). Porém nestas atividades é possível verificar que, mesmo consideradas predominantemente como sendo de ambos os gêneros, existe uma considerável pendência para cada um. Ou seja, as atividades de fazer caminhada e fazer compras, apesar da opção ambos aparecer com maior frequência, está mais associada ao gênero feminino (33,7% e 34,6%, respectivamente). E, seguindo a mesma lógica, são mais percebidas como sendo do gênero masculino as atividades de consumir bebida alcoólica (33,2%), ir para bar (48,8%) e iniciar conversa com um estranho em uma festa (tomar a iniciativa) (47%). O que leva a pensar que mesmo que exista a percepção de igualdade entre os gêneros em algumas atividades, ao observar o todo dos resultados, existe a pendência para algum lado.

Com isso, é possível perceber uma lógica na distribuição das atividades, em que para o gênero feminino são associadas aquelas que remetem à maternidade, passividade e atividades domésticas, enquanto que para o masculino, a virilidade, agressividade e dominação estão mais presentes. Com base nisso, o que se observa é que atividades de lazer seguem uma divisão fundamentada segundo o gênero, mesmo que sutilmente disfarçada atrás de uma percepção de ser de ambos. Ainda, as características de cada atividade revelam que os papéis sociais atribuídos à mulher e ao homem estão presentes no momento de lazer, o que corrobora com a ideia de que o lazer é uma prática social sustentada e reconhecida socialmente. Além disso, permite entender que o conhecimento social irá influenciar a prática, mas que a repetição e reprodução desta última irá sustentar também uma lógica social, que, no presente caso, se refere a uma lógica de dominação de gênero. Ou seja, as atividades mais relacionadas ao homem refletem características de dominação, agressividade e expansão, enquanto que aquelas que foram percebidas como

mais para as mulheres revelam traços de passividade e submissão, o que vai de acordo com Amâncio (1992), Beauvoir (1967) e Bourdieu (2010).

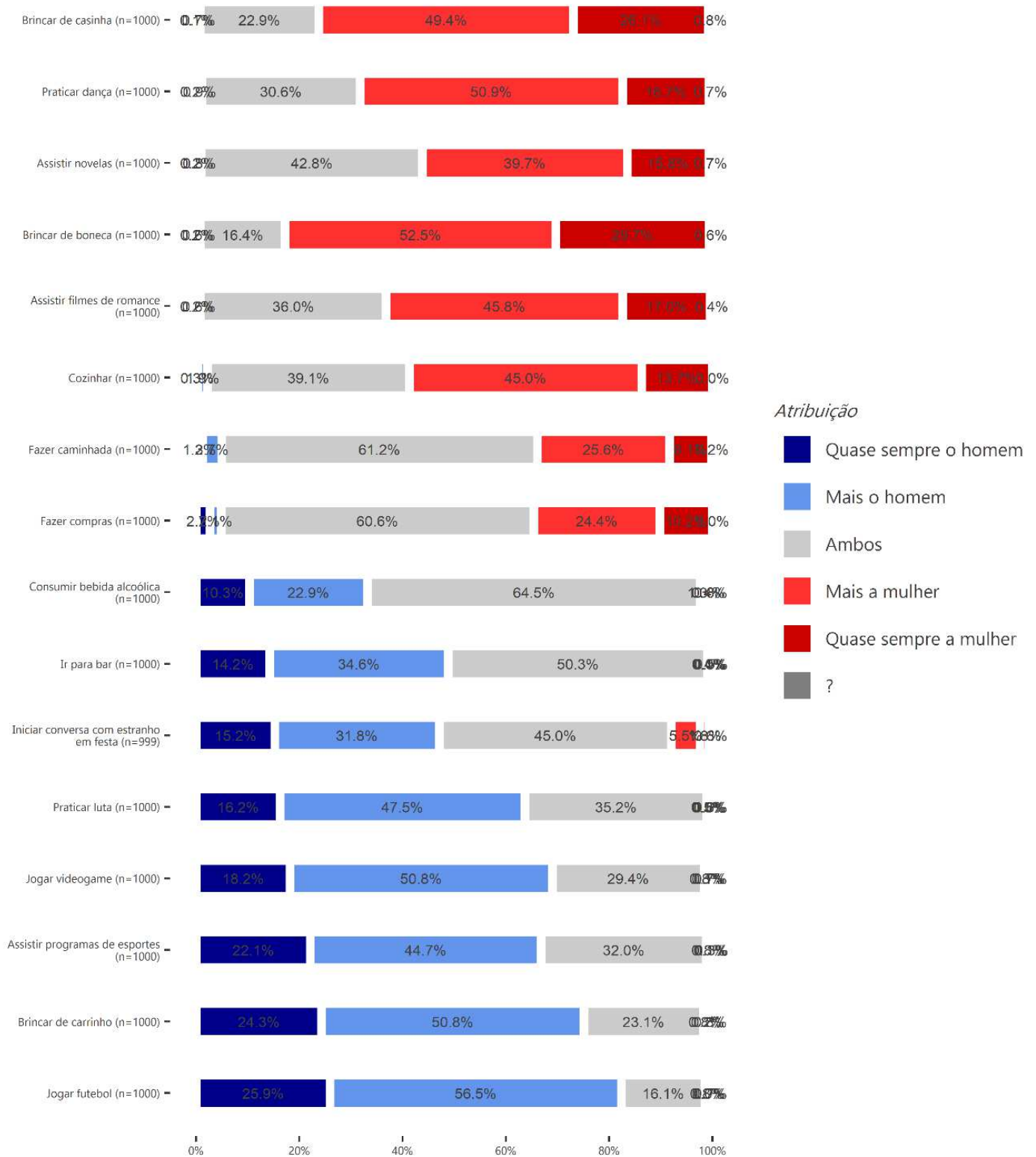


Figura 1: Classificação das atividades de lazer segundo o gênero

O lazer, assim, tomado como uma prática social também reproduz e é influenciado por uma lógica advinda de um sistema de conhecimentos sociais. Este, por sua vez, é reconhecido e construído socialmente e incide em como estruturamos a realidade, incluindo as expectativas que são lançadas sobre as pessoas, ou seja, os seus papéis sociais. O gênero, aqui enfocado, permite observar como tais papéis sociais criam um conjunto de normas, crenças e práticas atribuídas à mulher e ao homem. Porém, tais papéis sociais refletem uma lógica ideológica que possibilita ao homem assumir uma posição de dominação e a mulher de submissão, colocando esta num lugar destinado à maternidade e passividade. Mesmo em atividades de lazer que podem parecer desinteressadas refletem essa organização de divisão dos gêneros, como mostra os resultados acima. Assim, o procedimento de entender qual a relação entre as classificações feitas pelos participantes das atividades de lazer segundo o gênero e a posição social que ocupam se faz importante. Ou seja, a depender do tipo e quantidade de poder, material ou simbólico, que possuem, como se dá a sua percepção em relação a esta divisão. Sendo aqui analisado a posição social em relação à escolaridade, faixa de renda, idade e sexo. A seguir serão apresentados os resultados que a Análise de Correspondência Múltipla forneceu para se obter a relação entre as variáveis da classificação das atividades de lazer segundo o gênero, e destas com a posição social.

A análise de correspondências múltiplas apresentou 58 fatores, sendo que o primeiro fator explicou 14,6% da inércia, com autovalor de 0,53, e, o segundo fator explicou 8,8% com autovalor de 0,32. Os demais fatores não apresentaram dados relevantes e sua porcentagem da inércia, e, assim, seu potencial explicativo para os dados, foram menos importantes em relação aos dois primeiros, já que o terceiro fator explicou apenas 5,8% da inércia (com autovalor de 0,21), o quarto fator explicou 3,8% da inércia (com autovalor de 0,13), e os restantes tiveram proporções ainda inferiores. Assim, serão

apresentados os dois primeiros fatores, constituindo um plano que representa 23,5% do total da inércia.

Há 80 modalidades de variáveis ativas referentes às atividades de lazer, as quais são produto das 16 atividades de lazer e das 5 opções de resposta para cada uma. Assim a contribuição média para cada fator foi de $100/80 = 1,25$, portanto, para a análise de correspondências serão levadas em conta apenas aquelas que estão acima da média³. Além destas, também há as variáveis suplementares, que dizem respeito às informações socioeconômicas e, portanto, as posições sociais: escolaridade, faixa etária, renda e sexo. É importante, aqui, salientar que os nomes das atividades de lazer foram transformados em códigos para mais clareza e facilidade de análise e interpretação dos dados, resultando no seguinte: fazer caminhada (cam), ir para bar (bar), praticar luta (lut), jogar videogame (vid), praticar dança (dan), cozinhar (coz), jogar futebol (fut), consumir bebida alcoólica (alc), brincar de casinha (cas), assistir novelas (nov), iniciar uma conversa com estranho em uma festa – tomar iniciativa (con), brincar de boneca (bon), assistir filmes de romance (fil), brincar de carrinho (car), assistir programas de esporte (esp) e fazer compras (cop). Além das atividades, as opções de resposta também foram modificadas, as quais: quase sempre do homem (H), mais do homem (h), ambos (a), mais da mulher (m), quase sempre da mulher (M). Portanto, as modalidades de variáveis irão aparecer englobando tanto a

³ As modalidades de variáveis com contribuições superiores à média e pertencentes ao primeiro fator foram (valor da contribuição entre parênteses): lut_H (5,8), vid_H (5,6), dan_M (5,5), bar_H (5,5), fil_M (5,3), car_H (5,3), esp_H (5,2), nov_M (5,2), coz_M (5,2), cas_M (5,0), bon_M (4,9), fut_H (4,8), alc_H (4,5), con_H (3,9), cam_M (3,6) e cop_M (2,6). As modalidades do segundo fator e com contribuição acima da média forma (valor da contribuição entre parênteses): bon_a (5,9), fut_a (5,7), cas_a (5,0), car_a (4,8), esp_a (4,6), dan_a (4,5), fil_a (4,3), lut_a (4,1), vid_a (3,9), nov_m (3,9), coz_a (3,7), fil_m (3,6), nov_a (3,3), lut_h (3,1), cop_m (2,9), coz_m (2,8), esp_h (2,8), bar_h (2,7), dan_m (2,7), vid_h (2,5), cas_m (2,2), acl_h (2,1), con_h (2,0), cam_m (2,0), car_h (2,0), bar_a (1,7), con_a (1,6), bon_m (1,6), cop_a (1,6) e fut_h (1,3).

atividade de lazer quanto a sua resposta, por exemplo, fazer caminhada com resposta mais da mulher ficaria da seguinte forma: cam_m.

Ainda, também para facilitar o entendimento dos dados as variáveis suplementares foram transformadas em códigos. No que diz respeito à renda mensal (R), resultou no seguinte: R_1 (0 a 2 salários mínimos), R_2 (2 a 3 salários mínimos), R_3 (3 a 5 salários mínimos) e R_4 (mais de 5 salários mínimos). A escolaridade (E) ficou dividida em ensino fundamental (E_F), ensino médio (E_M) e ensino superior (E_S). Quanto à faixa etária (F), o intervalo de 20 a 29 anos foi codificado como F_1, de 30 a 39 anos foi F_2 e de 40 a 49 anos nomeado F_3. Por fim, em relação ao sexo (S), S_F disse respeito ao sexo feminino e S_M ao sexo masculino.

A Figura 2 apresenta o mapa da ACM, incluindo somente as modalidades com contribuições maiores que a média nos dois primeiros fatores e as variáveis suplementares faixa etária, renda, escolaridade e sexo. Com isso, é possível observar quais as modalidades de variáveis se relacionam de forma a se atrair ou o contrário, se colocam como opostas. A primeira dimensão engloba as modalidades de variáveis mais exclusivas, ou seja, as atividades de lazer que foram julgadas como quase sempre da mulher apenas ou quase sempre do homem apenas. Já a segunda dimensão engloba as modalidades que dizem respeito às respostas igualitárias, ou seja, atividades vistas como sendo tanto da mulher como do homem, e também as modalidades que mostram as atividades de lazer relacionadas ou com a mulher ou com o homem, mas não de forma exclusiva e sim parcial. Dessa forma, pode-se observar como as dimensões se relacionam, e como as modalidades se relacionam dentro das dimensões. Isto é, pela análise é possível observar que existe uma atração entre as respostas mais extremas, que por sua vez repelem as respostas igualitárias ou não extremas. Já dentro da segunda dimensão as respostas que colocam as atividades de lazer como sendo de ambos se atraem e, do outro lado, as

respostas não extremas mas que ainda assim mantém uma lógica de divisão entre mulheres e homens se atraem, sendo que os dois grupos se mostram distantes entre si. Em outras palavras, os respondentes que tenderam a escolher respostas de atribuição exclusiva ou parcial aos gêneros às práticas o fizeram para diversas práticas de lazer, assim como aqueles que indicaram maior igualdade na atribuição às práticas de lazer por gênero também exibiram esse padrão várias vezes.

Pelo mapa da ACM também pode ser vista uma atração das variáveis suplementares Renda 4 (R_4) e Ensino Fundamental (E_F) pela dimensão 1. Enquanto que a variável Renda 3 (R_3), Faixa 1 (F_1) e Sexo Feminino (S_F) se mostram mais atraídas pela dimensão 2, especialmente por sua parte igualitária. Já Faixa 2 (F_2) e Sexo Masculino (S_M) se encontram mais atraídas com a parte não igualitária da dimensão 2.

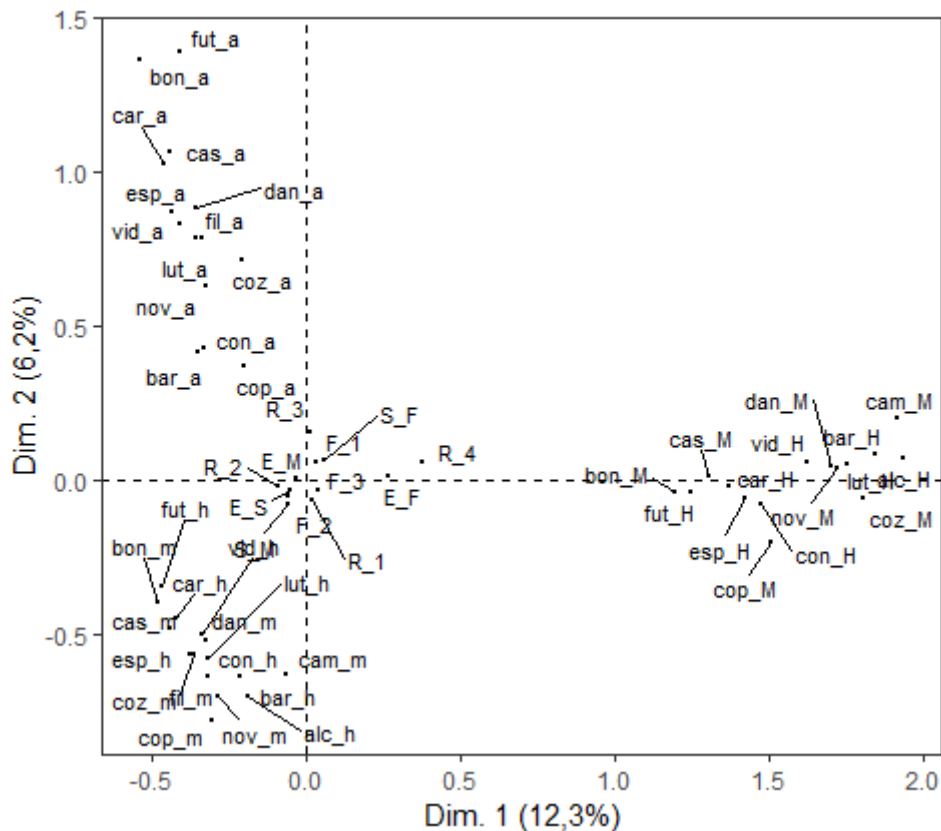


Figura 2: Mapa das duas primeiras dimensões da análise de correspondências múltiplas (ACM) referentes às respostas aos indicadores cam (caminhada), bar (ir para bar), lut (praticar luta), vid (jogar videogame), dan (praticar dança), coz (cozinhar), fut (jogar futebol), alc (consumir bebida alcoólica), cas (brincar de casinha), nov (assistir novelas), con (iniciar conversa com estranho em festa), bon (brincar de boneca), fil (assistir filmes de romance), car (brincar de carrinho), esp (assistir programas de esporte), cop (fazer compras) com faixa etária, sexo, renda e escolaridade como variáveis suplementares. Letras após os traços sublinhados indicam modalidade de resposta: quase sempre do homem (H), mais do homem (h), ambos (a), mais da mulher (m) e quase sempre da mulher (M).

Porém, para se compreender melhor como essas relações ocorrem foi construída uma tabela de proporções condicionais (Tabela 3) com algumas modalidades de variáveis das duas dimensões, fazendo um cruzamento entre as variáveis para observar o grau de proporcionalidade entre elas. Nesta tabela as proporções das modalidades de variáveis são colocadas isoladamente e em relações bivariadas, de modo que uma certa modalidade exerce um papel de antecedente e a outra de consequente. Ou seja, a partir da tabela de proporções condicionais é possível identificar qual a proporcionalidade de uma

modalidade de variável ocorrer (consequente) dada a ocorrência de outra modalidade (antecedente)⁴. Com isso, fica mais simples identificar as associações entre elas e qual a sua magnitude. As variáveis escolhidas para demonstrar foram: jogar futebol, praticar dança, brincar de boneca e brincar de carrinho. Na tabela estão apresentadas as frequências das respostas de cada variável na segunda coluna, sendo o restante as proporções em percentuais. As caselas em negrito informam a proporção da modalidade de variável na amostra de 913 participantes. Assim, para a interpretação dos dados pode-se observar que o símbolo → indica a implicação da modalidade de variável condicionante.

Ou seja, na primeira linha está a modalidade fut_a (futebol enquanto percebido como de ambos os gêneros) que tem o percentual de 15,2% em toda a amostra. Ao ser cruzada com fut_h (futebol percebido como sendo mais do homem) e fut_H (futebol percebido como quase sempre do homem) o percentual é igual a zero, já que uma pessoa que responde que futebol é de ambos não pode responder também que é mais do homem. Mas há uma forte associação com a modalidade dan_a, com 76,2%, o que indica que as pessoas que responderam futebol como sendo de ambos os gêneros, tiveram maior propensão a responderem dança como também de ambos, em contraste com a proporção geral da amostra de dan_a, que foi de 30,1%, e por isso, as duas modalidades estão em coordenadas próximas no fator, como demonstrado no mapa da ACM (Figura 1). Já quando se observa a proporção entre fut_a e dan_M, a associação diminui bastante, passando para 7,1%, o que demonstra uma relação de repulsa entre as modalidades, em conformidade ao mapa da ACM em que elas estão em coordenadas opostas. Da mesma forma, tomando como modalidade condicionante dan_M, percebe-se sua forte associação

⁴ É pertinente esclarecer que as expressões “antecedente” e “consequente” são utilizadas aqui indicando o sentido da interpretação, e não dizem respeito a aspectos de sequência temporal, já que são informações de variáveis obtidas numa mesma ocasião.

com a modalidade fut_H, com 80% (proporção geral 26,7%), e baixa com fut_a, com apenas 6,6% (proporção geral 15,2%). Em relação às variáveis suplementares, pode-se ver que tanto os homens quanto as mulheres responderam mais as modalidades fut_h, com percentuais de 59,3% e 55,6%, respectivamente. Porém, é possível perceber ainda que na modalidade fut_a as mulheres se sobressaem um pouco aos homens. A partir disso, então, pode-se entender o quanto as modalidades de variáveis se atraem ou se repelem, esclarecendo o mapa da ACM (Figura 1), o que leva a entender que aquelas modalidades que possuem uma forte atração estão em coordenadas próximas no fator, e aquelas com fraca atração estão em lados opostos.

Esclarecido o funcionamento da tabela de proporções condicionais, é importante observar certos aspectos que ela traz. A partir do cruzamento das modalidades de variáveis é perceptível que as pessoas que tiveram uma resposta igualitária para certa atividade de lazer tendem a manter este padrão. Assim, pela análise da Tabela 1, é possível entender que existe uma forte associação entre as modalidades com ambos como resposta, dentre as mais expressivas tem-se (lembrando que a primeira modalidade apresentada ao descrever a dupla é a condicionante): fut_a e dan_a (76,2%), bon_a e car_a (66,8%), bon_a e dan_a (62,9%), fut_a e car_a (57,5%). Além disso, ao se levar em conta as variáveis suplementares, pode-se perceber que as mulheres tendem a ser mais igualitárias que os homens, assim como pessoas que estão dentro da faixa etária 1 e 2, o que vai de acordo com o mapa da ACM (Figura 1), além de que a maior parte dos participantes com ensino médio também se sobressaem nesta opção de resposta em relação às demais escolaridades. Mas ressalta-se que as associações entre as variáveis suplementares e as demais modalidades são pequenas, já que as primeiras estão bem próximas à origem do mapa, como demonstra a Figura 2, e atestam as proporções próximas da Tabela 3.

Em relação às respostas que colocam as atividades de lazer como sendo mais para a mulher ou mais para o homem (opção m ou h, respectivamente), mas não de forma extrema, os homens se sobressaem mais que as mulheres nesse tipo, como também demonstrado pelo mapa da ACM (Figura 1). O que ocorre de forma semelhante com o ensino superior em relação às outras escolaridades e as faixas etárias 2 e 3. Algumas das modalidades de variáveis com alto número de associações foram: bon_m e fut_h (79,5%), dan_m e fut_h (78,4%), car_h e fut_h (76,7%) e car_h e bon_m (76,3%).

Já nas modalidades de variáveis que levam as respostas extremas, ou seja, quase sempre da mulher (M) ou quase sempre do homem (H), que fazem parte da dimensão 1, existe uma pequena tendência das mulheres escolherem mais esta opção do que os homens, da mesma forma que as pessoas que são pertencentes à renda 4. Em relação à escolaridade, o ensino fundamental tem um número maior de respostas desse tipo comparados com as demais, assim como da faixa etária 1, corroborando com o mapa da ACM (Figura 1). Aqui, car_H e bon_M (84,6%), dan_M e fut_H (80,0%), dan_M e bon_M (79,3%) e fut_H e bon_M (76,2%) são algumas das modalidades de variáveis com uma forte associação.

Tabela 3. Tabela de proporções condicionais envolvendo atribuições de 913 participantes às atividades de lazer de fut (futebol), dan (dança), bon (brincar de boneca) e car (brincar de carrinho) aos gêneros*.

→	n	fut_a	fut_h	fut_H	dan_a	dan_m	dan_M	bon_a	bon_m	bon_M	car_a	car_h	car_H
fut_a	139	15,2	-	-	76,2	15,8	7,1	51,7	35,2	12,2	57,5	30,9	9,3
fut_h	524	-	57,3	-	24,2	71,7	3,8	12,9	74,0	12,4	21,9	68,7	8,3
fut_H	244	-	-	26,7	16,8	32,3	49,1	4,5	19,2	76,2	7,7	24,5	67,6
dan_a	275	38,5	46,1	14,9	30,1	-	-	34,5	48,3	17,0	44,3	41,8	13,4
dan_m	479	4,5	78,4	16,4	-	52,4	-	10,4	67,8	21,0	17,1	67,0	14,6
dan_M	150	6,6	13,3	80,0	-	-	16,4	4,0	16,6	79,3	6,6	17,3	75,3
bon_a	151	47,6	45,0	7,2	62,9	33,1	3,9	16,5	-	-	66,8	30,4	2,6
bon_m	488	10,0	79,5	9,6	27,2	66,5	5,1	-	53,4	-	19,0	73,3	6,1
bon_M	269	6,3	24,1	69,1	17,4	37,5	44,2	-	-	29,4	7,4	22,6	69,8
car_a	214	37,3	53,7	8,8	57,0	38,3	4,6	47,1	43,4	9,3	23,4	-	-
car_h	469	9,1	76,7	12,7	24,5	68,4	5,5	9,8	76,3	13,0	-	51,3	-
car_H	222	5,8	19,8	74,3	16,6	31,5	50,9	1,8	13,5	84,6	-	-	24,3
S_M	431	13,9	59,3	25,7	29,2	54,2	15,3	14,8	54,9	29,4	18,7	56,1	24,1
S_F	482	16,3	55,6	27,5	30,9	50,8	17,4	18,0	52,0	29,4	27,5	47,0	24,4
R_1	426	14,5	58,2	26,5	27,9	55,1	15,2	15,4	55,8	27,6	22,3	54,2	22,5
R_2	262	15,2	61,8	22,5	33,5	50,3	16,0	17,9	55,3	26,7	25,1	51,5	22,5
R_3	180	16,1	52,7	30,0	31,1	51,1	16,6	18,3	47,7	33,3	26,1	45,0	27,7
R_4	45	17,7	42,2	40,0	26,6	44,4	28,8	11,1	42,2	46,6	13,3	48,8	37,7
E_F	126	13,4	53,9	32,5	26,9	53,1	19,8	19,0	44,4	34,9	19,0	45,2	34,9
E_M	555	15,8	57,8	25,5	30,9	51,8	16,0	16,5	54,7	28,1	25,4	51,7	21,8
E_S	232	14,6	58,1	26,2	29,7	52,4	15,5	15,0	55,1	29,7	21,1	53,8	24,5
F_1	376	16,2	54,7	27,9	29,3	50,5	18,8	18,8	48,1	32,7	23,9	51,0	24,2
F_2	308	13,6	60,3	25,3	31,8	53,5	13,9	14,6	58,4	25,9	25,6	50,0	23,3
F_3	229	15,7	57,6	26,6	29,2	54,1	15,7	15,2	55,4	28,8	19,6	53,7	25,7

* Nota. H: quase sempre do homem; h: mais o homem; a: atribuição a ambos; m: mais a mulher; M: quase sempre a mulher.

Com a tabela de proporções condicionais pode-se ter uma visão melhor sobre como ocorre a relação entre as modalidades de variáveis, dessas com as variáveis suplementares e em que proporcionalidade. Mas, para compreender as relações dos dados com algumas combinações das variáveis de características sociais (faixa etária, escolaridade, sexo), foram construídos gráficos de dois andares (*double-decker plots*) para as respostas referentes a cada prática de lazer. A justificativa para tal feito é que com os gráficos de cada variável é possível conhecer como estão associados os tipos de respostas com as variáveis de características sociais naquela atividade de lazer em específico mais nitidamente. Este tipo de gráfico é formado por retângulos que são divididos em blocos a depender da entrada de dados. Utilizando a Figura 3, com as atribuições para a atividade jogar futebol, a título de explicação, é possível visualizar que as colunas são divididas em decorrência da entrada das variáveis faixa etária, escolaridade e sexo⁵. Estas últimas por sua vez são organizadas em blocos a começar pela faixa etária (que são 3), depois cada uma delas sofre outra divisão pela variável escolaridade (que são 3 também), e, por fim, estas são subdividas pela variável sexo. Assim, as colunas que contém as entradas dos dados referentes às atribuições (H,h,a,m,M) da variável jogar futebol irão seguir esta organização, de modo que o tamanho de cada reflete a quantidade numérica de participantes que se enquadram nas divisões. É importante lembrar que a amostra foi composta por um número um pouco maior de mulheres, pessoas com escolaridade do ensino médio e por pessoas que se enquadram na faixa etária 1 (20 a 29 anos). Sendo assim, nos gráficos, as colunas que trazem os dados desta parte da amostra vão ser maiores, haja vista o aumento numérico das pessoas que pertencem a estes grupos (mulheres, ensino médio, faixa etária 1), e, de modo

⁵ O projeto previa também comparações com a variável renda, mas durante a coleta de dados verificou-se que essa variável teve problemas para interpretação, uma vez que muitos participantes não informaram rendimentos e também não foi levado em conta a quantidade de pessoas que viviam com os respondentes, o que interferiria na renda por pessoa e seria indicador mais adequado. Como o indicador não forneceu informações confiáveis, optou-se por não enfatizá-lo nas comparações detalhadas.

contrário, aqueles grupos com menor número de pessoa terão as colunas visivelmente mais estreitas.

A começar pela atividade de lazer jogar futebol (Figura 3), que também serviu como exemplo na Tabela 3, pode-se observar que justamente a parte do gráfico que contém informações da faixa 1 (20 a 29 anos), escolaridade do ensino médio e mulheres, é maior numericamente, e assim vai se repetir nos demais gráficos. Aqui é importante observar que esta atividade é bastante associada aos homens, de modo geral. Foram, no total, 431 homens, os quais 85,2% colocaram futebol como sendo H ou h, enquanto que do total de 482 mulheres, 83,2% fizeram a mesma atribuição. As atribuições feitas para esta atividade como sendo mais ligada à mulher (m e M) foram numericamente inexpressivas, com um total de 6 respostas desta natureza. Em relação a homens e mulheres, estas se apresentaram um pouco mais igualitárias que os homens de modo geral. Mas, dentre as mulheres, as que se mostraram mais igualitárias acerca da prática de futebol foram as que estão da faixa etária de 20 a 29 anos e ensino médio, sendo 21% das respostas. Em contrapartida, as mulheres de 30 a 39 anos, nas três escolaridades, mas especialmente do ensino superior, se mostraram menos igualitárias, com média de 12% apenas de respostas a (ambos). Já os homens que atribuíram a prática de futebol como sendo de ambos, os que estão dentro da faixa etária 3 (40 a 49 anos) e ensino superior se destacaram, com 21%. Dentre a amostra masculina, houve uma pequena elevação na porcentagem de respostas h (mais do homem), com 59%, especialmente aqueles de 20 a 29 anos e do ensino médio e os de 40 a 49 anos e do ensino fundamental, com 64,1% e 64,8%, respectivamente. Já entre as mulheres este mesmo tipo de resposta foi de 55%.

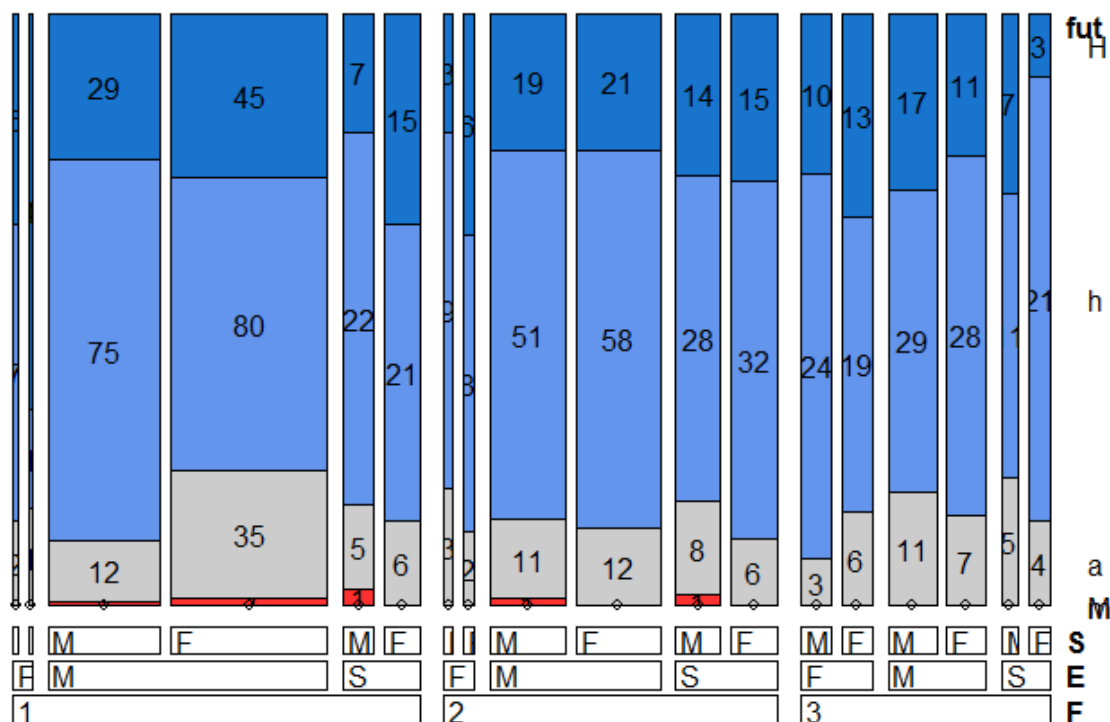


Figura 3: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer jogar futebol (fut), divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Brincar de boneca, assim como jogar futebol, é uma atividade de lazer que, a partir das atribuições dos participantes, resultou em um gráfico que a coloca como bastante exclusiva. Isso quer dizer que houve poucas respostas ambos e mais a atribuição a algum dos gêneros. Futebol foi relacionado mais para os homens, brincar de boneca já foi mais para as mulheres (m e M), como pode ser visto na Figura 4. Dentre as mulheres, 81,5% colocaram que brincar de boneca é mais relacionado às mulheres, e, os homens foram 84%. Aqui é importante observar que as atribuições desta atividade como sendo mais do homem foram numericamente baixas, com apenas 5 respostas h (mais do homem). De modo geral, homens e mulheres, aqui, se assemelham quanto à escolha da opção ambos, mas ainda assim, as mulheres tendem a fazer tal atribuição um pouco mais que os homens. Os homens, em contrapartida, tenderem a escolher

a opção mais da mulher (m), um pouco mais que as participantes mulheres, com o percentual de 55% da amostra masculina e 52% da feminina. As mulheres de 20 a 29 anos se mostraram mais igualitárias quando na escolaridade do ensino médio e ensino superior (22,2% e 21,4%, respectivamente) e as de 40 a 49 anos, quando na escolaridade do ensino fundamental (23,6%). Dentre a amostra feminina que mais tiveram respostas mais da mulher (m), foram aquelas de 30 a 39 anos e do ensino fundamental tiveram 62,5% deste tipo de resposta, e as de 40 a 49 anos tiveram 67,8%. Já dentre os homens foram os de 40 a 49 anos e do ensino médio (61,4%), que também fizeram essa mesma atribuição. Ao passo que, os que foram um pouco mais igualitários também são os de 40 a 49 anos, porém do ensino fundamental (24,3%).

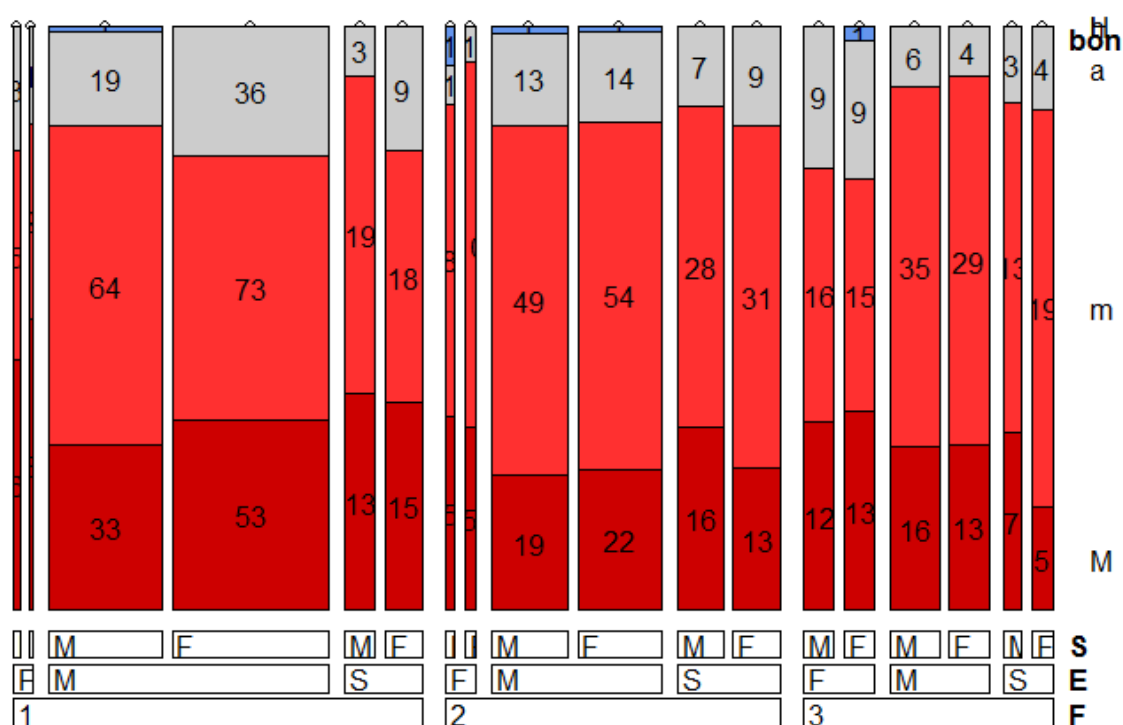


Figura 4: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer brincar de boneca, divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher)

A Figura 5 mostra os dados das atribuições dos participantes para a prática de luta, que foi mais associada aos homens de modo geral, sendo que 62,8% das mulheres tiveram esse tipo de resposta, enquanto que os homens foram 67,2%. Quanto às respostas a (ambos) tanto homens como mulheres, de modo geral, foram semelhantes. O que chama a atenção foi que os homens associaram mais esta atividade como mais do homem (h), sendo 54% das respostas, já as mulheres tiveram 44% desta mesma resposta, em especial, os homens de 40 a 49 anos e do ensino superior (69,5%). As mulheres, por sua vez, tiveram um número um pouco mais elevado que os homens de respostas exclusivas, ou seja, H (quase sempre do homem), com 18,6%, enquanto que os homens foram 13,2%, com ênfase maior naquelas do ensino fundamental de 20 a 29 anos (66,6%) e de 30 a 39 anos (26,3%).

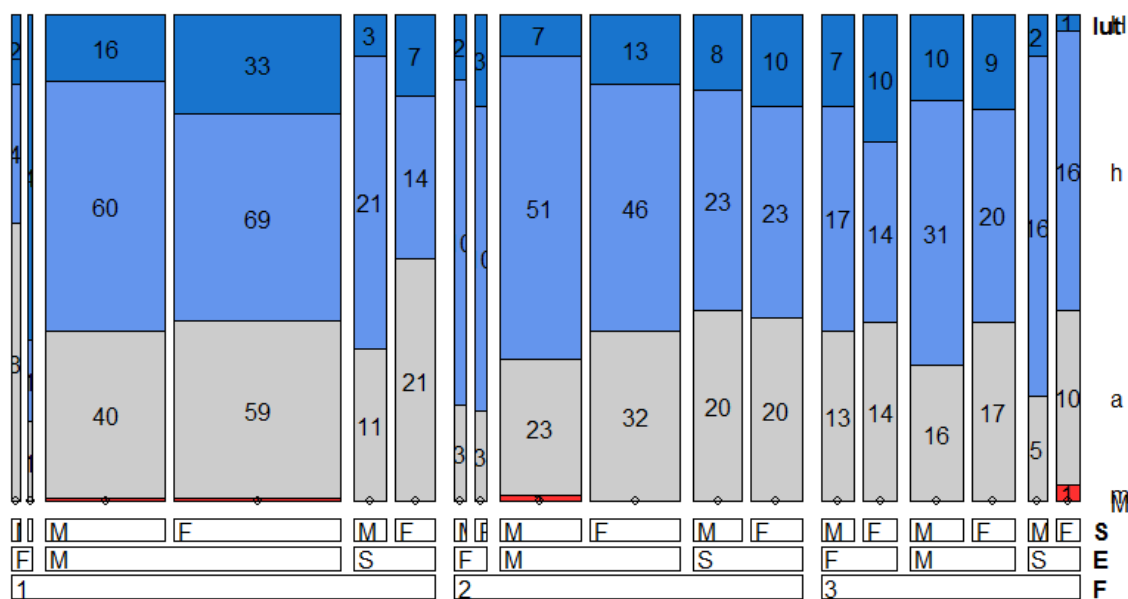


Figura 5. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer praticar luta, divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

A atividade de lazer cozinhar teve mais atribuições às mulheres de modo geral e umas poucas aos homens, como mostra a Figura 6, totalizando 2 respostas H e 17 h. Referente à opção ambos, mulheres e homens escolheram esta resposta de forma semelhante, 37% cada. Aqui, os homens também se sobressaíram um pouco mais às mulheres nas respostas que demonstram uma tendência a um certo gênero, que no caso foi mais associado à mulher. Eles tiveram 49,6% de respostas m (mais da mulher), enquanto as mulheres foram 43%. Os homens de 40 a 49 anos e do ensino médio tiveram uma inclinação maior a terem esta atribuição, com 56,1% deste tipo de resposta. Ainda, as mulheres também tiveram uma certa elevação em relação aos homens quanto a respostas M (quase sempre da mulher), com 16% desta opção selecionada por elas e 11% por eles, com um pouco mais de destaque para as participantes de 40 a 49 anos e do ensino fundamental, que tiveram 29% de atribuições M.

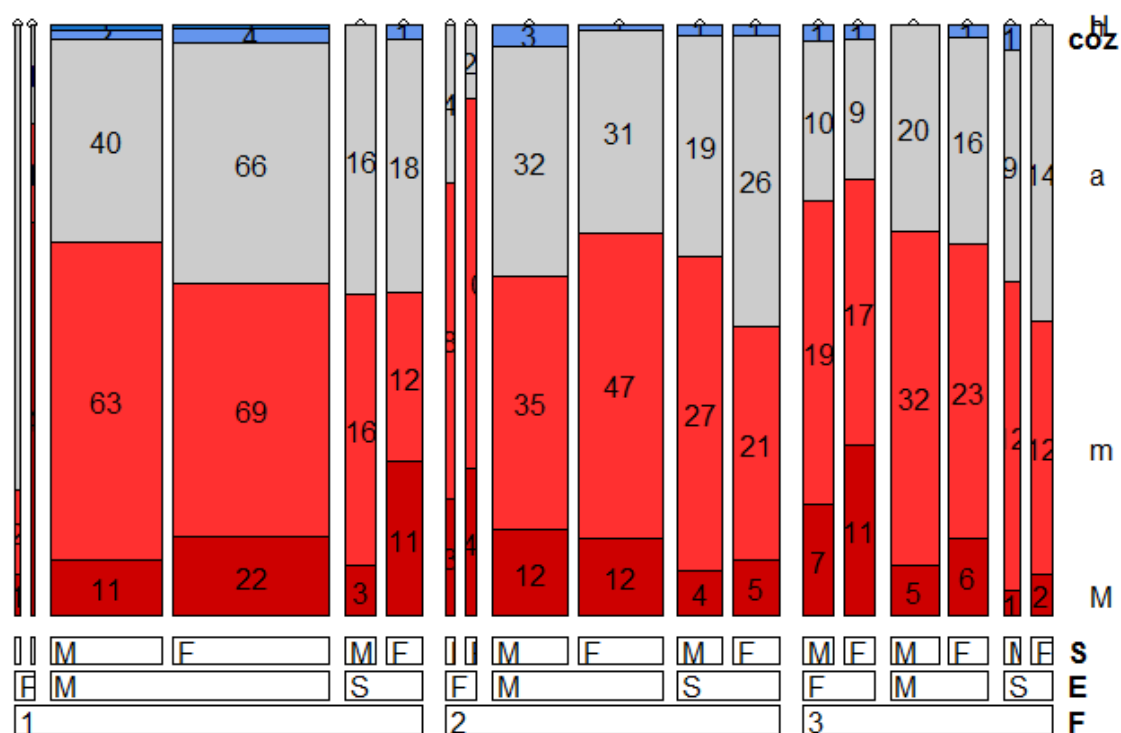


Figura 6: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer cozinhar divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Na Figura 7 pode-se observar as atribuições dos participantes para a atividade de lazer jogar videogame, que também foi bastante associada a um gênero em específico e quase nada ao outro, sendo ao homem o primeiro caso e à mulher, o segundo (com apenas 9 atribuições). De forma semelhante ao anterior, mulheres e homens não tiveram diferença significativa quanto às repostas ambos, com média de 29%. Houve uma tendência maior dos homens responderem mais h (mais do homem) (53,8%) do que as mulheres (49,5%), em especial aqueles de 20 a 29 anos e do ensino superior, com 57,1% deste tipo de associação, e os de 30 a 39 anos e do ensino fundamental, com 66,6%. Ainda, aqui as mulheres também associaram a atividade de videogame como quase sempre do homem (H), com 21% deste tipo de respostas, enquanto os

homens foram 15,3%. Dentre elas, as de 20 a 29 anos do ensino fundamental e do ensino superior responderam mais esta opção, com 66,6% e 28,5% das respostas, respectivamente.

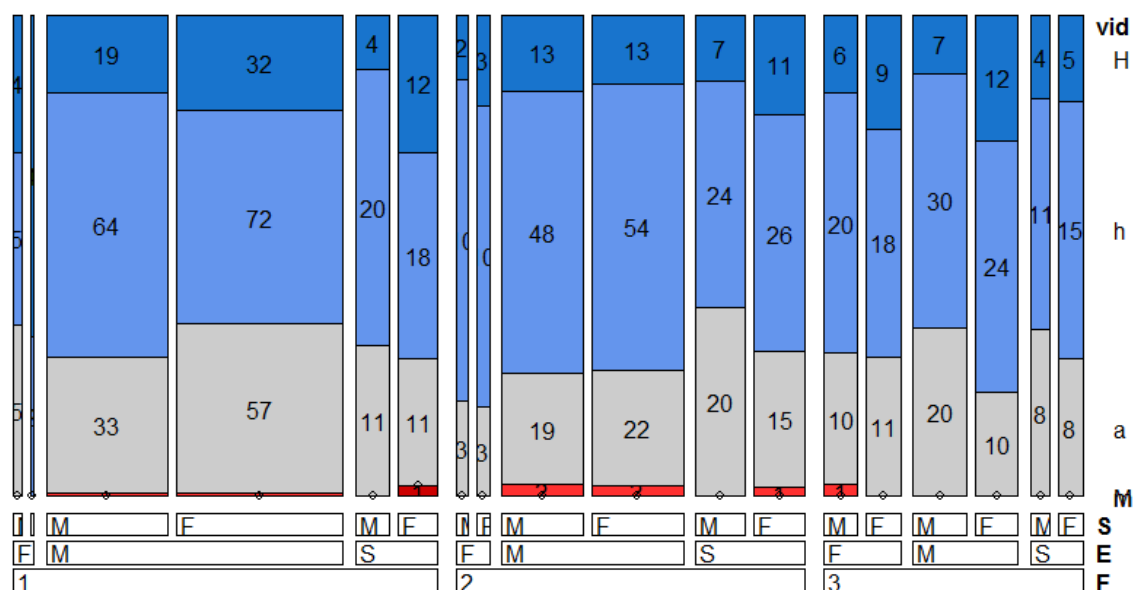


Figura 7: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer jogar videogame divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Já a Figura 8, que aborda os dados da atividade de lazer praticar dança, revela que ela foi prioritariamente mais atribuída às mulheres e quase nada aos homens, com o total de apenas 9 respostas para eles, demonstrando certa exclusividade quanto ao gênero que ela é mais associada. Dinâmica de dados que se assemelha às atividades de lazer que foram apresentadas anteriormente, com exceção de ir para um bar. Aqui, tanto mulheres quanto homens se mostraram igualitários de forma semelhante, com uma média entre eles de 29% de respostas a. Ainda, seguindo a mesma lógica que as informações da atividade anterior (jogar videogame), os homens tiveram uma tendência a atribuir esta atividade como sendo mais de um gênero, mas não de forma exclusiva, ou seja, aqui optaram mais pela resposta m (mais da mulher), com 54,2%, enquanto que as mulheres tiveram 50,8% de respostas desta natureza. Dentre os homens,

os que se destacaram quanto a este tipo de atribuição foram os de 20 a 29 anos do ensino médio (60,6%) e do ensino superior (60%), e aqueles de 30 a 39 anos do ensino fundamental (60%). Por sua vez, as mulheres se sobressaíram um pouco mais em relação à resposta exclusiva, aqui sendo M (quase sempre da mulher), com 17,4% deste tipo de atribuição, já os homens foram 15,3%, principalmente as participantes de 20 a 29 anos e do ensino fundamental (50%).

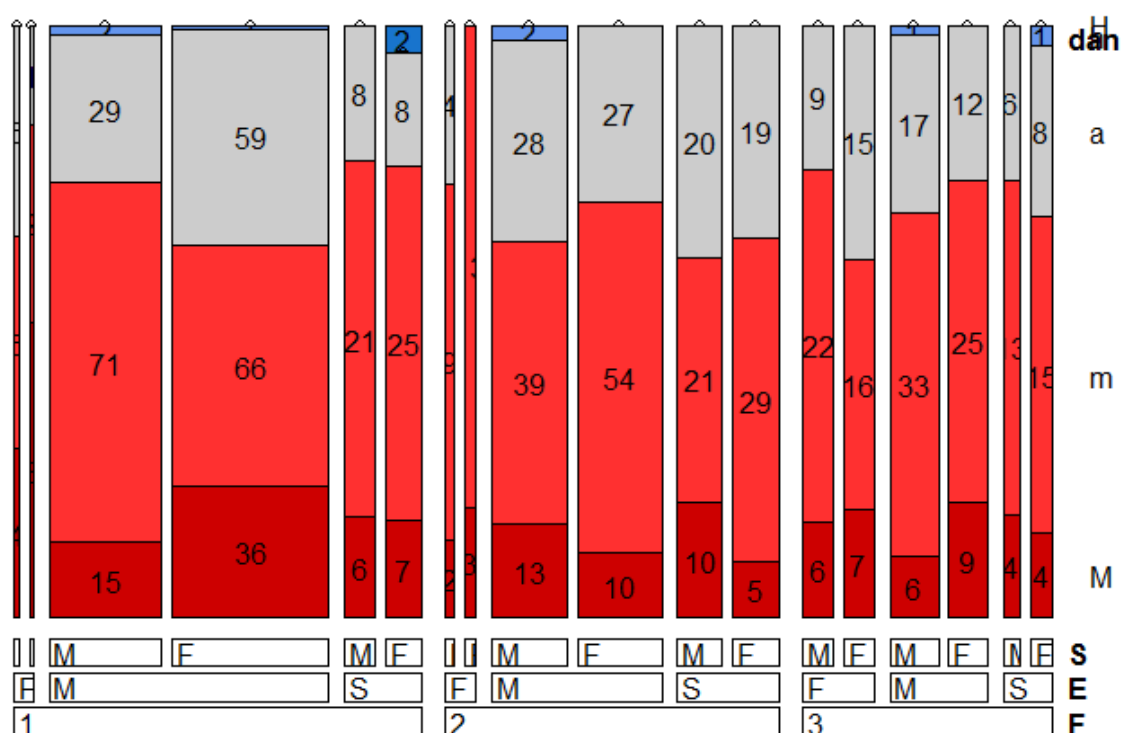


Figura 8: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer praticar dança divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher)

Em relação à atividade de lazer de assistir filmes de romance, como mostra a Figura 9, os participantes a associaram como sendo mais da mulher, de modo geral, e com apenas 6 respostas que a colocam como mais do homem, revelando ser uma atividade com características semelhantes à anterior. Tanto mulheres e homens apresentam quase a mesma tendência de

atribuírem essa atividade a ambos, com 35% e 36%, respectivamente. Aqui, também, os homens tiveram um número um pouco maior de atribuições m (mais da mulher) de modo geral, com 48,5% das respostas, e as mulheres, 45,6%. Dentre eles, foram, principalmente, os de 30 a 39 anos e do ensino superior que optaram mais por esta associação. Enquanto que as mulheres responderam um pouco mais M (quase sempre da mulher) do que os homens, com uma porcentagem de 18% deste tipo de resposta para elas, e 14,8% para eles, dentre as quais se destacam as de 20 a 29 anos do ensino fundamental e do ensino superior.

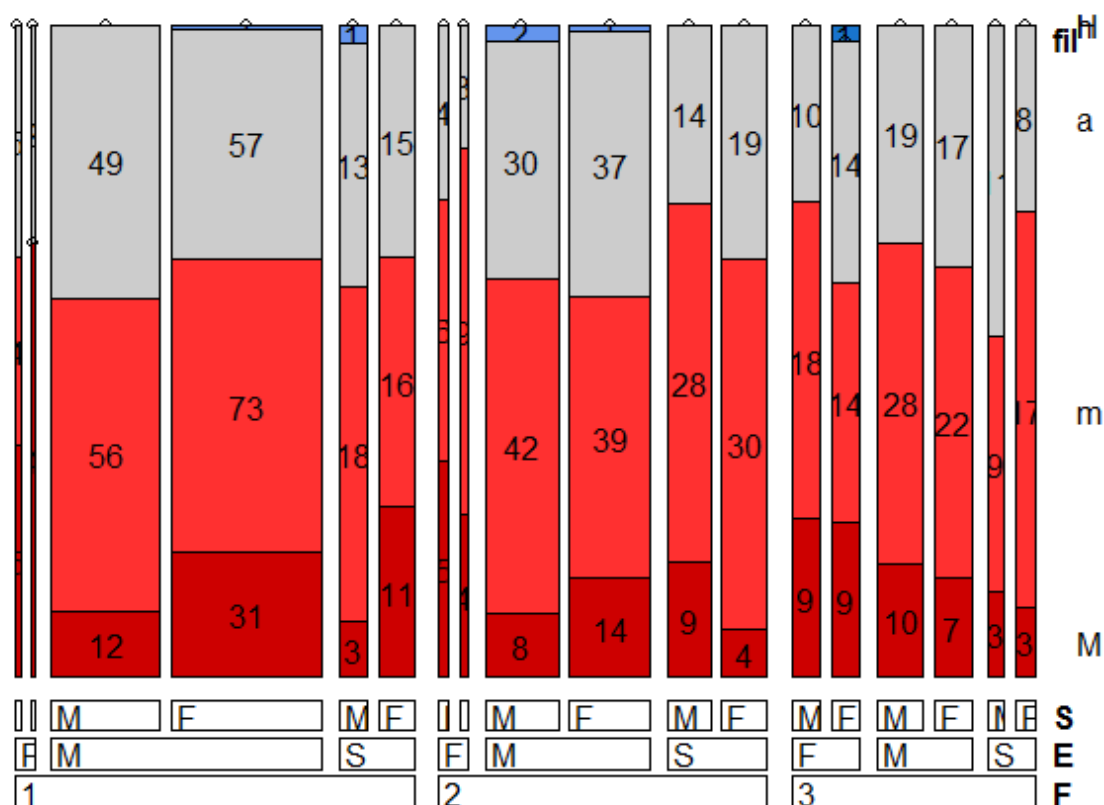


Figura 9. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer assistir filmes de romance divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Na Figura 10, que traz as informações da atividade de lazer assistir programas de esportes, é possível observar que ela foi mais associada como do espaço masculino e inexpressivas vezes ao feminino, este último com apenas 7 respostas. Mulheres e homens foram igualitários de forma semelhante, mas com um leve aumento desse tipo de resposta pelas mulheres (33,1%) em relação aos homens (29,4%), em especial aquelas da faixa etária de 20 a 29 anos e do ensino superior optaram pela resposta ambos (40,4% de respostas a), enquanto que os homens tiveram uma tendência maior em responder a opção mais do homem (h), com 48,2%, já as mulheres foram 43%. O principal grupo que teve esse tipo de resposta foram os homens de faixa etária de 20 a 29 anos e do ensino superior (54,2%) e aquelas de 30 a 39 anos e do ensino fundamental (60%).

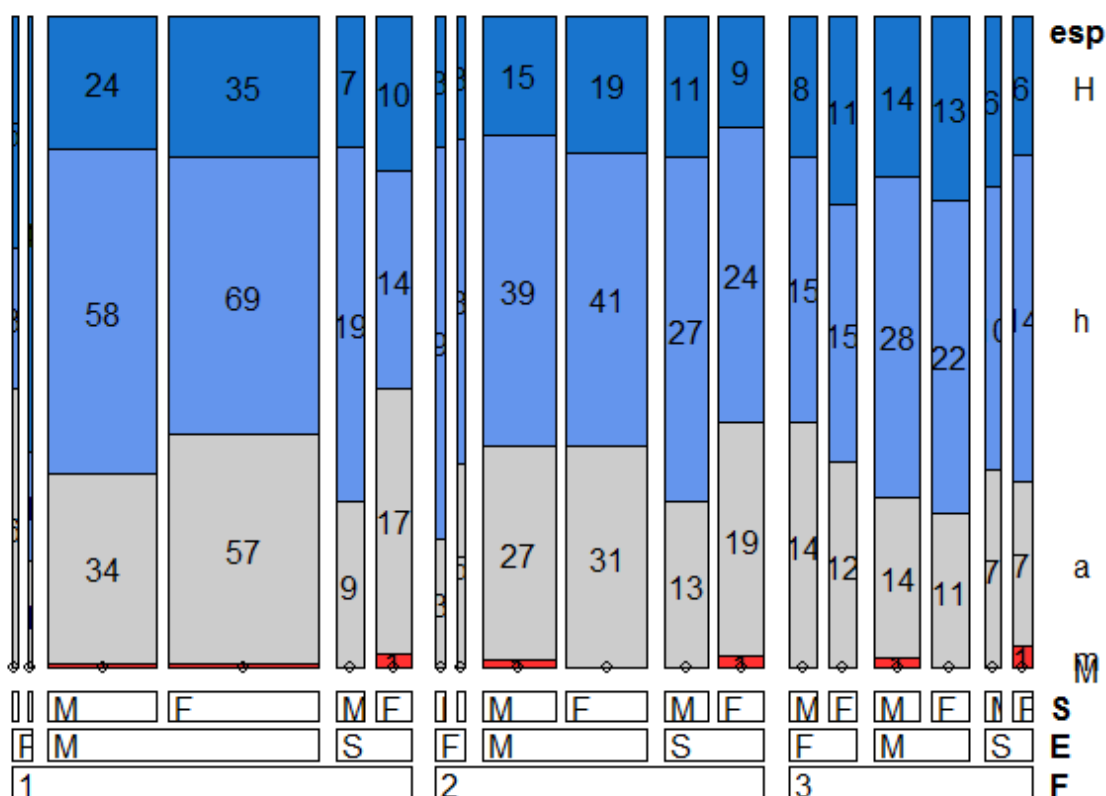


Figura 10: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer assistir programas de esportes divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

A atividade de lazer de brincar de carrinho foi bastante atribuída como sendo do universo masculino de modo geral, como mostra a Figura 11, sendo que dos homens foram 80,2% que fizeram esta associação e, as mulheres, foram 71,5%. Mas as mulheres, de modo geral, tiveram um maior número de respostas que a coloca como sendo de ambos, com 27,5%, em contrapartida de 18,7% dos homens, em semelhança com a lógica de dados de algumas atividades já citadas. Em especial, as mulheres da faixa etária de 20 a 29 anos do ensino superior, com 31% de respostas a, e aquelas de 30 a 39 anos e do ensino médio (33%) e do ensino superior (30,2%), foram as que mais optaram pela atribuição da atividade como sendo de ambos. Os homens, por sua vez, obtiveram um maior índice nas respostas mais do homem (h), com 56,1%, e as mulheres com 47%. Já dentre os homens, os da faixa etária de 20 a 29 anos e do ensino superior, tenderam a responder mais a opção h (mais do homem), com o percentual de 71,4% de respostas h. A faixa etária 3, com participantes de 40 a 49 anos, em suas três escolaridades, obteve uma proporção inferior às demais quanto a respostas a (ambos), com apenas 18,8%, enquanto que a faixa etária 1 foi de 23,3% e a faixa etária 2 de 24,6%.

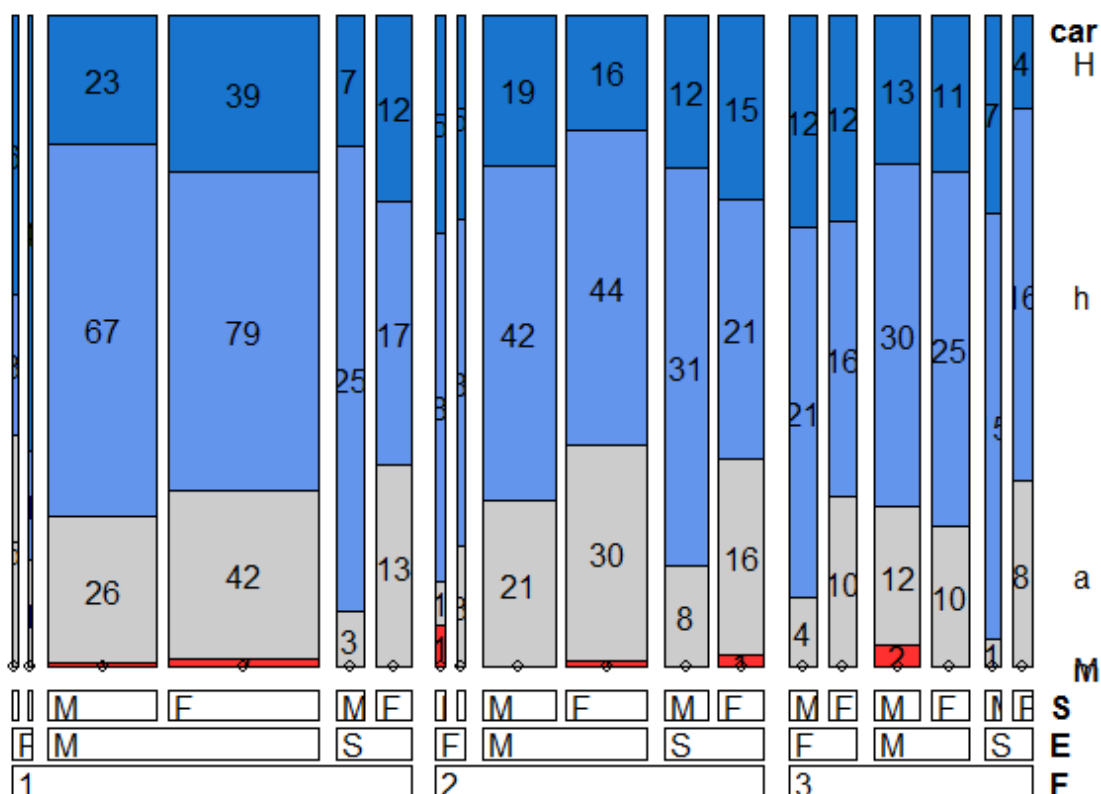


Figura 11: Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer brincar de carrinho divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Outra atividade de lazer que foi bastante atribuída a um dos gêneros em específico, foi a de brincar de casinha, a qual foi associada mais como sendo da mulher de modo geral, como pode ser visto na Figura 12, com apenas 7 respostas que a colocaram como sendo mais do homem em geral. Porém, de forma semelhante com a atividade de brincar de carrinho, aqui as mulheres também se demonstraram um pouco mais igualitárias do que os homens, com 24,6% de respostas a, enquanto os homens foram 20,8%. Estes, por sua vez, se sobressaíram nas respostas mais da mulher (m), com 53,8% de atribuições dessa natureza, já elas tiveram um percentual de 47%. Dentre as mulheres, as que tiveram uma tendência maior em associar esta

atividade como de ambos foram as de faixa etária de 40 a 49 anos do ensino superior (35,7%). Enquanto que, dentre os homens, os que fizeram a atribuição da atividade como sendo mais da mulher (m) foram os da faixa etária de 30 a 39 anos do ensino fundamental (66,6%). De modo geral, a média das repostas a (ambos) leva a entender que a faixa etária 1 (20 a 29 anos), com as três escolaridades, foi a que mais se sobressaiu às demais, com 24,3% de respostas deste tipo, enquanto que as demais foram 19% e 19,5%.

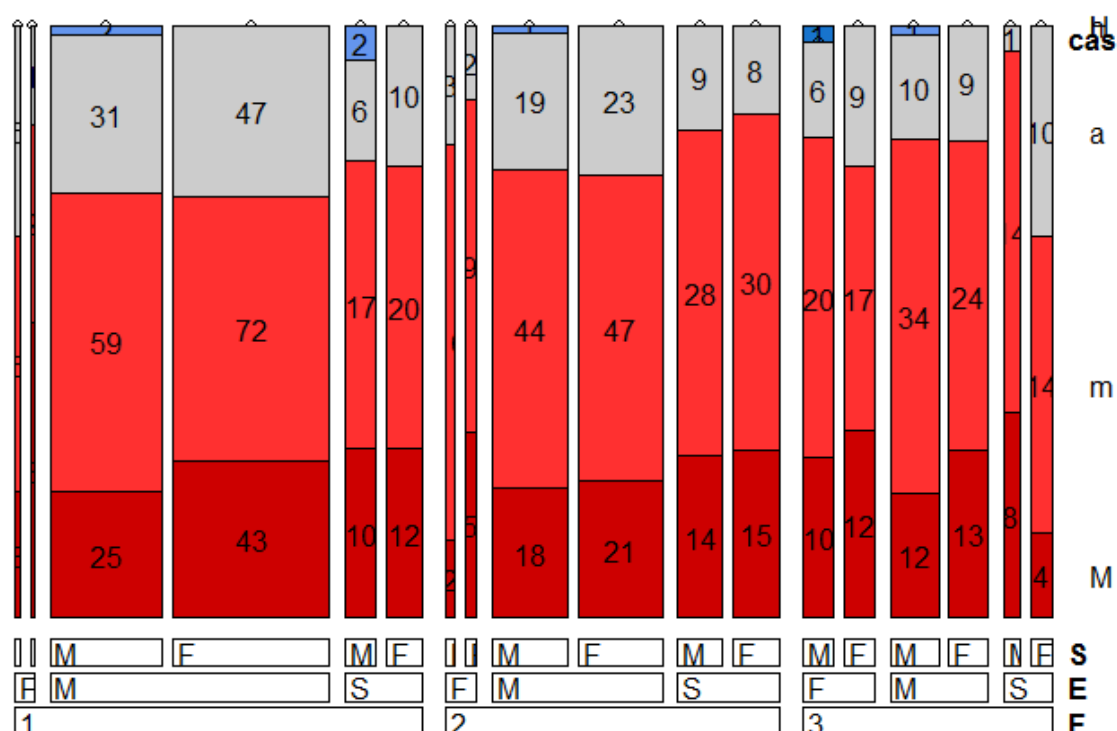


Figura 12. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer brincar de casinha divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das repostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Na Figura 13 é possível observar a distribuição das atribuições para a atividade de lazer assistir novelas, que demonstra a sua maior associação às mulheres e com um número bem pequeno de repostas que a colocam como mais dos homens em geral (apenas 8 repostas). As

mulheres são ligeiramente mais igualitárias que os homens, com 44,6% das respostas a (ambos), enquanto que os homens possuem 41,7%. Os homens tiveram a tendência de responder mais a opção m (mais para a mulher), com 44% de porcentagem, já as mulheres foram 37,7%, e foram principalmente aqueles da faixa etária de 20 a 29 anos e do ensino superior se sobressaíram aos demais homens nesta opção de resposta, com 54,2%. Além disso, as mulheres respondem mais a opção M (quase sempre da mulher) do que os homens, com 17% de respostas deste tipo para elas e 13% para eles, em especial aquelas de 30 a 39 anos e do ensino fundamental (25%). Esta faixa etária também foi a que a menor média de respostas a (ambos) no geral, com 37,6%, enquanto que as demais faixas ficaram com 44% cada.

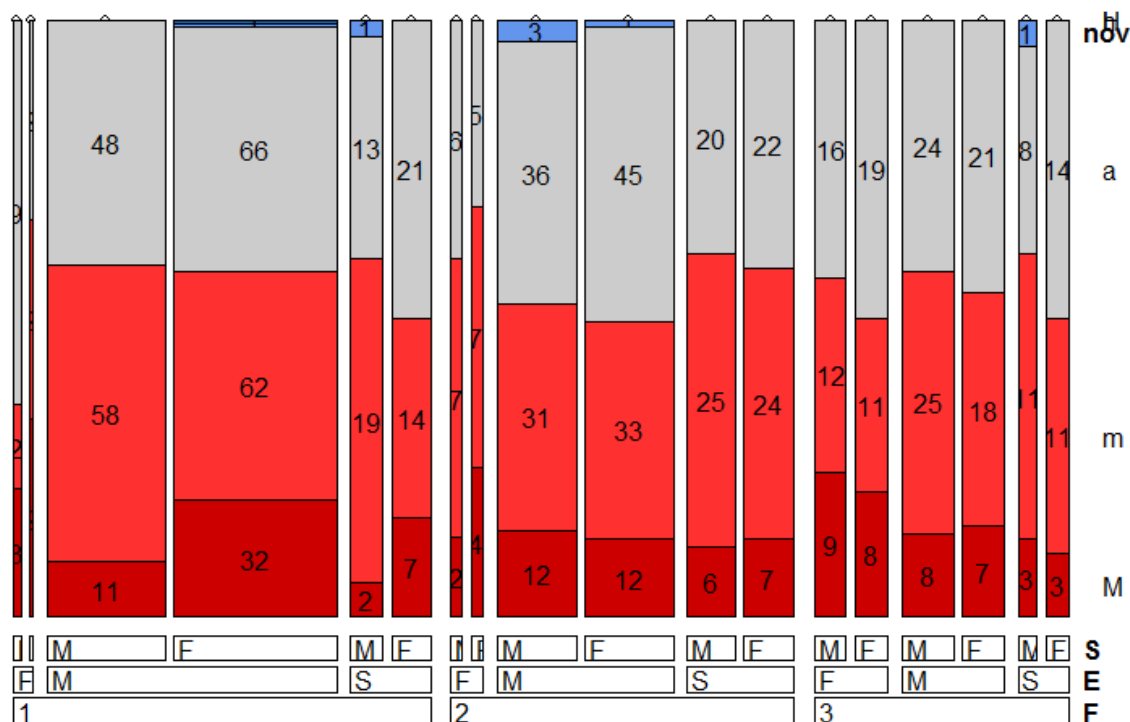


Figura 13. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer assistir novelas divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

A atividade de lazer iniciar uma conversa com estranho em uma festa teve uma certa proximidade entre as respostas ambos e as associações para o gênero masculino em geral (H e h), com 45% da primeira opção de atribuição e 45% da segunda, como mostra a Figura 14. Mas, diferentemente das demais atividades já analisadas em que existe esta tendência a atribuição a um certo gênero mesmo que tenha grande número de ambos, aqui o segundo gênero possui uma quantidade maior de respostas, com 7,1% (65 no total). Proporcionalmente, o nível de respostas a (ambos) é semelhante para mulheres e homens, mas estes se sobressaem um pouco quanto às respostas h (mais do homem), com 34,5%, e as mulheres 30,4%. Dentre os homens, os de faixa etária de 20 a 29 anos e do ensino médio foram os que mais tiveram este tipo de resposta, com 54,7%. Ainda, a maior parte da atribuição desta atividade para as mulheres de modo geral, veio das participantes femininas, especialmente as de faixa etária de 40 a 49 anos e do ensino médio, com 21,6% de associações à mulher (M e m).

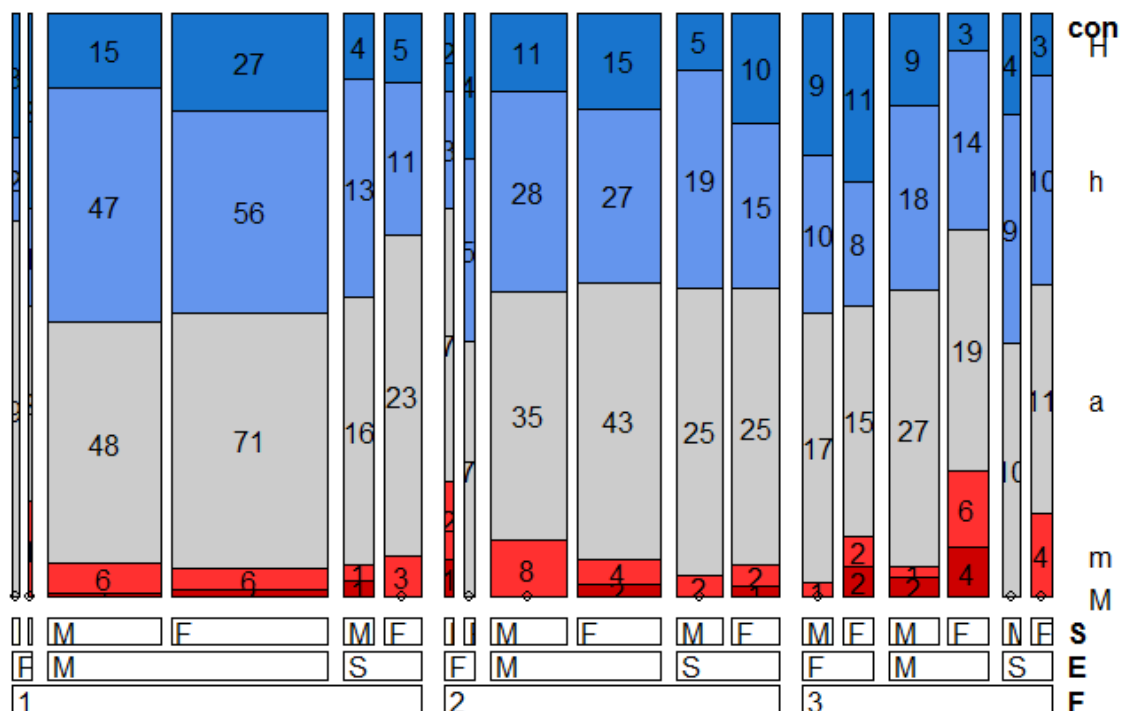


Figura 14. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer iniciar uma conversa com um estranho em uma festa (tomar iniciativa) divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

A Figura 15, que traz as atribuições dos participantes para a atividade de lazer consumir bebida alcoólica, mostra que a resposta a (ambos) obteve maior frequência, contudo, revela também uma certa tendência que os participantes tiveram de a associarem como mais do homem, de modo geral, e algumas respostas que a colocam como mais da mulher, com o total de 15 apenas, seguindo a mesma lógica que os dados da atividade ir para um bar. Existe uma equivalência de respostas ambos de mulheres e homens, com 65% e 64%, respectivamente. Houve uma tendência sutil dos homens a associarem como sendo mais do homem (h), com 24,1% de respostas desta natureza, em relação às as mulheres, que foram 22%, em especial os

homens do ensino fundamental e faixa etária de 30 a 39 anos, com 40% de respostas h. Além disso, observa-se que a faixa etária 2, ou seja, que engloba os participantes de 30 a 39 anos, e a faixa etária 3, de 40 a 49 anos, incluindo todas as escolaridades, possuem média menor quanto às respostas a (ambos), em relação às faixa etária 1, sendo que as duas primeiras possuem a média de 58,7% e 60%, respectivamente, e a última tem a média de 70% deste tipo de resposta.

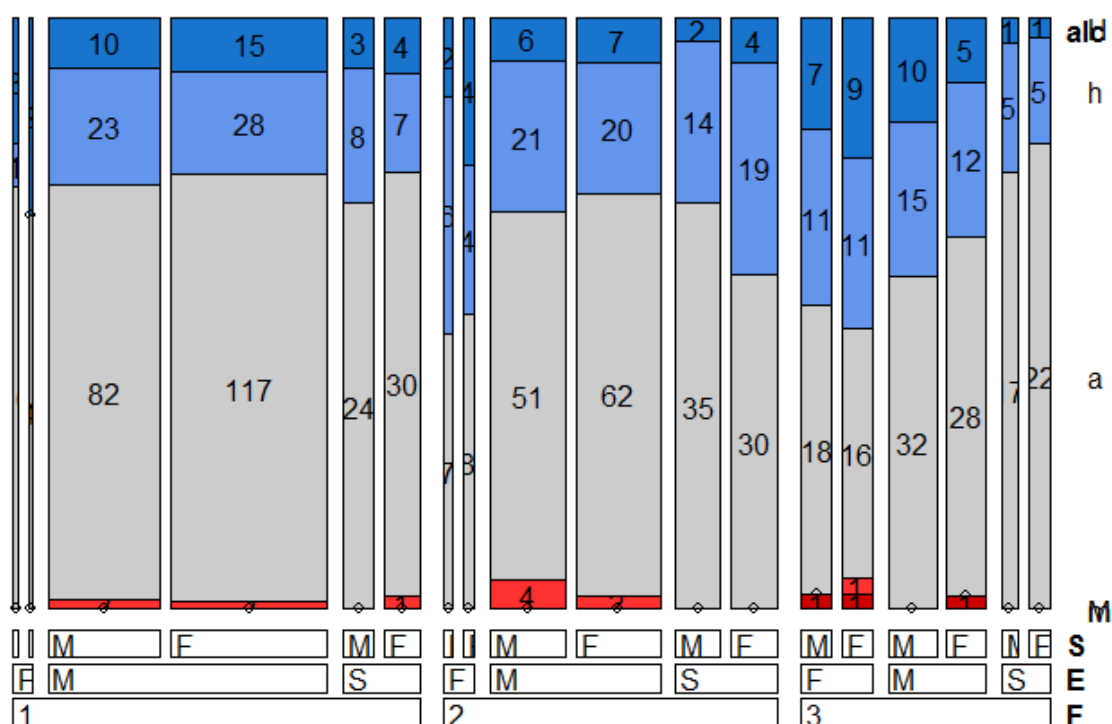


Figura 15. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer consumir bebida alcoólica divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Na Figura 16 com as atribuições para a atividade de lazer de ir para um bar, mostra que, de modo geral, as pessoas responderam com mais frequência a opção a (ambos), porém é claro que existe uma associação maior desta atividade como do âmbito masculino e com um número inexpressivo de respostas que a colocam como da mulher (3 no total). Foram os homens que

atribuíram mais esta atividade como sendo mais do homem (h) em vista das participantes mulheres, com 42% e 28,4% deste tipo de resposta, respectivamente. Aqueles de 40 a 49 anos e do ensino superior tiveram 56,5% desta atribuição e se sobressaíram sobre os demais. As mulheres também tiveram um número um pouco maior em relação aos homens de respostas quase sempre do homem (H), com 16,3% em comparação com 11,1% dos homens. Mas, em contrapartida se mostraram mais igualitárias aqui, pois tiveram 55% das respostas ambos e os homens apenas 46,4%. Foram aquelas de 40 a 49 anos, principalmente do ensino superior se mostraram mais igualitárias, com 64,2% de respostas a (ambos), enquanto que os homens de 20 a 29 anos do ensino superior e de 30 a 39 anos do ensino fundamental, tiveram a mesma tendência (51,4% e 53,3% de respostas a). Já as mulheres de 40 a 49 anos e do ensino médio atribuíram mais a atividade de ir para um bar como quase sempre do homem de forma exclusiva, com 21,7% das respostas.

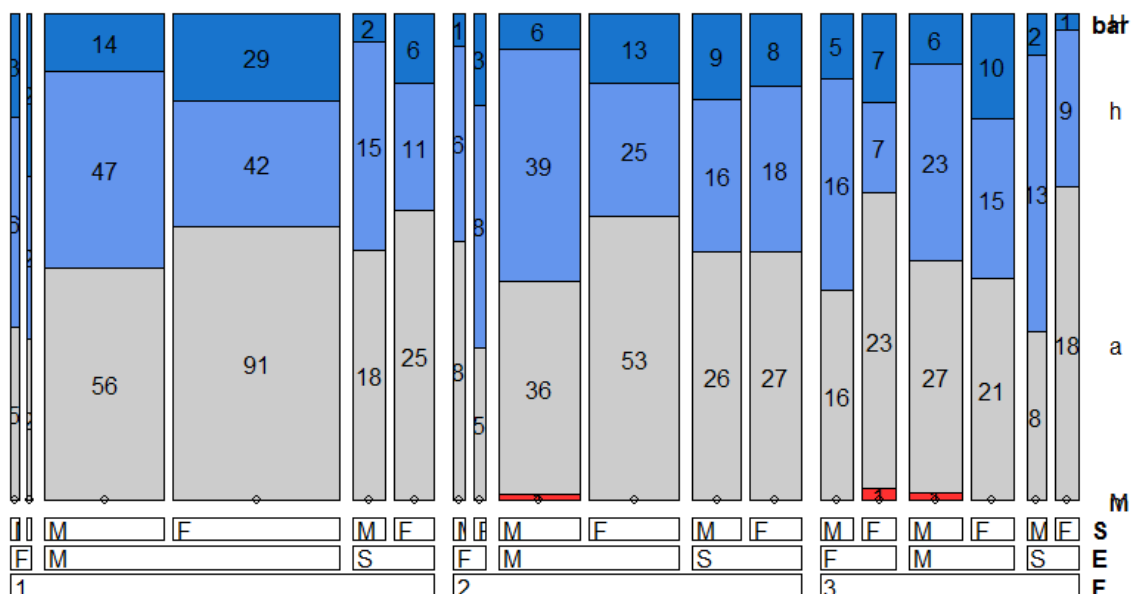


Figura 16. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de lazer ir para um bar divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Na Figura 17, que traz as atribuições para a atividade de fazer caminhada, é observado que o número maior é de respostas a (ambos), totalizando 60,4%, mas é também bastante associada como sendo mais da mulher em geral, com 35% de respostas m e M. Ainda assim, é possível visualizar que existe um número de respostas que a colocam como sendo mais do homem, e, de modo geral, é um total de 65 (7,1%). Aqui, diferentemente das demais atividades, os homens tendem a ser mais igualitários que as mulheres, com 63,8% das respostas a (ambos) dentre eles, enquanto que as mulheres tiveram 57,4%. Aqueles homens pertencentes às faixas etárias de 30 a 39 anos e 40 a 49 e ensino superior se demonstram mais igualitários que os demais, com 70,5% e 74% de respostas a respectivamente. As mulheres, por sua vez, atribuíram mais que os homens esta atividade como sendo mais da mulher, de modo geral (m e M), com 38,7% das respostas deste tipo, enquanto que os homens foram 30,8%. Mais especificamente, elas tiveram um pouco mais respostas m (mais da mulher), com 29,2%, em relação aos homens, com 23,4%. As participantes que mais atribuíram fazer caminhada como sendo mais da mulher foram as da faixa etária de 30 a 39 anos e do ensino fundamental (56,2% de respostas m).

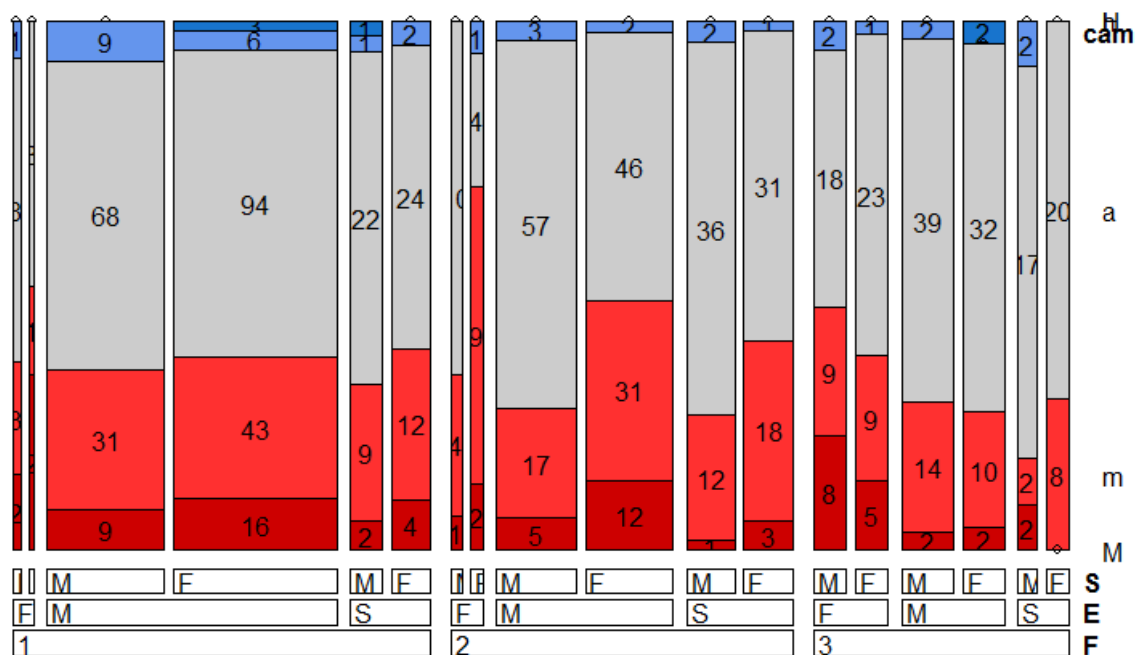


Figura 17. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de fazer caminhada divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

Semelhante à atividade de fazer caminhada, fazer compras também teve a atribuição ambos como mais frequente (60,2%), porém ela foi mais associada à mulher em geral (35,3%), do que ao homem, mesmo que este último tenha tido um número razoavelmente expressivo (4,3%). Aqui, também teve como mais igualitários os participantes homens, como mostra a Figura 18. Dentre eles 64,2% responderam a (ambos), enquanto que 56,6% das mulheres tiveram a mesma opção de resposta. E, foram principalmente aqueles que estão na faixa etária de 30 a 39 anos, do ensino fundamental (80%) e ensino médio (68,2%). Já as mulheres tiveram uma tendência maior a associar esta atividade como sendo mais da mulher, no geral, do que os homens. Mas, principalmente as respostas de cunho mais exclusivo, isto é, quase sempre da mulher (M), tiveram um número aumentado nas participantes femininas, com 12,8% de suas respostas, enquanto que os homens foram 6,7%. Em especial, aquelas da faixa etária de 30 a 39

anos e do ensino fundamental e as de 40 a 49 anos também do ensino fundamental, com 25% e 23,6% deste tipo de resposta, respectivamente.

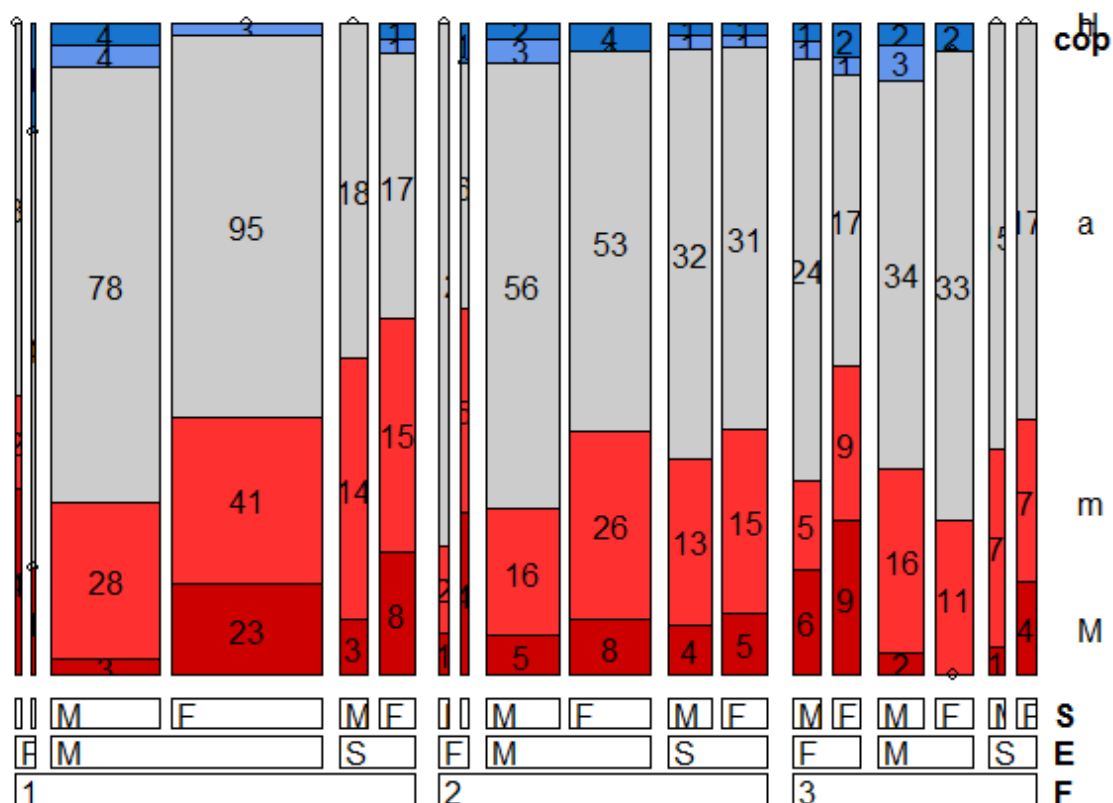


Figura 18. Distribuição das atribuições de 913 participantes para a atividade de fazer compras divididas de acordo com a faixa etária (F) que pode ser dividida em 1, 2, e 3; escolaridade (E), F (fundamental), M (médio) e S (superior) e sexo (S), M (masculino) e F (feminino), e pela frequência das respostas: H (quase sempre do homem), h (mais do homem), a (ambos), m (mais da mulher) e M (quase sempre da mulher).

DISCUSSÃO

Fazendo um panorama geral, os resultados mostram, assim, que certas atividades de lazer foram especialmente mais atribuídas ou ao homem ou à mulher, de forma que quando um possui a maior frequência o outro é quase inexpressivo. Ainda, houve algumas atividades em que a resposta ambos foi a que se sobressaiu aos demais, porém que revelam uma tendência a algum dos gêneros. Além disso, a partir da Análise de Correspondências Múltiplas foi possível entender quais as modalidades de variáveis que mais se mostraram relevantes e que estas se dividem em duas grandes dimensões, a primeira diz respeito àquela em que engloba as modalidades de cunho exclusivo, ou seja, atividades de lazer que foram colocadas como quase sempre o homem e quase sempre a mulher. Esta vai se opor a uma segunda dimensão, a qual possui dentro de si dois grupos de modalidades de variáveis, o primeiro referente às atribuições ambos e, o segundo àquelas atribuições tendenciosas, ou seja, mais do homem e mais da mulher, mas não de forma exclusiva. Dessa forma, tem-se duas dimensões que se opõem em vista do caráter das atribuições, e ainda, dentro da segunda existem dois grupos que também se mostram opostos. Assim como as oposições, também é importante notar as atrações entre as modalidades de variáveis e em que magnitude as duas formas de relação se dão, pois com isso é possível o entendimento de como as atividades de lazer vão seguir uma lógica de pensamento. Ou seja, assim como os dados que a Tabela 2 (tabela de proporções condicionais) forneceu, aquelas pessoas que expressaram uma resposta de natureza exclusiva para uma certa atividade, tendem a repetir este tipo de lógica em outras atividades. Da mesma maneira que uma pessoa que responde mais ambos em suas atribuições ou respostas tendenciais ou preferenciais para algum dos gêneros. Portanto é possível perceber que as pessoas seguem uma lógica de atribuições, o que remete ao conjunto de conhecimentos em que elas estão inseridas e que vão incidir na forma como suas práticas se darão de forma quase padronizada.

Algumas atividades de lazer, como já mencionado, foram atribuídas predominantemente a um certo gênero enquanto o outro se mostrou inexpressivo. As atividades mais associadas como sendo do homem e com atribuição feminina quase zero foram: jogar futebol, praticar luta, jogar videogame, assistir programas de esportes e brincar de carrinho. Houve também aquelas que, apesar de ambos serem mais frequentes, tenderam a ser mais associadas ao homem e, como nas atividades anteriores, com atribuições demasiado pequenas para as mulheres, como ir para um bar e consumir bebida alcoólica. Ainda, seguindo a mesma lógica de ter mais respostas para ambos mas uma disposição maior para ter mais associações para o homem, a atividade conversar com um estranho em uma festa (tomar iniciativa) também se encaixa, porém aqui, apesar de as mulheres terem baixos números, a atribuição a elas é maior que as anteriores (ir para um bar e consumir bebida alcoólica).

De modo inverso, as atividades em que a atribuição às mulheres se mostrou numerosa e inexpressiva para os homens foram as seguintes: brincar de boneca, cozinhar, praticar dança, assistir filmes de romance, brincar de casinha e assistir novelas. Enquanto que fazer caminhada e fazer compras, apesar de terem maior frequência de respostas para ambos, tenderam a ser mais associadas à mulher e pouco ao homem. Sendo assim, é interessante notar as atividades com atribuição quase exclusivamente para cada gênero, pois elas refletem de maneira explícita os papéis criados socialmente e os espaços destinados aos homens ou às mulheres e que, mesmo aquelas que possuam um teor de igualdade revelam que ainda tendem a recair mais sobre um gênero.

Em relação à escolaridade, o que foi possível observar é que, com o aumento da mesma, a tendência é que as respostas igualitárias e as tendenciais a um dos gêneros para as atividades aumentem enquanto que as respostas de cunho exclusivo diminuam. Dessa forma, as escolaridades ensino médio e ensino superior se sobressaíram em respostas para ambos à escolaridade ensino fundamental nas seguintes atividades: ir para um bar, cozinhar, jogar

videogame, praticar dança, assistir filmes de romance, consumir bebida alcoólica, brincar de carrinho e fazer caminhada. A atividade de praticar luta foi apenas a escolaridade ensino superior que teve um número maior de respostas ambos, enquanto que brincar de casinha e fazer compras, a escolaridade ensino médio apenas que se sobressaiu. O padrão de respostas da escolaridade ensino fundamental demonstra que existe uma tendência maior em aparecer respostas exclusivas, seguindo a norma de expectativas e papéis para cada gênero em todas as atividades. As atividades de jogar futebol, assistir programas de esporte, conversar com um estranho em uma festa, brincar de boneca e assistir novelas foram mais relacionadas a um determinado gênero (as três primeiras ao homem e as duas últimas à mulher) de forma tendenciosa, ou seja, não exclusiva, pelas escolaridades ensino médio e ensino superior, possuindo respostas ambos em nível semelhante nas três escolaridades. Porém, mesmo que em algumas atividades o ensino médio e o ensino superior tenham destaque nas respostas igualitárias, eles também tiveram em respostas de natureza tendencial a um dos gêneros, como em praticar luta, assistir filmes de romance, assistir programas de esporte, brincar de carrinho e fazer compras. Cozinhar, brincar de casinha e fazer caminhada, foram as atividades em que o ensino superior apenas teve mais respostas tendenciais. Em vista disso, pode ser observado que com o aumento da escolaridade as pessoas tendem a apresentar respostas mais igualitárias e tendenciais, sendo que aquelas exclusivas apareceram na escolaridade ensino fundamental. É interessante notar, ainda, que mesmo que as escolaridades com uma inclinação maior para respostas igualitárias não seguem este padrão em algumas atividades, sejam elas jogar futebol, assistir programas de esporte, conversar com um estranho em uma festa, brincar de boneca e assistir novelas. E que, mesmo sendo mais igualitárias ainda assim possuem uma disposição a atribuírem às atividades a um gênero seguindo a mesma lógica que as respostas exclusivas do ensino fundamental, só que não de forma tão demarcada.

Acerca da variável faixa etária, o mais importante que se mostrou foi a tendência de que os mais jovens possuem de expressar respostas igualitárias com maior frequência que os demais, de modo geral. Isso pôde ser visto nas atividades de brincar de boneca, praticar luta, cozinhar, jogar videogame, assistir filmes de romance, consumir bebida alcoólica e brincar de casinha, nas quais os participantes de 20 a 29 anos responderam mais a opção ambos. Em brincar de carrinho, estes e aquelas de 30 a 39 que se sobressaíram em relação aos mais velhos acerca deste tipo de resposta. Duas atividades foram diferentes deste padrão, sejam elas: conversar com um estranho em uma festa que foram os participantes de idade intermediária (30 a 39 anos) que tiveram mais atribuições igualitárias, e fazer caminhada, que foram os mais velhos (40 a 49 anos) que responderam desta forma. As associações tendenciais apenas a um gênero (e não exclusivas) seguiram um certo padrão em que foram mais frequentes nas duas faixas etárias mais velhas. Esta lógica apareceu na faixa de 30 a 39 anos nas atividades de jogar futebol, brincar de boneca, praticar luta, jogar videogame, assistir filmes de romance, assistir programas de esporte, assistir novelas e fazer caminhada, e na faixa de 40 a 49 anos em praticar dança. Nas duas, de forma semelhante, este padrão foi nas atividades de ir para um bar, cozinhar, consumir bebida alcoólica e brincar de carrinho. Enquanto que a atividade de iniciar a conversa com um estranho foi mais atribuída de forma tendencial para os homens pela faixa etária 1.

Quanto à variável sexo não foram observadas grandes diferenciações quanto à frequência de igualdade nas respostas, apenas que as mulheres possuem uma leve vantagem quanto a isso.

Portanto, é possível compreender que as atribuições das atividades de lazer quanto ao gênero irão sofrer interferência a depender do grau de escolaridade dos participantes e a faixa etária. Os dados aqui coletados mostram uma lógica em que os mais igualitários estão em escolaridades maiores e faixas etárias menores. Porém mesmo que seja significativa a

frequência de atribuições desta natureza ainda são claras as associações para um dos gêneros a depender da característica da atividade, ou seja, se esta possui aspectos que são socialmente considerados mais masculinos ou femininos. E, ainda, é possível perceber que com isso existe uma relação assimétrica entre os gêneros, onde um ocupa espaços que suscitam mais agressividade, expansividade e fazem menção ao domínio público, e ao outro, maternidade, cuidado, passividade e domínio privado.

A seguir será discutida de forma mais detalhada qual a característica principal que fundamenta a atividade de lazer mais relacionada a um gênero e a sua ligação com o meio cultural e social em que está inserida. Além disso, trata-se de entender os funcionamentos da ideologia que perpassa as atividades de lazer para se manter enquanto estruturadora das relações entre os gêneros. E, com isso, observar como a posição social do participante pode estar ligada à forma são feitas as atribuições das atividades para os gêneros.

Lazer, Gênero e Ideologia

As atividades de lazer aqui vistas como prática social apresentam uma lógica de atribuição a cada gênero e que, para se compreender melhor se faz importante entender o que caracteriza cada atividade e a sua associação à mulher ou ao homem. Como já mencionado, aqui foram abordadas brincadeiras infantis, atividades de entretenimento, momentos de socialização em bares e festas e atividades esportivas, cada qual possuindo um aspecto próprio.

A começar pelas atividades de brincadeiras infantis, as mais atribuídas às mulheres e praticamente zero aos homens foram brincar de boneca e brincar de casinha, enquanto que o contrário, mais atribuída ao homem e nada à mulher, foi brincar de carrinho.

Brincar de boneca e brincar de casinha são típicas brincadeiras infantis, e dessa forma, presentes em um momento importante de desenvolvimento e aprendizado do ser humano, o

qual ele começa a dar significado ao mundo ao seu redor e a si mesmo, sendo este um processo constante. Assim como Bicalho (2013) traz, “o brincar é uma forma de mediação das construções e significações que a criança produz de sua realidade” (p.43). O autor ainda pontua que cada cultura tem caracterizadas suas brincadeiras infantis e com suas particularidades, sendo o resultado de uma construção inscrita em uma determinada sociedade. Dessa forma, as brincadeiras não se dão naturalmente, mas são construídas socialmente e, sendo assim, carregam aspectos desta mesma sociedade na qual se dá. Brincar de boneca e brincar de casinha já demonstram claramente que se referem a atividades de caráter materno e doméstico, envolvendo o cuidado e responsabilidade que tais espaços requerem. Ao serem atribuídas fundamentalmente à mulher, um pouco a ambos e zero ao homem, revelam que é mais fácil pensar que uma menina brinque de tais formas e que um menino também possa participar, mas não como sendo um espaço seu, e sim apenas quando compartilhado com uma parceira. Tal espaço é percebido como feminino e pode-se pensar que resulta de uma histórica construção que coloca como responsabilidade da mulher o cuidado doméstico e dos filhos e que vai perpassar também a infância. Meninas, desde pequenas, são “treinadas” para o que é esperado socialmente que exerçam no futuro. Cravo (2006), similarmente observou que brincar de boneca (e aqui também brincar de casinha) é “considerada pela sociedade como eminentemente feminina, por instituir na menina, seu papel de mulher ao cuidar da casa e dos filhos – visão androcêntrica que impede, desde cedo, os meninos de participarem ativamente das atividades familiares” (p.79). Todavia, o brincar de carrinho está fora deste espaço doméstico e se inscreve mais no espaço público, onde os meninos possuem mais liberdade no brincar, podem exercer certa competitividade e agressividade, além de também se prepararem para o futuro, no qual a habilidade de conduzir um veículo é muitas vezes mais associada ao homem. Isso vai ao encontro das pesquisas de Pereira e Mourão (2005) e Cravo (2006), as quais também revelam o caráter de expansividade nas brincadeiras em que os meninos mais se relacionam. Dessa

forma vão se construindo vocações em que às mulheres são fornecidos espaços e instrumentos que perpetuam e mantêm o caráter da maternidade, cuidado e passividade, enquanto que aos homens, o caráter da expansividade, competitividade e agressividade. Beauvoir (1967) escreve sobre esta “vocação” nas mulheres, mas que também pode ser aplicada aos homens:

a menina constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam; relatos ouvidos, livros lidos, toda a sua pequena experiência o conforma; encorajam-na a encantar-se com essas riquezas futuras, dão-lhe bonecas para que tais riquezas assumam desde logo um aspecto tangível. Sua “vocação” é-lhe imperiosamente ditada (p. 24).

Este caráter vocacional também pode ser discutido nas práticas esportivas, em que praticar dança é mais associada à mulher e jogar futebol e praticar luta aos homens. O que se assemelha com a PNAD (2017), realizada pelo IBGE e que traz o futebol e luta como atividades esportivas mais exercidas pela população masculina, em contrapartida da dança, que é mais exercida pela parte feminina. Além de que Pereira e Mourão (2005) e Cravo (2006) fizeram observação similar em amostras infantis, onde o futebol e brincadeiras de luta são efetuadas principalmente por meninos. De modo geral, todas são atividades esportivas que requerem de quem as exerce movimentação física, mas cada qual possui aspectos próprios. A atividade de dança teve com mais frequência atribuições às mulheres, em seguida um pouco a ambos e nada ao homem. Jogar futebol e praticar luta seguiram a mesma lógica mas com a maioria das atribuições voltadas para o homem, um pouco a ambos e praticamente zero para as mulheres. As atividades voltadas para o homem se diferenciam essencialmente da dança pois envolvem um caráter de competitividade e agressividade, já que são esportes em que essas características são fundamentais para a sua execução. Praticar dança também pede a quem a executa uma boa desenvoltura física, mas não inevitavelmente requer competitividade e agressividade, sendo marcada por envolver movimentos corporais mais voltados para o aspecto da sensualidade, controle corporal e graciosidade. As três são atividades esportivas em que a competição pode

estar associada bem como a desenvoltura física, mas requerem e são caracterizadas por elementos diferentes, em que as mais relacionadas ao homem são mais agressivas e a dança pode ser mais passiva e voltada à sensualidade do corpo que a exerce. Para se pensar a razão desta atribuição é possível citar novamente o Decreto-lei nº 3.199, que até em 1975 estabelecia que as mulheres poderiam participar de atividades esportivas desde que estas fizessem jus à “natureza” feminina, ou seja, à passividade e o corpo apenas voltado para a maternidade e sendo frágil. Assim, mesmo que o espaço esportivo já tenha várias mulheres em modalidades antes consideradas apenas como masculinas, é perceptível que ainda existe esta lógica que organiza os esportes de acordo com esse sistema de ideais em que os corpos refletem as construções do que é ser feminina e ser masculino. Com isso, é esperado que os meninos e homens se identifiquem e façam parte de modalidades esportivas de cunho mais agressivo, competitivo e expansivo, enquanto que às mulheres se espera que façam modalidades que promovam a “boa forma” estabelecida socialmente e que mantenha a sua “feminilidade”. Como Goellner (2007) traz, “a eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno” (p. 4). Isso leva a uma assimetria dentro das atividades esportivas em que são delegados espaços aceitáveis para cada gênero e, assim, limitações, além de manter um sistema de representações do que é ser feminina e ser masculino por meio da prática constante desta estruturação. Essa exclusão pôde ser observada nos resultados em que futebol e luta tiveram atribuições basicamente zeradas às mulheres e o contrário com a dança. É importante lembrar que houve resultados similares com crianças (Pereira e Mourão, 2005; Cravo, 2006), o que leva a entender que essa assimetria vem sendo colocada em ação desde a infância, e portanto criando em meninas e meninos maiores habilidades nos esportes em que são postos. Dessa forma, meninos que desde pequenos são colocados na atividade de jogar futebol vão desenvolver boa habilidade para tal esporte, em vista da sua repetida ação e treinamento, em contrapartida de meninas que raramente entram

neste espaço. Assim, não é possível falar em “vocação masculina” para o futebol ou esportes similares como algo natural ou universal, mas sim uma constru o que   realizada ao longo da vida. Da mesma forma que assumir que meninas e mulheres não possuem tal habilidade, já que são excluídas deste espaço desde crianças e colocadas em outros que procurem manter a tão prezada feminilidade.

Tão relevante   esta questão de espaços definidos que a atividade cozinhar também foi atribuída de forma predominante às mulheres, a qual está inserida no espaço doméstico, e que, mesmo aqui tomada como um lazer, foi destinada ao âmbito feminino. Ou seja, nem como um momento de não obriga o ela pode ser vista como possibilidade para o homem. E, como uma constante constru o social, este lugar reservado   mulher   percebido inicialmente através das brincadeiras, observa es da organiza o de tarefas familiares e do mundo ao redor pela criança.   construída uma falsa voca o mas que   tomada como natural e universal, além de se constituir como uma forma de exclusão e assimetria entre os gêneros.

Além disso, assistir novelas e assistir filmes de romance também foram atividades quase que exclusivamente atribuídas às mulheres, com algumas poucas respostas a ambos e zero para os homens. Enquanto que jogar videogame e assistir programas de esporte seguiram a mesma lógica mas com a maior atribu o ao homem e inexpressiva às mulheres. São atividades que podem ser consideradas de entretenimento, mas que possuem características distintas. Assistir novelas aqui diz respeito às telenovelas que são exibidas pela televisão e que se caracterizam por possuírem uma narrativa que engloba histórias e dramas dos mais variados e que retratam ou possuem elementos da vida cotidiana. Filmes de romance, como o próprio nome diz, têm enredos em que amor, paixão e sentimentos são os principais fatores da trama. Programas de esporte, por sua vez, dizem respeito aos programas televisivos em que o assunto principal são n cias sobre ou transmissões de modalidades esportivas, já videogame   um aparato em que fornece jogos eletrônicos dos mais diversos temas e características. Dessa forma,   possível

observar que as atividades de entretenimento são atribuídas aos gêneros ainda segundo à lógica de feminilidade e masculinidade, sendo que a primeira reflete fatores como sentimentos, amor, dramas e expressividade, enquanto que a segunda faz menção à um universo mais agressivo e competitivo. O que corrobora com Amâncio (1992), já que a autora pontua que à mulher ficam associados traços de expressividade, e ao homem, traços de instrumentalidade. Saavedra e Nogueira (2006) explicam que expressividade envolve o domínio interpessoal e emotivo, em vista da instrumentalidade que abrange a autodeterminação, independência e orientação para o alcance de objetivos. Não somente assistir novelas e filmes de romance, mas como todas as atividades mais associadas às mulheres, discutidas até agora, refletem esta lógica em que as colocam como naturalmente cuidadosas, amorosas e sentimentais. E aos homens são colocadas atividades que oferecem maior liberdade, e pedem certa assertividade quanto a chegar em seus objetivos. Com isso, os espaços são demarcados e cada gênero deve carregar e suprir as expectativas que são construídas sobre ele. Homens que possam se interessar por filmes de romance e novelas são julgados socialmente pelo fato de este ser um lugar reservado à feminilidade, e assim, não lhe pertence. Porém, vale notar que os fatores que caracterizam estas duas atividades estão presentes também na vida dos homens. Eles estão susceptíveis a sentir emoções e a expressar sentimentos, da mesma forma que podem se interessar em acompanhar histórias que remetam a tais temas. Mas as construções sociais o colocam em outro lugar, com outros aspectos: esportes, lutas, agressividade, competitividade, força, estratégia, dominação. A mulher, de maneira semelhante, também vive com estas determinações e expectativas, porém é colocada no espaço em que os sentimentos, dramas, cuidado, afetos e fragilidade são principais. Dessa forma, o constante reforço do meio social para que mulheres e homens ocupem tais espaços e não os transponham, pode criar uma ideia de que as atividades que são tidas como cabíveis a cada um são frutos de gostos, preferências e uma suposta vocação. Ou seja, a constante execução de práticas estruturadas por uma lógica que define o que é do espaço

feminino ou masculino contribui para a formação de esquemas de ideias que irão justamente colocar como legítimo e natural tal organização, e, como em um ciclo, manter tais práticas como estão. O que ilustra como o sistema de *habitus* atua no meio social e colabora com a ideia de uma vocação de mulheres para traços de expressividade e dos homens para os de instrumentalidade, quer dizer, é possível uma relação harmoniosa entre as disposições esperadas e as posições de cada um (Bourdieu, 2010).

Estas foram as atividades de lazer em que um gênero se sobressaiu fortemente em relação ao outro nas atribuições. Agora ficam aquelas em que as respostas de cunho igualitário foram mais frequentes: fazer caminhada, fazer compras, consumir bebida alcoólica, ir para um bar e iniciar conversa com um estranho (tomar iniciativa). Mas, aqui a discussão fica na observação de que mesmo mais respostas ambos, as atividades foram associadas a algum gênero em segundo plano, e bem pouco a outro. Como fazer caminhada e fazer compras, que ficaram mais associadas à mulher do que aos homens, e as demais já mencionadas, mais atribuídas aos homens do que às mulheres. Isso demonstra que, mesmo sendo atividades mais igualitárias, elas ainda seguem a mesma lógica de atribuição das anteriores. A atividade de fazer caminhada é uma modalidade esportiva que, como qualquer outra, exige movimentação física, mas não tanto como a de praticar luta, por exemplo. Esta última sendo mais agressiva e competitiva, enquanto que caminhada pode ser considerada mais leve e sem suscitar tanta desenvoltura física. O que leva à discussão anterior sobre como os esportes são divididos segundo a sua característica entre os gêneros e como isso cria espaços destinados a cada um. Além de corroborar com os achados que o IBGE fez na PNAD (2017), em que as mulheres possuíam um vínculo maior com caminhada do que os homens. Aqui, ainda, existe a grande frequência de respostas que a colocam como de ambos, o que pode refletir que os homens estão adotando mais este tipo de modalidade na sua vida, podendo envolver fatores como dispender menor custo financeiro, fazer bem à saúde e mais indicada para pessoas com idades maiores por

justamente ter um caráter mais leve que os demais esportes. Ademais, que esta atividade não possui tantos aspectos que requerem certas características tidas como femininas, como a atividade de dança pode suscitar, e, dessa forma, é aceitável que os homens também a exerçam.

Fazer compras foi definida mais frequentemente como de ambos, porém houve a tendência mais para as mulheres, o que pode sugerir que esta atividade, entendida como fazer compras para a casa (supermercado, sacolão e etc) ou como um momento de adquirir mercadorias, reflete o lugar ou de cuidadora do lar ou de quem possui como lazer gastar em lojas e shoppings. Ambos os entendimentos permitem que se mantenham a lógica da feminilidade. Ao passo que, consumir bebida alcoólica, ir para um bar e iniciar conversa com um estranho (tomar iniciativa) tomadas como sendo mais do homem demonstram uma lógica em que os espaços públicos de diversão, a liberdade de consumir bebida alcoólica sem ser julgado socialmente e a possibilidade de se tomar a iniciativa em conversar com alguém são do espaço masculino e que não diz tanto respeito às mulheres. É como Bourdieu (2010) pontua: os espaços sociais públicos são destinados aos homens e, os privados, às mulheres. E mesmo quando esta está em um espaço público, como fazer compras ou exercendo alguma atividade física, há presente aspectos que mantém o que é aceitável e esperado para uma mulher. Também, é interessante notar que quando uma mulher toma iniciativa em conversar com alguém, consome bebidas alcoólicas ou frequenta lugares como bares, é julgada socialmente. Mesmo sendo um ambiente de igual presença, ela é julgada de forma negativa por ter os mesmos comportamentos que um homem tem e este não sofre com uma punição social. Poderiam ser considerados como falsos espaços igualitários, os quais apenas ficam na aparência esta igualdade entre os gêneros, mas que no fundo ainda revelam uma lógica de assimetria, onde o homem possui liberdade e assentimento para ocupar e atuar, e a mulher é tolerada ou possui restrições de atuação.

A partir de tudo isso, é possível perceber que existe nas atividades de lazer uma lógica que mantém certas representações, normas e expectativas dos gêneros. E, sendo assim, é válido pensar que existe uma ideologia que legitima e permite sua atuação para manter um estado de separação e assimetria entre mulheres e homens, mesmo em atividades que pareçam desinteressadas. Um sistema ideológico que permite a naturalização, universalização e racionalização de supostos traços e vocações que são mantidos pela constante prática, ainda que no lazer.

Ao pensar em um sistema ideológico vale ressaltar que ele se caracteriza por ser constituído de ideias, representações, normas e valores que irão, à sua maneira, dar significado e estruturar o meio social de modo geral. Mas que, além disso, irá servir como fonte e organizador de relações de poder e de dominação neste meio. Na sociedade atual, existem várias divisões que enquadram as pessoas em certas “categorias”, como a classe social com base no seu poder financeiro, o grau de escolaridade, a nacionalidade, a sua cor da pele, a sua idade, o seu gênero, e etc. Em cada lugar destes, um sistema de conhecimentos que parece existir desde sempre e ser válido, organiza e estrutura as representações, normas e ideias que são legítimos para cada um, e que revelam uma relação assimétrica, ou seja, uma relação de poder. Isto é, quanto mais poder financeiro e maior classe social, mais prestigiado, almejado e até mesmo feliz a pessoa é retratada. Enquanto que parece ser legítimo e natural que esta pessoa exerça sob aquela que não possui tanto poder financeiro assim uma relação de dominação. Da mesma forma, parece ser natural e certo que homens ocupem certos espaços e as mulheres outros. Que aquele seja exemplo de força, virilidade, provedor e agressividade, e que as mulheres possuam em si traços de maternidade, fragilidade, passividade e beleza. Além de que o homem possa ser o dominador e a mulher, a submissa e obediente. Todo este esquema que o sistema ideológico mantém no meio social, seja em relação ao que for, irá incidir na maneira que as pessoas vão se comportar e atuar, ou seja, em suas práticas. Como já dito anteriormente, o lazer faz parte da

vida do ser humano e possui características próprias, mas, assim como mostra os resultados aqui relatados, ele é influenciado por este sistema. Isso quer dizer que, enquanto prática social, o lazer serve para a manutenção desta estruturação e significação do meio social por meio a sua constante execução, além de contribuir para que se mantenha todo o esquema ideológico por trás. Assim como Eagleton (1997) e Thompson (2000) descrevem os modos de atuação e estratégias que um sistema ideológico desempenha, é possível pensar que nas atribuições feitas para as atividades de lazer existe a influência destes modos. Parecem legítimas, racionais, universais e naturais as classificações realizadas para o que são atividades tidas como para os homens e as tidas para as mulheres, e, sendo assim, cria-se a ideia de uma unidade e uma identidade que permite a criação de um referencial padrão racionalização e que vai ser colocada em prática.

Esta ideologia serve para manter uma identidade feminina baseada em fatores como a maternidade, a expressividade e sua dominação pelo homem, e este, por sua vez, é colocado sob traços de instrumentalidade, poder e dominação, mesmo em atividades que em primeira instância são vistas como espontâneas e desinteressadas, mas que, por serem assim mesmo, mostram como o sistema ideológico de dominação de gênero está presente em todos os âmbitos da vida social e se nutre da constante prática baseada nele. Este sistema de funcionamento em que práticas sociais são estruturadas por um sistema ideológico e o mantém através da sua constante execução, pode ser melhor compreendido em Bourdieu (1983) quando o autor discorre sobre o *habitus* e o coloca como um sistema em que existe a interiorização (construção de disposições de ideias e crenças) da exterioridade (práticas sociais), e a exterioridade da interiorização. Como já dito, apesar de Bourdieu não mencionar o fator ideologia, seu conceito de *habitus* agrega à discussão na medida em que permite clarear a lógica em que as práticas se organizam com base em um sistema de conhecimentos e o nutre. Bourdieu (2010) também escreve sobre o papel de dominador que é requerido do homem, e, como dominador logo deverá

existir alguém a ser dominado, na lógica dos gêneros, cabe à mulher esta função. E, ainda, que esta visão é continuamente legitimada pelas próprias práticas, que colocam o feminino em uma espécie de confinamento simbólico onde suas posturas são carregadas de uma significação moral, isto é, seus comportamentos e modos de existir socialmente são contidos e limitados por uma lógica moral. E, já que esta contenção é atribuída ao ser dominado, ao dominador resta a liberdade e expansividade, como pode ser visto nas atribuições feitas pelos participantes deste estudo sobre quais são os lugares femininos e masculinos dentro do lazer.

É possível entender que as mulheres passaram a ocupar espaços que antes não lhes eram permitidos ou aceitos, contudo, mesmo tendo conquistado esta liberdade vale pensar sobre a significação moral de seus comportamentos e posturas, como mesmo coloca Bourdieu (2010). Ter a liberdade e aceitação social de poder consumir bebidas alcoólicas, ir para bares e festas ou iniciar uma conversa com alguém que lhes interessa ainda sofrem com uma resistência de que a mulher deve ser passiva, contida e doméstica, e com isso ela pode sofrer com julgamentos alheios quando toma tais posturas. Esses julgamentos se caracterizam por serem provenientes da maneira que a ideologia encontra para manter como legítimo o que ela prega, ou seja, o sistema ideológico permite esta coerção mesmo que ainda as mulheres possam ocupar estes espaços, mas que não parecem lhes ser naturais e legítimos. Dessa forma, é mais fácil que haja comportamentos de repressão por beber bebidas alcoólicas, se embriagar, frequentar bares e festas e tomar iniciativa com alguém contra as mulheres do que aos homens, já que destes se espera que tenham um comportamento de iniciativa, de serem ativos e liberdade para ocupar espaços públicos e se embriagarem.

Em contraste, fazer compras e fazer caminhada são atividades mais tranquilas e dizem respeito ao meio doméstico e de gastos, que podem ser fúteis e exagerados, e ao exercício físico que mantenha a boa forma, a saúde e preserva os traços de feminilidade (por ser uma modalidade que não exige tanto condicionamento físico, agressividade e competitividade). Os

homens, ao ocuparem também estes espaços, revelam que fazer compras pode demonstrar o papel que possuem no meio doméstico mas que ainda mantêm o aspecto de provedor. E, ainda, fazer caminhada pode oferecer uma rotina saudável e menos custosa financeiramente para que eles preservem a saúde, principalmente os mais velhos. Mas, aqui, é válido notar que os homens não sofrem julgamentos ou coerções por adotarem estes comportamentos, na verdade podem ser reforçados positivamente por estarem “ajudando” com as tarefas domésticas ou por levarem uma rotina saudável.

Todavia, esta coerção e julgamentos sociais merecem ser explicados. Este benefício de não coerção que a população masculina pode ter dirá respeito à característica da atividade que ele exerce, em contextos neutros ou que não sejam marcados especialmente pelos traços femininos. Isto é, quanto mais tida socialmente como feminina, com mais repressões os homens vêm a se deparar, já que devem manter o seu estatuto de masculinidade e virilidade intactas. Bourdieu (2010) aponta que a virilidade masculina deve ser provada e reconhecida pelos demais homens em práticas que atestam tal característica, como nos esportes, e mais especificamente, esportes de luta. Tudo para se manter distante daquilo visto como feminino. Fazer compras e fazer caminhada estão em um campo diferente de brincar de boneca ou praticar dança, que podem ser percebidas como possuindo um teor mais de aspectos da feminilidade. Quanto mais uma atividade for atribuída a um gênero, mais repressão o gênero oposto pode sofrer ao exercê-la. Como quando as mulheres adentram o meio do futebol, da luta ou brincam de carrinho. Elas também vão deixar de ocupar espaços puramente vistos como femininos pela sociedade e adentrar naqueles tidos como masculinos, podendo assim serem reprimidas. Portanto, ao serem analisadas as coerções com que os gêneros podem deparar ao transcender o espaço que foram construídos para cada um, deve-se atentar para qual a atividade, postura ou traço se está falando, já que vai depender deste aspecto a compreensão do porquê pode existir ou não uma repressão social.

O sistema ideológico é nutrido por esta organização e mantém e se torna mais forte na medida que ela é constantemente posta em ação. São espaços definidos, legitimados, tidos como naturais e universais, com base em uma argumentação racional, que cria uma unidade de identidade nos grupos e que se reflete na prática destes no meio social.

A ideologia que embasa essa relação de dominação de gênero, mesmo no lazer, se apropria de discursos fisiológicos e médicos para racionalizar os papéis que são atribuídos às mulheres, por meio da argumentação de que seu corpo é voltado para a maternidade, é mais frágil e fraco, seu cérebro menor e é mais emotiva e obediente. Aqui se ressalta o uso destes argumentos para se manter um lugar de submissão em que as mulheres são colocadas, não se negando nenhum dado ou fator fisiológico e científico, além de colocar o aspecto da vocação como fundamento para o que é percebido como feminino e colocado em prática. Sendo assim, como resultado se tem que estes traços e espaços são naturais e universais, ou seja, fazem parte da mulher como se fosse sua essência e isso é passível a todas as mulheres, legitimando, dessa forma, esta lógica e práticas. Da mesma maneira, esta estruturação se aplica aos homens, os quais são pressionados a serem viris, fortes, protetores e mais práticos (sem o traço da emotividade). O que a ideologia faz, assim, para que todo este sistema seja incorporado ao meio social é ocultar que ele advém de construções sociais, ou seja, os próprios membros da sociedade que construíram tais “leis dos gêneros” com base na sua significação do que é ser homem e mulher e os seus respectivos papéis. São construções sociais que tomadas como naturais reforçam a ideologia e, em consequência, a relação de dominação. O lazer, enquanto uma prática social, fica à mercê de todo este esquema e contribui para sua reprodução e legitimação, favorecendo que seja aceitável que mulheres e homens, mesmo em um momento de diversão, recreação e descanso, exerçam seus papéis “naturais”. Como mesmo coloca Beauvoir,

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade [...]. (1970, p. 57).

Ideia esta que também pode ser pensada em relação ao corpo masculino e as construções sociais sob ele. Dessa forma, as práticas sociais se mostram como um instrumento valioso para a ideologia se manter socialmente legítima e se reproduzir. A constante reafirmação das representações, normas e ideias em comportamentos e posturas observáveis, garantem a legitimidade do que se encontrava apenas no plano mais abstrato e ideal. Como uma expressão popular mesmo traz sabiamente, é ver para crer. A prática demonstra a aceitação e concordância do meio social em que a ideologia exerce o papel de estruturação e organização. Como já discutido anteriormente, a prática social aqui enfocada, o lazer, é influenciado por questões ideológicas e seu modo de funcionamento e organização diz muito respeito ao que se encontra como um sistema de ideias e conhecimentos sociais. Dessa forma, é importante reconhecer o lazer como socialmente reconhecido, estruturado e composto em relação a papéis, fatores estes que Flament (2001) e Jodelet e Moscovici (1990) pontuam como características de uma prática social. São comportamentos e posturas, assim, construídos, aceitos e organizados socialmente, englobando o conjunto de conhecimentos sociais que pairam sobre a sociedade. Ainda, que também irão revelar relações de poder, aqui com destaque para as relações entre os gêneros, que dão luz a uma organização ideológica do lazer, criando espaços definidos para cada e um ambiente de exclusão e coerção.

E, como já mencionado, este sistema ideológico possui certas estratégias e modos de funcionamento que permitem a sua manutenção, mas Bourdieu (2010) traz um ponto de vista interessante quando fala acerca de como a dominação masculina impera no meio social e que

acrescenta à presente discussão. O autor traz a ideia de que a mera tomada de consciência desta organização e relação de dominação entre os gêneros não é suficiente para que se possa mudá-la, já que ainda restam as práticas. É possível entender, assim, que estas relações assimétricas provenientes de construções sociais e que fazem parte de uma ideologia, podem ser reformuladas efetivamente quando nas práticas, e não apenas no momento em que se toma consciência dos espaços que foram criados para cada gênero. A percepção desta estruturação ideológica pode ocorrer de diversas maneiras (leituras, experiências pessoais ou de terceiros, discussões, etc) e possuem um valor importante na mudança, mas é fundamental que isso se aplique ao âmbito das práticas também, pois assim se atinge todo o ciclo de funcionamento deste sistema. É importante, ainda segundo o autor, “uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre a si mesmos, o próprio ponto de vista dominante” (Bourdieu, 2010, p.54). Ou seja, as mulheres, como submetidas a um papel de dominadas, devem também não contribuir para que o sistema que garante tal dominação se mantenha. Mas é muito importante entender que aqui não se fala em culpabilização das mulheres pela manutenção e consequências do papel que lhes foram inscritos socialmente, mas assim perceber que desde bebês elas são inscritas em uma sociedade androcêntrica a qual estabelece traços, representações e disposições para que elas atuem no meio social, e que a construção de tais práticas são produtos do poder, “inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob forma de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar, etc) que o tornam sensível a certas manifestações simbólicas do poder” (Bourdieu, 2010, p. 53). Afirmação esta que também se aplica ao lado dominador da relação, que são imersos em construções sociais que sempre estão lhes exigindo que exerçam o papel de detentores do poder. Estas inscrições de traços e disposições remetem ao argumento de que a relação entre o sistema ideológico enquanto no plano das ideias e no plano das práticas envolve os corpos desde muito novos, instituindo vocações, posturas, comportamentos,

representações e normas que garantem uma organização à favor da manutenção das atribuições de cada gênero como sendo naturais e legítimas, e não como construídas socialmente.

Analisar este sistema tomando como espaço o lazer demonstra o quanto ele está presente em toda a vida social e em suas práticas, mesmo que em primeira instância esta se apresente como algo desinteressado e espontâneo. O lazer enquanto prática social revela como a ideologia está instituída na nossa sociedade, fornecendo padrões para a atuação e representação dos gêneros, e que mesmo que não se tenha consciência disso, ele nutre tal sistema ideológico e é estruturado por ele. São organizações que ocultam o papel que cabe à mulher e ao homem sob o véu da espontaneidade, habilidade e vocação. Mas é importante ressaltar também que este sistema ideológico que mantém relações de poder entre os gêneros mesmo no lazer, parece não se reproduzir de forma igualitária a depender da posição social dos participantes, e é isto que será explorado a seguir.

Concomitantemente à noção de que cada pessoa ocupa espaços no meio social (a depender, por exemplo, de sua condição financeira, gênero, cor e etc) e que isto influencia no modo como ela é representada socialmente e quais são os seus papéis e disposições, isto também diz respeito a como a pessoa significa o mundo à sua volta. Ou seja, a forma como se significa e como se atua no mundo social está sujeito a estes espaços em que uma pessoa se situa. E, como coloca Bourdieu (1986), as posições que as pessoas ocupam no meio social dizem respeito a quanto ela possui de poder, este, como já mencionado, podendo ser em forma simbólica ou material. Na sua forma simbólica, o poder se caracteriza por ir além da detenção de bens e riquezas econômicas, a qual seria o capital econômico, abrangendo também o capital cultural, o capital social e o capital simbólico. Ressaltando que capital é entendido como uma forma de aquisição de um destes tipos de poder. Dessa maneira, a partir de como o indivíduo está localizado nesta conjuntura de poderes, ou seja, qual a sua posição social, ele irá atuar no

meio social, aqui enfocando como ele atribui o lazer aos gêneros a partir de todo o sistema ideológico que incide na forma de significação e práticas.

Como já mencionado, o instrumento aqui utilizado permitia a coleta de informações dos participantes que dizem respeito a este aspecto da detenção de poderes. Para as análises dos dados, a escolaridade e faixa etária mostraram dados que ajudam a entender como esta lógica dos papéis de gênero se dá na amostra. A escolaridade diz respeito ao capital cultural, haja vista que a pessoa com um nível maior de escolaridade usufrui de uma formação educacional mais avançada e pode vir a ter mais contato com outros segmentos culturais, como livros, informações, discussões e espaços que ofereçam toda esta gama de oportunidades. Além disso, esta pessoa também pode deter uma rede de contatos maiores e também de mesma posição quanto à escolaridade, e que, ainda, pode ter acesso a pessoas, teóricos, professores e escritores que possuam um maior poder cultural. Tudo isso influenciando o seu prestígio social, ou seja, existe ainda o fator de que estas pessoas (com maiores escolaridades) podem possuir também maior capital simbólico, o que quer dizer que contam com maior valorização do meio social. Dessa forma, todos estes aspectos situam a pessoa em uma posição no meio social com base nestas “posses”. Em relação à idade, é possível pensar no fator das gerações, ou seja, o estudo abrangeu um intervalo que vai desde os 20 anos de idade até os 49 anos de idade, incluindo pessoas, assim, diversificadas quanto à faixa etária e socializadas e com experiências sociais diferentes em vista do período histórico e cultural no qual nasceram e foram construindo suas significações do mundo ao seu redor e como atuar nele. E, como Bourdieu (1977) mesmo coloca, cada geração é constituída em um determinado contexto que vai gerar hábitos que são percebidos como naturais e, ao se colocarem em “choque” com os hábitos de outras gerações, podem aparecer certos conflitos. Isto é, a depender do contexto histórico e cultural em que uma pessoa apreende o mundo, começa a se relacionar com ele e constrói suas significações, ela adota um esquema de *habitus* diferente daquela pessoa que fez tudo isso décadas antes. Sendo

importante esclarecer que isto não é um processo fixo e imutável, mas que é constantemente construído e influenciado pelo meio social em que a pessoa está inserida. São gerações que vão entrando em contato e vivenciando o meio social, e, sendo assim, o sistema ideológico, de maneiras diferentes, o que pode vir a resultar em certos conflitos. Um trabalho realizado por Almeida, Souza e Gimenes (2018) no qual os autores pesquisaram valores e atitudes quanto aos papéis de gênero em uma amostra que continha civis e outra formada por policiais militares, ambas do estado do Paraná, demonstraram que, entre os civis, os mais jovens e de maior escolaridade tinham maior tendência a serem mais igualitários quanto ao tema. Ainda, uma pesquisa realizada por Falcke e Zordan (2010) em que as autoras procuraram investigar a opinião de temas como romantismo, família, papéis conjugais e permissividade sexual em jovens adultos concluíram que, ao se tomar em análise os papéis dos cônjuges no casamento, as visões tradicionais e mais modernas estão presentes no meio social, mas que os jovens estão desconstruindo as noções mais tradicionais e que a maioria da amostra não concorda que a mulher deve se dedicar exclusivamente aos afazeres domésticos. Esta mescla da noção tradicional e moderna das relações entre os gêneros dentro de um casamento mostra que os mais jovens estão questionando e opinando de forma diferente do que antes era tido como certo e legítimo, mas que o tradicionalismo ainda resiste. Assim como no lazer, em que é possível observar uma maior flexibilidade de atribuições das atividades pelos mais jovens mas que ainda no meio social em que eles estão inseridos se tem a visão tradicional das divisões do que pertence às mulheres ou aos homens. Tais estudos corroboram quanto aos achados aqui presentes em que os mais jovens e pessoas com escolaridade maior possuem uma disposição a terem uma visão e atitudes mais igualitárias quanto às questões da relação de gênero.

Ao considerar todo este esquema dos poderes e as gerações em ligação ao sistema ideológico que estrutura as relações de gênero e os resultados encontrados na amostra do estudo, é possível entender como, a depender da posição social que a pessoa ocupa, as práticas e ideias

vão ocorrer de modo a sustentar esta estrutura ou não. Tomando os resultados das atribuições e toda a sua ligação com um sistema ideológico e olhando para isto sob o viés da escolaridade, pode ser entendido que quanto maior a escolaridade mais disposição para expressar respostas de cunho igualitário. Isso pode refletir que um nível mais elevado de escolaridade pode proporcionar um contato maior das pessoas com discussões e reflexões acerca do que é colocado como natural como estruturador do meio social, além de outras informações mas que aqui não se fazem importantes. Este teor de maior igualdade ao perceber as atividades de lazer semelhantes para ambos os gêneros e com menos associações radicais pode ser resultado da constante interação destas pessoas com teorias, discussões e aspectos semelhantes que permitem uma problematização da organização social colocada como certa e muitas vezes irrefletida, levando a uma postura de maior consciência quanto a isto. E, sendo assim, o contato destas pessoas com o meio social se estende do que pode ser comumente observado nas práticas e de ideias, representações e normas transmitidas por um conhecimento social para a problematização destas instâncias e o contato maior com produções que incitam esta reflexão. É importante esclarecer que isso não quer dizer que estas pessoas com escolaridade maior devam ser tidas como superiores, mas sim que elas tiveram a oportunidade de levar a educação a níveis maiores e que isso se mostrou ligado aqui com a ideia de simetria entre os gêneros no lazer. Pessoas que possuem uma escolaridade menor podem ter essa orientação a uma postura mais extrema quanto a suas atribuições e, dessa forma, quanto a suas representações, ideias e práticas haja vista o contexto em que estão inseridas que impõe como correto uma organização assimétrica entre os gêneros. Não possuindo em sua história pessoal a oportunidade de se dedicar a expandir o nível de sua escolaridade, seja por conta de qualquer razão que não cabe aqui ser julgada. O que deve ser ressaltado é a importância que a educação e o acesso a meios e espaços que permitem discussões, reflexões e o contato com produções que geram problematização da organização social possuem quanto a como uma pessoa irá atuar em seu

meio social. Esta posição que ela ocupa no meio lhe garante oportunidades de acesso a questões que justamente colocam o sistema ideológico, seu modo de funcionamento e ao que ele serve à luz para discutir e refletir. Porém é válido também mencionar que isto não se apresenta como uma lei aqui, mas uma disposição observada neste presente estudo.

Todavia, juntamente com o aspecto da escolaridade, o fator da faixa etária merece discussão. Aqui foi percebida uma inclinação dos mais jovens adotarem uma postura também mais igualitária do que os mais velhos. Isso pode demonstrar que as gerações mais recentes estão inscritas em um contexto de questionamentos quanto à ordem social vigente, aqui com destaque às relações de gênero. Ou seja, existem atualmente maiores contestações quanto a ideias e práticas estabelecidas e ditadas, além de que os movimentos que lutam pela igualdade entre os gêneros foram tomando grandes proporções ao decorrer dos anos e gerando discussões acerca dos papéis sociais das mulheres e homens. Tudo isso pode gerar certos conflitos entre as gerações e se revelar em diferentes atitudes quanto ao tema, isto é, diferenças quanto às atribuições de papéis e do que é supostamente do âmbito feminino ou masculino e de como as práticas se dão. Dessa forma, é possível entender que cada pessoa se porta de modo diferenciado no meio social em vista do seu processo de apreensão do conhecimento social e da ordem vigente, e de como isto é visto, experienciado e discutido no contexto atual de sua geração. Além de que o aspecto da faixa etária pode estar associado ao poder cultural, ou seja, os mais jovens com maior acesso à educação ou espaços em que permitem toda a discussão sobre as relações entre os gêneros, seja pela internet, livros, produções acadêmicas, professores, pais e familiares, programas de TV e etc. Sem querer dizer aqui que as gerações passadas não tiveram este movimento de questionamentos e reflexões, mas que agora isto parece ser mais acessível e permitido do que antes, já que o acesso à educação e ambientes que permitam estas discussões foi algo conquistado pelas mulheres com muita luta e resistência, além de ser algo contínuo ao decorrer dos anos. Portanto, o contexto atual que permite vários questionamentos acerca do que

é tido por natural e legítimo sobre mulheres e homens influencia o modo como as pessoas lidam com estas questões. Os mais jovens parecem se identificar mais com este movimento de reflexão e, pelo acesso a inúmeros meios que possibilitam o contato com materiais que ajudam nisso, eles podem aplicar tudo isto em suas práticas e visões de mundo. Os mais velhos, por terem sido criados em um contexto diferente e que pode ter sido mais rígido quanto às indagações sobre os papéis de gênero, aplicam o que lhes parece certo e legítimo em suas práticas atuais e sua visão de mundo.

Sendo assim, o sistema ideológico que mantém as relações entre os gêneros e as práticas advindas disto está constantemente sofrendo mais questionamentos quanto a sua legitimidade. O contexto atual está marcado por grandes discussões acerca dos papéis das mulheres e dos homens, seja no meio acadêmico com produções que enfatizam a construção social como pilar para estas representações, seja pela disseminação disto tudo através de redes sociais e da internet, as quais permitem um acesso mais fácil a tais temas. A educação se mostra como parte importante para que tais construções possam ser debatidas e vistas não mais como naturais e universais, mas baseadas em um sistema de poder entre mulheres e homens. Tanto o fator de capital cultural quanto a faixa etária mostram que a tomada de consciência desta ideologia pode vir a gerar reflexões que afetam as práticas, e, dessa maneira, deslegitimam o que antes parecia ser de natureza e essência.

Com isso, é possível entender que os movimentos que propiciam o questionamento dos supostos papéis que são atribuídos aos gêneros possuem relevância no que diz respeito ao processo de mudança de assimetrias entre estes. O movimento Feminista propõe a luta para a igualdade entre os gêneros e refuta a ideologia que legitima a relação de poder entre eles, revelando que isto se origina de construções sociais e não biológicas e naturais (Louro, 1997; Alves e Pintanguy, 1981). Ao longo da história este foi um movimento que mobilizou diversas lutas e campanhas para que as mulheres pudessem conquistar uma posição de igualdade com

os homens, seja no meio público ou doméstico. Atualmente, este é um tema que permeia estudos teóricos e acadêmicos, mas que também está no meio do senso comum e no cotidiano das pessoas. A internet e as redes sociais se fazem presentes de forma importante no atual contexto histórico, e, por isso mesmo, podem servir como um meio o qual os movimentos sociais usam para colocar suas discussões. Santini, Terra e Almeida (2016) colocam que este meio virtual das redes sociais também constitui espaços de fala e pode ser um instrumento de transformação e, a partir da análise das autoras de um movimento contra assédio às mulheres e conscientização deste assunto em uma rede social, é possível entender que existe um alcance importante e numeroso destas discussões através desta ferramenta. Dessa forma, questionamentos, reflexões, conscientizações e exposições a temas sociais como as relações de gênero estão presentes em meios que possibilitam um alcance maior entre as pessoas e, sendo assim, pode ser um passo à tomada de consciência da estrutura ideológica que sustenta as assimetrias e relações de poder. O Feminismo atual usa e deve continuar a usar deste instrumento para revelar esta organização ideológica de poder entre os gêneros e, de certa maneira, tentar democratizar tais discussões, mas isto é um tema que gera outra discussão e que merece um olhar para novas pesquisas.

É importante, assim, reconhecer a importância de atualmente se ter mais questionamentos e reflexões acerca do que é posto como natural e legítimo, além de meios para maior acesso a tais movimentos. Aqui tomando como foco a estruturação do lazer através dos papéis de gênero, é possível perceber que ele também é afetado por esta maior elucidação e discussão do que é tido como sendo da natureza feminina ou masculina, na medida que existe um viés de igualdade aparecendo quanto às atribuições. Ou seja, como prática social, o lazer possui grande importância para os dois lados: para a manutenção de uma estrutura ideológica que legitima e naturaliza uma relação de poder entre os gêneros e os papéis cabíveis a cada um e também como meio de transformação e questionamento desta mesma organização e atribuição, no sentido de tentar igualar as assimetrias existentes. O lazer, assim, foge de uma

faceta desinteressada e ganha importância no processo conscientização do sistema ideológico e na mudança de ações e comportamentos que justamente sustentam e são estruturados por este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações são possíveis a partir dos resultados e discussão apontados. Uma delas é que o lazer é uma prática social que se estrutura a partir de um sistema de ideias e conhecimentos que, por sua vez, estão inseridos em todo um complexo ideológico que permite a legitimidade de atribuições de atividades específicas para cada gênero. Estas atribuições evocam construções sociais do que é ser mulher ou ser homem que demarcam o espaço e o que cabe a cada um. Mesmo em um âmbito da vida das pessoas que pode parecer em primeira instância como pouco relevante e de livre escolha, o sistema ideológico se faz presente influenciando as ações e sendo nutrido por esta.

As atividades que foram mais associadas a cada gênero revelam que, mesmo no lazer, são mantidos e propagados traços que são tidos como femininos ou masculinos socialmente. Às mulheres ficam reservadas atividades que permitem a reprodução da suposta natureza feminina construída socialmente que se liga a aspectos da maternidade, do meio doméstico, da fragilidade e passividade, da delicadeza e da expressividade. Por outro lado, aos homens são atribuídas atividades que evocam a virilidade, competitividade, agressividade, boa desenvoltura física e instrumentalidade. Ainda, mesmo que o teor de igualdade se sobressaia nas atribuições das atividades, é perceptível que a depender da atividade ela possui uma tendência a ser mais associada a um gênero do que a outro, seguindo a lógica dos traços socialmente aceitos e esperados para cada um.

Ainda, também é observado com base na análise dos dados que existe uma lógica nas atribuições, em que pessoas que respondem a um item de determinada maneira (mais igualitário ou não) tem uma grande possibilidade de fazer atribuições semelhantes aos demais. Ou seja, as pessoas seguem uma lógica em suas atribuições, sendo que ao se mostrarem mais igualitárias em uma atividade, possuem maior probabilidade em se manterem desta forma nas demais

associações. Com isso, foi possível entender que as respostas mais igualitárias se associam positivamente, na medida que se atraem, enquanto que possuem uma relação de repulsa às respostas de teor mais extremo ou tendencioso.

Deste modo, ao tomar como fator de observação a posição social dos participantes revela que parece ser mais fácil que jovens e/ou pessoas com uma escolaridade maior se demonstrem mais igualitários em contrapartida aos mais velhos e/ou pessoas com escolaridade menor. O que pode ser justificado pela crescente discussão e questionamento dos padrões colocados como naturais e legítimos no que se refere aos papéis de gênero, além da constante luta que movimentos sociais, em especial o Feminismo, possui para conquistar e garantir a igualdade entre mulheres e homens em vários espaços da vida, seja no público ou privado.

Por conseguinte, o lazer se mostra como um espaço que pode servir ou não a um sistema ideológico que garante a manutenção de relações desiguais e de poder entre os gêneros, o qual o masculino é colocado como o ser social dominante, e, para que exerça tal feito é necessário que exista o dominado, lugar em que a mulher é posta. Assim, a constante prática estruturada por esta lógica ideológica garante que esta se mantenha como legítima, natural, universal e racional e, dessa forma, aceitável de ser reproduzida e esperada socialmente. Esta lógica se inscreve nos corpos de mulheres e homens que os constroem sob a visão de determinismos e detenção de poderes e vocações que irão se concretizar nas práticas. Assim, como qualquer prática social, o lazer também pode servir a um processo de reflexão e transformação desta lógica através de sua organização, ou seja, pode ser uma ferramenta para a tomada de consciência do sistema ideológico que está por trás em sua estruturação e para a mudança no âmbito comportamental. É um processo que enfrenta todo o peso da ideologia que tenta se manter regente do meio social, mas que pode ser um passo em direção à tomada de consciência e mudança das práticas, direcionando para uma maior igualdade entre os gêneros.

É importante mencionar que o presente estudo apresenta suas limitações, haja vista que a amostra utilizada não foi aleatória e sim por conveniência, e mesmo tentando se manter uma maior representatividade populacional pode deixar a desejar. Além do instrumento não possibilitar um maior aprofundamento das atribuições feitas pelos participantes. Quanto à categoria analítica aqui enfocada, o gênero, foi abordado em sua estruturação mais simples, masculino e feminino, e a relação entre estes, cabendo ainda mais estudos que possam ir além desta dicotomia. Sendo assim, os resultados e a discussão embasada por eles, juntamente com os referenciais teóricos, serviriam para extrair várias outras vertentes que originariam outras análises e reflexões. Como abordar com mais profundidade o papel que as redes sociais podem ter/estão tendo na desconstrução de traços e espaços tidos como naturais e, assim, destinados ou para mulheres ou para homens, principalmente na população mais jovem. E de modo contrário, como as mídias sociais de informação e entretenimento podem contribuir e/ou estão contribuindo para a manutenção de tal lógica de ideias e representações do que cabe a mulheres e homens e como isso incide nas práticas sociais. Além de se pensar como a posição social pode estar relacionada a maior ou menor crença de igualdade entre os gêneros em outros espaços sociais. São, portanto, indagações e pensamentos para estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abric, J. C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. In: A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.

Almeida, A. M. O., Santos, M. F. S. & Trindade, Z. A. (2000) Representações e Práticas Sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia da SBP*, 3(8), 257-267.

Almeida, C. C. R., Souza, M. A. D., & Gimenes, É. R. (2018). Percepções sobre (des) igualdade de gênero: estudo comparativo entre civis e policiais. *Revista do Serviço Público Brasília*, 69(1), 241-266. Disponível em <<http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/3270>>

Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1981). *O que é feminismo*. Brasiliense.

Amâncio, L. (1992) As assimetrias nas representações do gênero. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, 9-22. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/14034>>

Aquino, C. A. B. & Martins, J. C. O. (2007) Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), 479-500

Beauvoir, S. (1967) *O Segundo Sexo. A Experiência Vivida*. (2ª ed.) São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Beauvoir, S. (1970) *O Segundo Sexo. Fatos e Mitos*. (4ª ed.) São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Bicalho, C. W. C. (2013) Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. *Revista Médica de Minas Gerais*, 23(2), 41-49. DOI: 10.5935/2238-3182.2013S007

- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1983) *Sociologia*. Org. R. Ortiz. São Paulo: Ática.
- Bourdieu, P. (1986) The forms of capital. In J. G. Richardson (Org.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, Nova Iorque: Greenwood, pp. 241-58
- Bourdieu, P. (1989). *Sobre o poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2010). *A Dominação Masculina*. (9ª ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Brasília: Governo Federal, 14 abr. 1941. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: nov. 2017.
- Brasil. Decreto- Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Brasília: Governo Federal, 09 de mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em: dez. 2018.
- Bruhns, H. T. (Org) (1997) *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Burr, V. (1998) *Gender and Social Psychology*. London: Routledge.
- Camargo, L. O. L. (1992) *O que é lazer*. (3ª ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Chauí, M. (2001). *O que é ideologia* (2ª ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Cravo, A. C. A. (2006) *Brincadeiras infantis e construção das identidades de gênero*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10788>>
- Dumazedier, J. (1976) *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Dumazedier, J. (1999) *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva.

- Eagleton, T. (1997). *Ideologia. Uma introdução*. São Paulo: Unesp/Boitempo
- Falcke, D. & Zordan, E. (2010) Amor, Casamento e Sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155
- Flament, C. (2001). Pratiques sociales et dynamique des representations. In P. Moliner (Ed.), *La dynamique des représentations sociales* (pp. 43-58). Grenoble: Presses Universtaires de Grenoble
- Gil, A. C. (2008) Métodos e técnicas em pesquisa social. (6ª ed.) São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Goellner, S. V. (2007). História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Vol. 1, pp. 1-10).
- Gomes, C. L. & Melo, V. A. (2003) Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Movimento*, 9(1), 23-44. DOI: 10.22456/1982-8918.2661.
- Greenacre, M. (2007). *Correspondence analysis in practice*. (2ª ed.) Boca Raton: Chapman & Hall.
- Gurgel, T. (2010, agosto) Feminismo e Luta de Classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *Anais do evento Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Florianópolis, SC, Brasil, 9.
- Hofmann, H. (2001) Generalized Odds Ratios for Visual Modeling. *Journal of Computational and Graphical Statistics*, 10(4), 628-640. DOI: 10.1198/106186001317243368
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013) *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012*. Rio de Janeiro: IBGE.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) *Pesquisa nacional por amostra de domicílios. Práticas de esporte e atividade física: 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.

Jodelet, D. (1989) *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France

Jodelet, D. & Moscovici, S. (1990). Les représentations sociales dans le champ social. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*. 3 (3), 285-288

Kaur, R. (2018) *O que o sol faz com as flores*. São Paulo: Planeta do Brasil

Le Roux, B., & Rouanet, H. (2010). *Multiple correspondence analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Marcellino, N. C. (1995) *Lazer e Educação*. (3ª ed.) Campinas: Papirus

Marcellino, N. C. (1998) Lazer: concepções e significados. *Licere*, 1(1), 37-43

Marcellino, N. C. (2007) Algumas aproximações entre lazer e sociedade. *Revista Iberoamericana: lazer e sociedade*, 1(2), 1-20

Mascarenhas, F. (2005) *Entre o Ócio e o Negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

Mendez, N. P. (2005) Do Lar para as Ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho*. 5, 51-63

Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.

Mota, K. R. S. (2017). Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. *Revista Extraprensa*, 11(1), 108-127.

Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.139729>>

Pereira, S. A. M., & Mourão, L. (2005) Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. *Motriz*, 11(3), 205-210.

Pinto, C. R. J. (2003) *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Pinto, C. R. J. (2010) Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15-23. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é Vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas 2017*. Brasília: PNUD. 2017

Requixá, R. (1977) *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *SUR*, 13(24), 99-104.

Rouquette, M. L. (2000). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (2ª ed.). Goiânia: AB.

Saavedra, L., & Nogueira, C. (2006). Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 11, 113-127.

Santini, R. M., Terra, C., & de Almeida, A. R. D. (2016). Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). *P2P e Inovação*, 3(1), 148-164. Disponível em: <<https://doi.org/10.21721/p2p.2016v3n1.p148-164>>

Sarti, C. (1988) Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Caderno de Pesquisa*, (64), 38-47.

Scott, J. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.

Team, R. C. (2017). *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing; 2016.

Thompson, J. B. (2000). *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

Van Dijk, T. A. (2006). Ideology and discourse analysis. *Journal of Political Ideologies*, 11(2), 115-140.

APÊNDICE 1

Questionário

Na primeira parte, você ouvirá características pessoais e deverá indicar para cada uma delas se são aspectos: *Quase sempre do homem* (HH), *mais do homem* (H), *mais da mulher* (M), *quase sempre da mulher* (MM), ou *de ambos igualmente* (A).

[PARA O PESQUISADOR: MARCAR A OPÇÃO DE RESPOSTA COM X]

Emoção	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalho	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Responsabilidade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Sensibilidade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cooperação	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Força	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Tolerância	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Competição	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Obediência	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Razão	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Egoísmo	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Ternura	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Agressividade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Delicadeza	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Poder	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cuidado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Beleza	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Submissão	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

A seguir, serão apresentadas algumas atividades de lazer, e a partir do que você pensa sobre elas, classifique-as como sendo apropriadas: *Quase sempre para o homem* (HH), *mais para o homem* (H), *mais para a mulher* (M), *quase sempre para a mulher* (MM), ou *para ambos igualmente* (A). Algumas dessas atividades dizem respeito a brincadeiras de crianças.

Fazer caminhada	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Ir para bar	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Praticar luta	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Jogar videogame	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Praticar dança	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Jogar futebol	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Consumir bebida alcoólica	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de casinha	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir novelas	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Iniciar conversa com estranho em festa (tomar iniciativa)	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de boneca	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir filmes de romance	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de carrinho	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir programas de esportes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

A seguir você deverá considerar atividades que dizem respeito a papéis do cotidiano de uma família nuclear, composta por pai homem, mãe mulher e filhos. Opine sobre quem é responsável por executá-las: *Quase sempre o homem* (HH), *mais o homem* (H), *mais a mulher* (M), *quase sempre a mulher* (MM), ou *ambos igualmente* (A).

Pagar as despesas da família	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalhar fora de casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Limpar a casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Lavar a louça	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar no dia a dia	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Realizar consertos em casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras no supermercado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos à escola	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Acompanhar atividades escolares dos filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Interferir quando os filhos fazem algo errado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar com os filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos ao médico quando estão doentes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

Agora pense em um amigo ou amiga com quem você convive e que tenha uma família com essa configuração (pai, mãe, filhos). Responda como você percebe que funciona a divisão de tarefas nessa família.

Pagar as despesas da família	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalhar fora de casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Limpar a casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Lavar a louça	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar no dia a dia	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Realizar consertos em casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras no supermercado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos à escola	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Acompanhar atividades escolares dos filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Interferir quando os filhos fazem algo errado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar com os filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos ao médico quando estão doentes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

Informações Socioemográficas

Sexo: (Masc) (Fem)	Idade: ___ anos	Bairro onde mora: _____
Religião: (Ateu) (Católico) (Evangélico) (Espírita) (Outra: _____)		
(se for o caso) Considera-se praticante dessa religião? (Sim) (Não)		
Renda estimada (soma dos salários ou rendas do indivíduo ou de sua família, se morar com ela): (até R\$ 937) (938-1.874) (1.875- 2.811) (2.812-4.685) (4.686-9.370) (9.371- 18.740) (+ de 18.740) (Não sabe) (Não quis informar)		
Escolaridade: <input type="checkbox"/> Nunca estudou ou não terminou a 4ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau); <input type="checkbox"/> Terminou a 4ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau); <input type="checkbox"/> Terminou a 8ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau); <input type="checkbox"/> Terminou o ensino médio (antigo segundo grau) e não está cursando ensino superior (faculdade); <input type="checkbox"/> Está cursando ensino superior (faculdade); <input type="checkbox"/> Concluiu ensino superior (faculdade).		
Situação de relacionamento: <input type="checkbox"/> Solteiro) <input type="checkbox"/> Casado/a) <input type="checkbox"/> Namorando) <input type="checkbox"/> União estável) <input type="checkbox"/> Divorciado/a) <input type="checkbox"/> Viúvo/a)		
(se for o caso) Mora junto? (Sim) (Não)		Tem filhos? (Sim) (Não)
Orientação sexual: (Heterossexual) (Homossexual) (Bissexual) Outra: _____		

Pesquisador que aplicou o questionário: _____

Local da aplicação: _____

Data da aplicação: ____/____/____